UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

CENTRO DE ARTES

CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EU E O CARNAVAL, O CARNAVAL E EU:

MEMÓRIAS DANÇANTES A PARTIR DE UM OLHAR AUTOETNOGRÁFICO

KEITY MACHADO LEMKE

Pelotas, RS

2018

KEITY MACHADO LEMKE

EU E O CARNAVAL, O CARNAVAL E EU:

MEMÓRIAS DANÇANTES A PARTIR DE UM OLHAR AUTO-ETNOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus

Pelotas /RS

2018

KEITY MACHADO LEMKE

EU E O CARNAVAL, O CARNAVAL E EU:
MEMÓRIAS DANÇANTES A PARTIR DE UM OLHAR AUTO-ETNOGRÁFICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança – Licenciatura, no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança.

Pelotas, 14 de Dezembro de 2018.

Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus (Orientador)
Universidade Federal de Pelotas

Prof.ª. Drª. Carmen Anita Hoffmann (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

M.Sc. Cátia Fernandes de Carvalho (Avaliadora)
Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho à minha família, aos amores da minha vida: Bruno, Mariana e o meu esposo André.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir estar nesta trajetória, pois creio que o meu caminho está traçado desde meu nascimento.

Aos meus pais Neir e Sônia por ter me acolhido em seu lar e me ensinado a ser uma pessoa de bem e com caráter e por terem me ensinado que o amor vence qualquer barreira.

Ao meu esposo André por todos estes anos de companheirismo, amor, carinho e acima de tudo amizade e por ter me proporcionado o auxílio necessário para a conclusão da minha formação acadêmica.

Para meus filhos Bruno e Mariana por serem anjos em minha vida, por compreender tão bem as ausências dessa mãe e por embarcar na minha enlouquecida viagem dançante.

A minha fiel escudeira Virginia Borges e minha irmãzinha Patrícia crespo, por estarem sempre disponíveis a me ajudar quando eu acreditava não conseguir seguir em frente.

Ao meu dedicado orientador, pois sem sua orientação este trabalho não teria acontecido, obrigada por acreditar que eu seria capaz. Prof. Thiago deixo aqui um sincero agradecimento por todas as preocupações, conversas, sorrisos, lágrimas, escutas, caronas e obrigada por ser este ser humano incrível que aprendi a gostar e respeitar nestes 4 anos de convívio. Se tivesse que repetir esta trajetória minha escolha seria você.

Ao curso de Dança e a Universidade Federal de Pelotas, onde fiz grandes amigos e vivenciei momentos acadêmicos que levarei comigo.

Aos meus colegas Carol Portela, Marina Timm, Gregory Pinheiro, Renan Brião, Cintia Mendes e Sidinéia Milano por estarem sempre me apoiando até o final, pois sem vocês essa trajetória teria sido mais difícil, agradeço por cada sorriso, briga, abraço, lágrima e por cada dança que produzimos juntos, Valeu por terem cruzado no meu caminho meus amigos.

A escola de Samba Estrela D'alva e Clube 24 de Agosto, pois esta paixão pelo carnaval surgiu dentro do barracão da escola e do salão de baile do Clube cada momento que vivi nestes espaços ajudaram na minha formação e sou muito grata por fazer parte destas duas grandes famílias.

A todos (as) vocês, meu muito obrigada por fazerem parte da minha trajetória.

“A dança é a linguagem escondida na alma.”

MARTHA GRAHAM

RESUMO

LEMKE, Keity Machado. **Eu e o carnaval, o carnaval e eu:** memórias dançantes a partir de um olhar auto-etnográfico. 2018.178f. Trabalho de Conclusão de Curso (Dança Licenciatura) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente estudo tem como tema o carnaval. O objetivo principal deste é recuperar memórias pessoais e coletivas de uma carnavalesca, artista e futura licenciada em dança. Através da trajetória de vida, descrita em narrativa e corroborada com entrevistas de participantes, este trabalho apresenta por meio de alguns autores, como Lages(2017) e Oliveira(2017), como a interação com a arte desde a infância pode influenciar a formação profissional de uma futura professora de dança. O percurso do trabalho se desdobra a partir das memorias vividas no carnaval de Jaguarão, especialmente a partir da trajetória como rainha do clube 24 de Agosto e como integrante da Escola de Samba Estrela D´Alva. Este foi divido em 4 fases, a primeira representa a minha infância e a aproximação com o mundo do carnaval através da família, a segunda a adolescência e os aprendizados na escola e a vivência do carnaval acompanhada, a terceira a fase adulta e a nova relação com o universo do carnaval através da nova família constituída e a quarta culmina com a vida acadêmica e o entendimento do universo dançante através da formação. Está escrito na primeira pessoa por representar uma autoetnografia e trazer minhas experiências vividas neste contexto carnavalesco. Como método ainda foram utilizados a saída a campo de característica etnográfica que aconteceu no período de Janeiro e Fevereiro de 2018, com pesquisa desenvolvida também em 2018 dentro do curso de Dança. A partir deste trabalho, entendo que meu corpo é formador de história e que é constituído de memórias que me auxiliam nesta trajetória dançante, que só foi possível ser percebido quando adentro a academia e sou indagada sobre minha formação dançante.

Palavras chaves: Autoetnografia; Dança; Carnaval; Jaguarão.

ABSTRACT

LEMKE, Keity Machado. **Me and the carnival, the carnival and I:** memories dancing from a self-etnographic look. 2018. 178f. Graduation Work (Dance Degree) - Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

The present study has as its theme the carnival. The main objective of this is to recover personal and collective memories of a carnival artist and future dance graduate. Through the life trajectory, described in narrative and corroborated with interviews of participants, this work presents, through some authors, such as Lages (2017) and Oliveira (2017), how the interaction with art from childhood can influence professional formation of a future dance teacher. The course of the work unfolds from the memories lived in the carnival of Jaguarão, especially from the trajectory as queen of the 24 de Agosto club and as a member of the School of Samba Estrela D'Alva. This was divided in 4 phases, the first represents my childhood and the approach to the world of carnival through the family, the second to adolescence and learning in school and the experience of the carnival accompanied, the third adulthood and the new relationship with the universe of the carnival through the new constituted family and the fourth culminates with the academic life and the understanding of the dancing universe through the formation. It is written in the first person for representing a self-ethnography and bring my experiences lived in this carnival context. As a method, the field of ethnographic characteristics that was carried out in January and February of 2018 was also used, with research developed also in 2018 within the Dance course. From this work, I understand that my body is a history-builder and that it is made up of memories that help me in this dance trajectory, that it was only possible to be identified when inside the academy and I am asked about my dancing formation.

Keywords: Autoethnography; Dance; Carnival; Jaguarão.

RESUMEN

LEMKE, Keity Machado. **Yo el carnaval, el carnaval y to**: memorias danzantes desde una mirada auto-etnográfica. 2018.178f. Trabajo de Conclusión de Curso (Danza Licenciatura) - Centro de Artes, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

El presente estudio tiene como tema el carnaval. El objetivo principal de este es recuperar recuerdos personales y colectivos de una carnavalesca, artista y futura licenciada en danza. A través de la trayectoria de vida, descrita en narrativa y corroborada con entrevistas de participantes, este trabajo presenta por medio de algunos autores, como Lages (2017) y Oliveira (2017), como la interacción con el arte desde la infancia puede influenciar la formación profesional de una futura profesora de danza. El recorrido del trabajo se desdobla a partir de las memorias vividas en el carnaval de Jaguarão, especialmente a partir de la trayectoria como reina del club 24 de agosto y como integrante de la Escuela de Samba Estrela D'Alva. Este fue dividido en 4 fases, la primera representa mi infancia y la aproximación con el mundo del carnaval a través de la familia, la segunda la adolescencia y los aprendizajes en la escuela y la vivencia del carnaval acompañada, la tercera la fase adulta y la nueva relación con el universo del carnaval a través de la nueva familia constituida y la cuarta culmina con la vida académica y el entendimiento del universo danzante a través de la formación. Está escrito en la primera persona por representar una auto-etnografía y traer mis experiencias vividas en este contexto carnavalesco. Como método todavía se utilizó la salida a campo de característica etnográfica que ocurrió en el período de enero y febrero de 2018, con investigación desarrollada también en 2018 dentro del curso de Danza. A partir de este trabajo, entiendo que mi cuerpo es formador de historia y que está constituido de memorias que me auxilian en esta trayectoria bailable, que sólo fue posible ser identificado cuando adentro la academia y soy indagada sobre mi formación danzante.

Palabras claves: Autoetnografía; bailar; Carnival; Yaguarón.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Imagem da lembrança de aniversário do 1º ano de vida (1982) (Fonte: Arquivo Pessoal).....22

Figura 2: (Eu) Bailarina no 1º baile de carnaval 1983. (Fonte: Arquivo Pessoal).....24

Figura 3: Imagem do aniversário de meu primo Fabiano em Novembro 1993. (Fonte: Arquivo Pessoal).....25

Figura 4: Foto de um baile infantil com meu irmão, e primas no carnaval de 1988. (Fonte: Arquivo Pessoal).....27

Figura 5: Foto com a princesinha do clube 24 de Agosto no ano de 1990. (Fonte: Arquivo Pessoal).....29

Figura 6: Eu, e meus irmãos, Patrícia e Alexandre, no 1ºbaile infantil da minha irmã no clube 24 no ano de 1992. (Fonte: Arquivo Pessoal).....30

Figura 7: Alguns primos reunidos na frente do Clube 24 de Agosto no Carnaval 1993. (Fonte: Arquivo Pessoal).....32

Figura 8: Eu e meu noivo Leonardo na quadrilha da escola PIO XII em 1991. (Fonte: Arquivo Pessoal).....33

Figura 9: Eu e Virgínia, Alexandre e Júnior após sermos coroadas 1º e 3º princesas da Escola Estrela D'Alva. (Fonte: Arquivo Pessoal).....36

Figura 10: Boneco do Negrão e da Negrona juntamente com o Rei Momo de Jaguarão, na década de 80 (Fonte: Arquivo Pessoal).....38

Figura 11: Eu, minha mãe e meu pai em no dia do meu 1º aniversário em setembro de 1982. (Fonte: Arquivo Pessoal).....40

Figura 12: Imagem da fachada do Clube Social 24 de Agosto no ano de 2017. (Fonte: Arquivo Pessoal).....42

Figura 13: Eu e Nestor na corte da soberana do Clube 24 de Agosto em 1997. (Fonte: Arquivo

Pessoal).....44

Figura 14: Imagem realizada no dia da minha coroação como soberana do Clube 24 de Agosto no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....47

Figura 15: Imagem com meus pais na recepção em minha casa no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....50

Figura 16: Imagem com parte da minha corte no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....51

Figura 17: Desfile na Av. 27 de Janeiro no carnaval de 1998. (Fonte: Ar Pessoal).....52

Figura 18: Eu no carro alegórico durante o desfile na Av. 27 de Janeiro no Carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....53

Figura 19: Imagem onde estou Eu e o Rei Momo Davi na Av. 27 de Janeiro no carnaval de 1998 (Fonte: Arquivo Pessoal).....54

Figura 20: Imagem após a coreografia no salão de baile do Clube 24 no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal) 55

Figura 21: Visita a Associação Cruzeiro Jaguarense no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....56

Figura 22: As visitas do Clube 13 de Maio de Piratini e do Clube Unión del Uruguay no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....57

Figura 23: Imagem da Sheron, meu pai e eu sambando no salão do clube Jaguarense. (Fonte: Arquivo Pessoal).....59

Figura 24: Imagem minha desfilando na av. 27 de Janeiro no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).....60

Figura 25: Eu e meu esposo André no Teatro Esperança em dezembro de 2001. (Fonte: Arquivo Pessoal).....62

Figura 26: Na imagem Nestor e eu dançando na Av.no carnaval de 2000. (Fonte:

Arquivo
Pessoal).....64

Figura 27: Imagem de como era os reboques no carnaval na década de 1990. (Fonte: Jornal J3).....67

Figura 28: Imagem minha com meu esposo e amigos no carnaval de 2011. (Fonte: Arquivo
Pessoal).....68

Figura 29: Imagem da tia Mocinha em seu último desfile em 2013. (Fonte: Arquivo Pessoal).....71

Figura 30: Imagem de fundação da escola Estrela D'alva na década de 1960. (Fonte: Arquivo Pessoal).....73

Figura 31: Na imagem tia Mocinha e tio Negro como mestre sala e porta bandeira na década de 1980. (Fonte: Arquivo Pessoal).....75

Figura 32: Imagem Patrícia e Lucas como casal de Mestre Sala e Porta Bandeira no ano de 2014. (Fonte: Arquivo Pessoal).....76

Figura 33: Imagem do pai, Dada e Bruno no bloco do Papão no ano de 2010. (Fonte: Arquivo Pessoal).....78

Figura 34: Ala da família no desfile da escola no ano de 2013. (Fonte: Arquivo Pessoal).....80

Figura 35: Bruno e meu pai na Velha guarda da escola no ano 2014. (Fonte: Arquivo Pessoal).....80

Figura 36: Bruno e Mariana fantasiados de índios no carnaval de 2015. (Fonte: Arquivo Pessoal).....81

Figura 37: Festa de Natal da Família MOB'S no ano 2017. (Fonte: Arquivo Pessoal).....82

Figura 38: A Imagem da turma de balé do curso de Dança no ano 2015. (Fonte: Arquivo
Pessoal).....87

Figura 39: Imagem da minha primeira composição solo no curso de dança no ano de 2015. (Créditos: Luana Arrieche no ano de 2015)

.....90

Figura 40: Imagem dos componentes da mesa verde na UFRGS no ano de 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal).....91

Figura 41: Imagem da participação do grupo Tabla no espetáculo Aláfia na cidade de Jaguarão no ano 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal).....91

Figura 42: Imagens de algumas apresentações do grupo Tabla no ano 2017. (Fonte: Arquivo Pessoal).....94

Figura 43: Imagem da minha atuação de estágio na Escola Municipal Joaquim Nabuco no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....96

Figura 44: Imagem do grupo de Pibidianos na escola Balbino no ano de 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal).....97

Figura 45: Imagem da Mariana Lemke (Minha filha) na 1º cena do Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....103

Figura 46: Imagem (Frame) do Bruno, Mariana e a boneca durante o Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....103

Figura 47: João Gabriel Farias e Bruna Chagas (Frame) no espetáculo MOB'S no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....105

Figura 48: Imagem (Frame) da velha Guarda no Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....106

Figura 49: Imagem (Frame) da Roda de samba no Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....107

Figura 50: Imagem (Frame) do público que assistiu o espetáculo MOB'S no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).....108

Figura 51: Imagem feita após a apresentação do espetáculo MOB'S. (Fonte: Arquivo Pessoal).....109

SUMÁRIO

1. **Introdução.....15**
2. **Percurso Metodológico.....18**
3. **Os Primeiros Passos da Bailarina.....22**
4. **Um Sonho de Realeza no Carnaval.....41**
5. **Liberdade na Vida: A Paixão pelo Carnaval só Aumenta.....61**
6. **A Dança Como Profissão: Um Caminho de Descobertas.....85**
7. **Considerações Finais.....110**

Referencias.....113

Apêndices.....117

Anexos.....120

1.

1. INTRODUÇÃO

Neste estudo, busquei e encontrei registros que meu ajudaram a compreender de que forma o carnaval está presente em minha vida e como contribuiu (e ainda contribui) com minha formação acadêmica, e de que maneira isso reverbera na minha formação como artista da dança.

Optei pela temática do carnaval por ser este um assunto de muita relevância em minha vida. Ao realizar um levantamento inicial de informações, acabei me deparando com poucos registros sobre o Carnaval de Jaguarão, este importante carnaval regional que, com o passar dos anos, se tornou tão frequentado e requisitado, recebendo milhares de foliões anualmente.

Até chegar ao início efetivo desta pesquisa, relutei bastante (e até briguei com meus pensamentos), pois não admitia pesquisar e escrever algo só por fazer. Acredito que para um trabalho ser bem-sucedido é preciso que ele “te toque” de alguma forma, faça seu corpo pulsar e te faça feliz, que é como me sinto quando falo em carnaval. Não teve jeito; minhas memórias gritaram e saltaram à flor da pele; a lágrima correu a face e não deu para fugir... “Eu vim do carnaval, sou do samba e isso não posso negar!”

A presente pesquisa tem como objetivo principal recuperar as minhas memórias pessoais e coletivas enquanto carnavalesca e investigar como e se a experiência como participante no Carnaval de Jaguarão influenciou/influencia a minha formação e a constituição da minha trajetória dançante. Para auxiliar o estudo, são estabelecidos como objetivos específicos os seguintes: contextualizar o Carnaval de Jaguarão, especialmente nos âmbitos da Escola de Samba Estrela D'alva e do Clube 24 de Agosto[1]; - mapear e analisar as principais fases e acontecimentos

[1] O Clube 24 de Agosto leva este nome por ter sido fundado nesta data onde os sócios Teodoro Rodrigues e Malaquias Oliveira no final de uma reunião no círculo operário jaguarense resolveram conversar sobre a ideia de formar um clube para pessoas negras na cidade na noite de 24 de Agosto

de 1918 (Livro 24 de Agosto 100 Anos de Resistência de um clube social negro na fronteira Brasil – Uruguai).

carnavalescos que influenciaram a minha trajetória dançante; e, -relacionar estes acontecimentos com minha formação artística e acadêmica enquanto licencianda em dança.

A questão de pesquisa que é norteadora desta investigação teve como preceito o seguinte: de que forma as vivências no Carnaval de Jaguarão compõem minhas memórias e se articulam na constituição da minha trajetória dançante? Tal questão é desenvolvida mediante uma perspectiva metodológica da Autoetnografia. Esse questionamento insere-se na linha de pesquisa – no Curso de Dança – chamada Processos Históricos Culturais e Políticos, no qual enquadramos esse trabalho.

Justifico a proposta desse tema porque me constituo uma agente do carnaval e acredito que não há como, sob hipótese alguma, negar minhas origens. Sendo assim, entendo que necessito refletir para entender como meu corpo movente foi mobilizado desde cedo e se constituiu dançante dentro de um ambiente carnavalesco que passou por várias modificações durante meio século.

Entendo que vários sujeitos-corpos dançantes se formaram dentro da Escola de Samba Estrela D'alva e carrego como hipótese a ideia de que as pessoas que ainda estão imersas neste ambiente, em sua maioria, não notaram isso. Após muito refletir sobre o tema da presente investigação, assumo que fui formada bailarina desde pequena no ambiente carnavalesco, pois meus pais adoram o Carnaval e isso fez com que eu estivesse envolvida com este contexto desde muito menina.

Minha mãe conta que, quando criança, não podia frequentar a casa da Tia Mocinha (Fundadora da Escola de Samba), pois sua residência era frequentada em sua maioria por pessoas que, segundo populares, “não seriam de boa índole”, por exemplo, os gays. A mãe lembra que nem mesmo visitar a tia era possível, pois não lhes era permitido, e quem fosse visto frequentando a escola, os ensaios e até desfilando na entidade não era bem visto pela sociedade.

A partir da recuperação destas e de muitas outras memórias carnavalescas, então, comecei a organizar minhas ideias e percebi que grande parte da família (quiçá toda ela) é constituída de corpos-dançantes que se conectavam e ainda se

conectam através da dança, através do carnaval, através da escola de samba frequentada pela nossa família.

Do período em que era criança, relembro que podia ir visitá-la e acompanhar os ensaios. Ir na casa da Tia Mocinha sempre era uma festa: havia muita pluma, muito brilho... Porém, quando a bateria tocava, eu era proibida de sambar, uma vez que “moça de família não podia ficar sambando no meio do povo”. Eu era apaixonada por ver sambar a minha Prima Divane; eu “tremia toda” e registrava na memória cada movimento, cada olhar, cada gesto que ela executava e corria pra casa para repetir em frente ao espelho. Hoje percebo que minha dança surgiu através do que era tido como proibido. Com isso, pergunto-me: quantos outros corpos dançantes não se formaram assim?

Também entendo que o presente trabalho se justifica pela possibilidade de trazer à tona no âmbito universitário a temática do carnaval, de modo que a escolha por este assunto abarca um contexto popular e por reconhecer que este tipo de manifestação se perpetua por gerações.

Para um melhor entendimento deste estudo, apresento uma síntese da estrutura mediante à qual ele está organizado: após esta breve **Introdução**, trago o **Percurso Metodológico,** onde apresento como se deu o caminho processual de realização desta pesquisa. Em seguida, temos o primeiro capítulo teórico-reflexivo que é intitulado como **Os Primeiros Passos da Bailarina,** onde busco apresentar como a dança surge na minha vida ainda criança; no segundo capítulo, denominado **Um sonho de Realeza no Carnaval,** conto-lhes como é realizar o sonho de ser soberana de um clube social negro em Jaguarão; no capítulo seguinte, **Liberdade na Vida: A Paixão Pelo Carnaval só Aumenta**, trato de temas como autonomia e também reflito sobre o processo de participação na minha escola de samba. O último capítulo teórico-reflexivo aborda **A Dança como Profissão: Um Caminho de Descobertas**, problematizando meu percurso de dança e carnaval após o ingresso na universidade. A seguir, o trabalho se encaminha para a conclusão com o capítulo das **Considerações Finais**, que é seguido das referências, apêndices e anexos.

Espero que aproveitem a viagem ao meu Carnaval...

Boa Leitura!

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho que percorri até entender quais seriam as melhores escolhas metodológicas para este estudo foi de intensas descobertas e desafios. Para compreender este processo, início explicando que o estudo se trata de uma pesquisa autoetnográfica, articulada com uma pesquisa de campo qualitativa de caráter etnográfico.

Dedico-me ao estudo em que proponho um olhar autoetnográfico que tem um enfoque narrativo-descritivo, o qual traz histórias e relatos de vida da pesquisadora. Por este motivo, a escrita, no decorrer do texto, ora será em primeira pessoa do singular, ora na primeira pessoa do plural (quando prevalecer a perspectiva de coletivo), onde busco explicar as vivências em grupos como as experiências com o grupo familiar na escola de samba e no clube, especialmente.

Busquei o olhar da pesquisa autoetnográfica para apresentar a minha experiência pessoal como uma busca de construção de conhecimentos, pois não pretendo apresentar verdades exatas com meu estudo e, sim, apresentar uma forma de registrar o saber adquirido com a experiência vivida.

Considerando as diferentes possibilidades metodológicas que eu tive acesso desde que ingressei na universidade, considerei que a autoetnografia era o tipo de metodologia que melhor me ajudaria a expressar e desenvolver meu trabalho, uma vez que outros métodos não me deixavam tão à vontade para empreender uma investigação discursiva com considerável componente subjetivo como está a que me proponho neste estudo.

Tal perspectiva teórico-metodológica está assentada num panorama contemporâneo de possibilidades que são aceitas e ao mesmo tempo legitimadas pela autoetnografia, as quais são destacadas por Versiani (2005), quando a autora destaca:

> [Na Autoetnografia,] o sujeito produtor de conhecimento passa a explicitar seu próprio ponto de vista circunstanciado, suas heranças socioculturais e seus pressupostos téorico-críticos que, por sua vez, podem ir se alterando ao longo do processo investigativo pela atuação de fatores específicos e contingentes, como mudanças de localização e status do pesquisador, de seus interesses, dos processos de interação entre pesquisador e

> sujeitos com os quais se relaciona ao longo da pesquisa. (VERSIANI, 2005, p. 210-211)

Mesmo após tentativas de utilizar outras abordagens, não consegui adequar as metodologias à minha ideia inicial de estudo; então, quando fui apresentada a autoetnografia, na Disciplina de Projeto de Pesquisa em Dança, percebi que estava descobrindo o caminho para a realização da minha investigação com as características que desejava. O encontro com a autoetnografia, assim, me proporcionou tranquilidade para a realização desta investigação.

Para além do caráter autoetnográfico, o estudo também inclui uma Pesquisa de Campo, sobre a qual Lakatos e Marconi (2010) explicam que este tipo de investigação é

> [...] utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.186)

Para tratar sobre pesquisa qualitativa, Mynayo (2002) explica que tal tipo de estudo "(...) busca um nível de realidade que não pode ser quantificado, isso significa que a experiência vivenciada por mim não pode ser medida, somada ou avaliada com rigor", o que reforça o tipo de abordagem que é preterida na presente investigação.

Por fim, cabe ressaltar que a Pesquisa Etnográfica é um método de estudo utilizado pelos antropólogos com o intuito de descrever os costumes e as tradições de um povo. Sendo assim, Angrosino (2008, p.30) explica que "a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano-suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças". Mattos (2011), por sua vez, conclui:

> A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. (MATTOS, 2011, p.50)

Esta pesquisa teve seu início em Janeiro de 2018 e teve a investigação de campo na Cidade de Jaguarão, Estado do Rio Grande do Sul, onde estão alocados

os sujeitos que contribuíram/participaram de meu estudo. Para a realização desta, entrevistei sujeitos que fizeram e fazem parte de minha trajetória; com isso, procurei dividi-los em categorias e elenquei temas principais como: carnaval; escola de samba; família; e, memórias.

Na realização deste estudo foram coletadas informações de pessoas que fazem parte das relações de convívio familiar da pesquisadora e que se articulam através da arte popular carnavalesca. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados para esta pesquisa: entrevista semi-estruturada, diário de campo, conversas informais, observações dirigidas, análise de fotos e vídeos, e a observação participante.

A respeito da observação participante, Lakatos e Marconi (2010, p.194) explicam que está nada mais é que a "[...] participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. [...] Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste." Neste sentido, adotei a observação participante como uma forma de melhor interação para a realização desta pesquisa no contexto de produção do desfile carnavalesco para o ano de 2018.

No que se refere ao registro das minhas impressões durante o período da pesquisa, foi criado um diário de campo, onde me propus a relatar o que eu senti, vivenciei e observei no processo de ida a campo, bem como durante a feitura e escrita do texto.

Para Manzini (1991):

> [...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (MANZINI, 1991, p.154)

Para a realização das entrevistas foi necessário entrar em contato com os sujeitos escolhidos. Primeiramente, comuniquei-me com cada um/uma por telefone para saber da respectiva disponibilidade; o próximo passo foi agendar as entrevistas

que seriam/foram realizadas, as quais aconteceram no período de janeiro a fevereiro do corrente ano, todas na cidade de Jaguarão.

Os entrevistados foram pensados e escolhidos depois de um amplo processo de reflexão, sob aval do professor orientador do trabalho. Estes sujeitos foram eleitos por fazerem parte de modo significativo da minha trajetória carnavalesca, desde a confecção da 1º fantasia para os bailes infantis e passando pelo período como Soberana do Clube Social 24 de Agosto. Além disso, alguns deles são meus melhores exemplos de como amar o carnaval e a nossa Escola de Samba Estrela D'Alva.

A partir daí, iniciei o processo de entrevistas. Para a captura de som e imagem utilizei de gravação com câmera fotográfica e telefone celular. A primeira entrevista foi realizada com Divane Dutra de Quadro, afilhada e filha adotiva da Tia Mocinha, integrante da escola desde seu nascimento, e minha prima. O segundo entrevistado foi Nestor Billafan, integrante da escola e amigo pessoal desde a minha adolescência. Após, entrevistei Claudio Dias de Oliveira, carnavalesco da entidade, atuante no carnaval de rua desde seus 15 anos membro da Escola de Samba Estrela D’alva há 35 anos. Por último, foi realizada a entrevista com Luiz Carlos Mendes Fernandes Marques, o popular “Frigideira”, um dos fundadores da escola, que ingressou na agremiação em 1964, quando tinha 16 anos.

Pela responsabilidade de pesquisadora e pressuposto ético do trabalho, disponibilizei um Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento para os participantes do estudo que, prontamente, aceitaram a participação no estudo e os termos de realização da entrevista. Além do referido aceite, todos os sujeitos autorizaram a utilização e divulgação de suas identidades com seus respectivos nomes e qualificações.

Após a coleta de dados, foram feitas as transcrições e análises das entrevistas realizadas e tais informações compuseram o escopo de dados levantados e registrados durante a investigação, de modo a integrar o processo reflexivo de escrita dos capítulos deste trabalho.

A seguir, apresento os quatro capítulos teórico-reflexivos que apresentam e problematizam minha trajetória, que foi dividida cronologicamente para fins de organização temática e também conceitual.

3. OS PRIMEIROS PASSOS DA BAILARINA

Para dar início a esta história, retorno às memórias do dia 10 de setembro de 1981, na cidade de Jaguarão, interior do Rio Grande do Sul, fronteira Brasil – Uruguai, dia do meu nascimento. Fui adotada aos dois meses por um jovem casal oriundo de uma família humilde que, além de serem meus padrinhos de batismo, acabaram virando meus pais.

Meus pais me acolheram nos primeiros meses de seu matrimônio e me deram amor, carinho, afeto, casa, comida e uma família. Com essa família, recebi os meus primeiros ensinamentos como: apreciar meu lar, as pessoas que me cercam, assim como os valores sociais que carrego sempre comigo onde quer que eu vá.

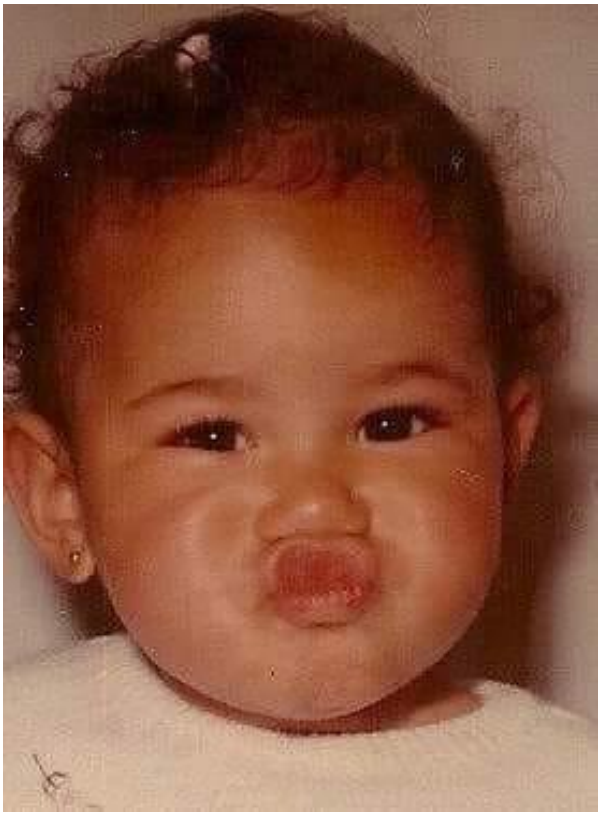

Figura 1: Imagem da lembrança de aniversário do meu 1º ano de vida em 1982. (Fonte: Arquivo Pessoal).

A foto apresentada acima foi feita para ser utilizada como lembrança do meu primeiro aninho, onde todos me pediam para fazer “biquinho”, história contada pelos

meus pais. Com o resultado do registro, o encantamento dos meus familiares foi tão grande que ainda a guardam como lembrança.

Referente às minhas memórias mais remotas, cito Arend (2006), apoiada em Bachelard, que discorre sobre esse exercício possuir uma carga complexa, no qual a autora denomina como casa da infância.

> Nossa casa de infância é um lugar único e é nela que construímos nossas primeiras impressões sobre os objetos, as pessoas e o mundo. É nesse ambiente que as cores e as texturas marcam os momentos que nos acompanham pela vida. [...] Sobre as lembranças da casa de infância, é importante lembrar que a família também exerce uma grande função na construção da identidade e subjetividade, pois ela sustenta e assegura a união do sujeito ao mundo social. Outras influências também são importantes nessa construção, como, por exemplo: os móveis, os objetos de uso comum no cotidiano e demais utensílios do lar pertencentes a esses espaços. Todos eles unem-se ao sujeito com significados próprios e tornam-se parte constituinte de sua estrutura identitária durante a vida. (AREND, 2016)

Também foi no seio deste núcleo familiar que tive meu contato inicial com o carnaval, no qual foi registrado na foto a seguir (Figura 2). Esse momento remete aos meus primeiros passos de dança que começam, sem dúvida nenhuma, nas festas carnavalescas.

Esta fase da minha vida é muito marcante, tanto que me emociono ao lembrar dos acontecimentos e de tudo aquilo que até hoje me contam, por meio de “causos” e histórias. Sobre a minha infância, recorro a um dos depoimentos realizados durante uma das entrevistadas feitas para esse estudo. O depoimento verbal[2] de Divane Dutra (2018) relata o seguinte:

> Como eu cuidei desde pequenininha, eu lembro de tudo... todas as suas fases, quando começou a caminhar, falar, tudo... sempre muito mimosinha. [...] É fácil... tu ia nos ensaios. A criança quando não gosta, ela não participa! não pode com aquela barulheira, [...] ela não sente. E tu não! Tu tava ali, e acompanhando. Tu queria estar junto. Tu queria estar ali, aí tu não sabia nem dançar. Mas tu já te balançava!! Depois quando tu começou a caminhar... tu dançava! tu dançava ali, e não era um dançar assim de criança (se embalar), era dançar! Já era dar os passos de samba, era já fazer uma coreografia - no caso viam a mãe ensaiar - tu já fazia as

[2] Depoimento Verbal prestado por Divane Dutra em conversa com a pesquisadora, durante o processo de coleta de dados externa, realizada na cidade de Jaguarão, no dia 26 de Janeiro de 2018, cuja transcrição encontra-se disponível, na íntegra, ao final deste trabalho (Anexo1). Dutra, Divane. 2018. **Entrevista concedida por Divane Dutra para pesquisa acadêmica do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas**, em 26.01.2018. Jaguarão/RS.

> coreografias da mãe. Era pequenininha e tu já girava[...]. (Entrevista de Divane Dutra).

As palavras de Divane reforçam a compreensão de que me apresentaram o carnaval quando eu ainda era muito pequena, mesmo que, nesta época, eu não conseguisse entender ou projetar a importância que isso teria em minha vida.

A foto seguinte (figura 2), foi encontrada no momento em que resolvi mergulhar em minhas memórias através do acervo pessoal de minha casa. O registo ilustra o meu momento de inserção no carnaval, já que estou no meu primeiro baile de carnaval infantil, em 1983. Com essa foto também percebo a importância que a minha família dava à festa, pois embora eu fosse muito pequena já era encorajada a participar deste mundo de fantasias, onde mesmo com uma certa “cara de assustada” posso afirmar que já estava entrando em um processo de constituição enquanto bailarina.

Figura 2: (Eu) Bailarina no 1º baile de carnaval de 1983. (Fonte: Arquivo Pessoal).

A foto anterior registra um dos habituais bailes de carnaval que ocorriam no Clube 24 de Agosto, no qual, até hoje, sou frequentadora e sócia. Naquela época, lembro-me da presença do “Seu Getúlio”, um antigo sócio que postulava o cargo de presidente da referida entidade. Os bailes carnavalescos eram animados com bandas de música ao vivo, onde, nós, crianças das famílias frequentadoras (incluindo as crianças da minha família como, por exemplo, primos e primas), queríamos muito brincar. O baile era um momento festivo para as crianças se divertirem, também era um espaço de socialização e de construção de relações e amizades.

Quando falo das crianças da minha família, recordo de muitas lembranças da minha infância que permanecem vivas. Falar de meus companheiros de meninice é algo que me traz boas recordações e uma grande saudade.

Éramos várias crianças e quase todos com a mesma faixa etária. Brincávamos e brigávamos muito, mas como todos eram primos e primas, sempre estávamos unidos para aprontar e, no carnaval, adorávamos pular nos bailes infantis juntos. Adoraria colocar uma imagem de toda a turma, porém, naquela época, foto era algo muito raro e de pouco acesso, então, garimpei entre os familiares alguma imagem que pudesse apresentar estas crianças que fizeram parte da minha infância.

Figura 3: Imagem do aniversário de meu primo Fabiano em Novembro de 1993. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Minhas tias também eram muito participativas. Na imagem acima, Tia Carmen aparece com a gente (crianças), segurando meu primo menor, Leandro, e todos estávamos comemorando o aniversário do meu primo Fabiano. Também recordo que minhas tias criavam e confeccionavam as fantasias das crianças de modo a irem parecidas no carnaval, uma estratégia criada pelos mais velhos para que nós não nos perdêssemos no meio das outras crianças.

Para nossa família, levar todas as crianças aos bailes infantis de carnaval, no Clube Social 24 de Agosto, era uma forma de aproximação com a cultura[3] do carnaval e com a formação do próprio Clube, já que a família participou da fundação do espaço. Ademais, pelo menos para a nossa família, a expectativa, a conversa, o "se arrumar" sempre se destinava ao Clube 24 de Agosto, embora houvessem bailes infantis em outros clubes da cidade. Além disso, ao final do carnaval, sempre havia um "ritual" de preparo para os anos seguintes e, então, começávamos a compreender melhor essa festa, pouco a pouco.

Santos (2014), ao apresentar a sua vivência no carnaval com as crianças, explica que elas podem ser sujeitos que produzem cultura, capazes de explicar o mundo em que vivem. Esse é um processo de educação que, conforme a autora,

> [...] as crianças são costumeiramente orientadas pelas mais velhas de como devem proceder, como circular entre os ambientes [...] e tratar respeitosamente todos os integrantes de sua agremiação. (SANTOS, 2014, p.15)

Essa primeira aproximação com o carnaval, ainda pequena, através dos meus familiares, com a vivência dos primos mais velhos e os mais novos em um espaço em que a família pertence desde a sua fundação, me insere em um contexto de aprendizagem contínuo que começa na primeira infância e se prolonga. O meu primeiro encontro, enquanto indivíduo, com um espaço totalmente distante, pelo menos até aquele momento, no qual me apresenta, cores, sons, sensações e ambientes que não eram comuns nos meus primeiros anos. Ao mesmo tempo, por fazer parte da trajetória dos indivíduos, que junto a mim formam a minha família e

[3] Cultura: Pode ser definida como ciências sociais formando um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais apreendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Para Geertz cultura inclui conhecimento a arte, as crenças, a lei, a moral e os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano não somente em família, como também por fazer uma sociedade do qual é membro.

comunidade, me introduzem em um espaço no qual passo a ter uma intimidade sem fim. Na fala de Divane Dutra (2018), é possível perceber isso:

> O baile infantil sempre! Todos nós fomos né!! A gente levava vocês, e tu sempre querendo ir de fantasia. Sempre tinha que ter uma coisinha. Participava do baile, que também é uma coisa que criança nem sempre… Elas chegam entusiasmada, por que estão de fantasia, mais na metade; já estão cansadas, já quer ir embora. Outras chorando, outras só querendo atirar confete e tu não! Tu tava sempre querendo fazer a volta… Dançando, dançando, ou ficava na frente do palco do 24 dançando sempre! Sempre dançando! Tu sempre foi um pouquinho diferente das outras crianças nessa parte. (Entrevista de Divane Dutra)

Com esta passagem, minhas memórias são reavivadas fortemente e com isso dou início a uma busca para tentar (re)conhecer como eu chego nesse lugar como participante de uma sociedade, o Clube Social 24 de Agosto. Este, um espaço em que a comunidade[4] negra Jaguarense podia se reunir não só para brincar o carnaval, mas no meu espaço de criança enquanto foliã, mas desenha o caminho no qual a minha família escolheu para que eu pudesse conhecer o carnaval. Quando relembro das participações nestes bailes, logo recordo da imagem da minha bisavó Genésia e meu bisavô Darci, um casal que tinha uma certa idade e trabalhavam nos bailes de carnaval vendendo churrasquinho.

Na foto a seguir, está meu irmão Alexandre, a Eveli (Lu), eu e minha prima Aline, no baile infantil no clube 24 de Agosto e, logo atrás, está meu bisavô escondido. Não tenho imagem com ele, mas, hoje, noto que eles eram a resistência daquele espaço e a inspiração de alguns familiares.

[4] Comunidade: Utilizo o termo comunidade como uma forma de pensar a coletividade na solução de problemas E a não propagação do individualismo. Assim pensar no próximo e respeitar os seus direitos e viver harmoniosamente com as diferenças, ter senso de solidariedade. Para Peruzzo e Volpato comunidade é um conceito amplo que abrange situações diversas mais que ao mesmo tempo se apoia em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais

Figura 4: Foto de um baile infantil com meu irmão e primas no carnaval de 1988. (Fonte: Arquivo Pessoal).

O fundador do Clube foi meu tataravô Malaquias e, desde então, o Clube 24 de Agosto se configura como uma extensão da nossa casa, por ser um espaço de convivência e de resistência da cultura negra popular e pelos direitos dos negros nessa comunidade. Nunes (2010), em seus estudos, discorre da seguinte forma sobre os fundadores:

> O Clube 24 de Agosto foi fundado em 24 de agosto de 1918 por iniciativa de dois amigos: Malaquias de Oliveira e Theodoro Rodrigues. Na fundação do clube participaram mais onze pessoas, entretanto os nomes mais citados nas entrevistas realizadas são os de Malaquias e Theodoro, sendo que este último é tido como a figura principal pela empreitada de fundação de uma instituição para o divertimento e sociabilidade dos negros em Jaguarão. (NUNES, 2010, p.37)

É nesse conjunto de participações de adultos e crianças, dos velhos e dos novos, dos vivos e dos mortos, que o meu carnaval começa, cheio de significados. Segundo Toren (2012) apud Santos (2014), podemos dizer que:

> Compreender o mundo circundante é um aspecto crucial do ser humano. Disso se segue que o aprendizado, é um processo espaço-temporal dinâmico que em cada ponto, de modo inevitável, situa historicamente os humanos em relação a outros seres, em lugares e momentos específicos do tempo no mundo que habitam. Em outras palavras, qualquer ser humano é, em todos os aspectos de seu ser, um produto transformador dinâmico do passado por ele vivido e está situado em relação a todos os outros (jovens e velhos, vivos e mortos) cujas ideias e práticas estejam contribuindo para

> estruturar as Condições de sua existência presente. (SANTOS *apud* TOREN, 2014, p. 15).

Nesta dinâmica das relações entre eu, o carnaval, meus primos e familiares, recordo que era costumeiro irmos aos bailes infantis, onde eu adorava observar as princesinhas que utilizavam suas belas fantasias. Aquilo tudo, em certas ocasiões, me “enchia” o olhar e me encantava. Logo, ficava imaginando quando seria minha vez de ser princesinha do Cube, algo que não alcancei em minha infância, porém participei da corte de duas princesinhas.

A corte era formada por um grupo de crianças que acompanhavam a princesinha do clube. No meu olhar de criança, que admirava o reinado de outras meninas, durante o carnaval, concretiza-se o aprendizado, baseado na observação e vivência da infância, salientado por Santos (2014), exposto anteriormente.

Recordo-me de ter participado de duas cortes, não mais que isso, porque as crianças tinham que sair, fazer visitas em outros clubes e como eram muitas crianças minha mãe ficava receosa de nos deixar longe de seu olhar e, por isso, eu não podia participar com tanta frequência (anualmente). Quando lembro das cortes infantis de carnaval tenho uma recordação específica, muito viva em minha memória, eu achava as cortes um tédio!

Na próxima imagem (fig. 5), estou com minha prima Aline e uma Princesinha do Clube 24 de Agosto, no qual vestíamos uma saia rosa, uma blusinha branca, sapatilhas prateadas e um chapeuzinho na cabeça (que me ficava pequeno e estava sempre caindo). Ademais, não conseguia andar com o tal adereço porque queria dançar qualquer música que tocasse, em contrapartida, as outras crianças não estavam tão empolgadas como eu, pois, conforme vemos na foto, enquanto uma se deliciava com seus dedos a outra olha atravessada. Talvez quisesse participar da minha vez de ser fotografada, pois, naquela época, foto era algo raro e quando aparecia alguém com uma câmera fotográfica corríamos para ser fotografados.

Figura 5: Foto com a princesinha do clube 24 de Agosto no ano de 1990. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Como podemos notar na foto, o ambiente do Clube 24 de Agosto, com todas as cores, formas do carnaval e embalado pelas bandas musicais, foi o principal estímulo para eu me aproximar da dança. Dantas (1999, p. 111) ressalta que durante a dança "[...] tão importante quanto os estímulos e as qualidades que se oferecem através do ambiente são os estímulos e as qualidades oferecidas pelo movimento do corpo". Até aqui, minha experiência com a dança, conforme os relatos que trago das minhas memórias e dos que me acompanharam, mostram uma pequena menina que adorava dançar e movimentar o corpo sem compromisso com a arte da dança, um tipo de conhecimento que se estuda e se aprende, mas eu, de forma muito intuitiva e infantil, enxergava os movimentos como algo que pode trazer alegria e satisfação.

A foto a seguir mostra o instante em que, provavelmente, minha mãe me chamou do meio do salão para tirar uma foto. A minha expressão é de quem teve que parar de dançar e aproveitar o baile para registrar a presença na festa.

Figura 6: Eu e meus irmãos, Patrícia e Alexandre, no 1º baile infantil da minha irmã no clube 24 no ano de 1992. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Naquela época, os bailes eram com bandas ao vivo e eu queria estar sempre na frente do conjunto dançando, mas como os registros fotográficos não eram rotineiros, tínhamos que realizar uma parada para a foto quando o fotógrafo estava presente. Cabe ressaltar que ao fundo da foto está o trono da soberana do Clube, onde, geralmente, se realizavam os registros mais importantes.

Como foi dito anteriormente, na imagem acima (fig.6), estamos eu e meu irmão segurando a nossa irmã caçula, Patrícia (Tici, apelido carinhoso que demos a ela), no seu primeiro baile infantil de carnaval. Nessa foto, eu deveria ter em torno de 10 anos de idade e estava usando uma das fantasias que mais me marcaram, “Sara Jane”[5], composta por um vestidinho de chita amarradinho no ombro, uma flor rosa no quadril e, nos pés, minha mãe decidiu que eu usaria um chinelo. Não gostei da

[5] Sara Jane foi uma artista da década de 80, precursora do axé *music* e seu maior sucesso foi “A Roda”.

decisão, na verdade, detestei, porque sempre gostei de usar calçados que fossem firmes nos pés, pois eram melhores para sambar.

Houve um carnaval que eu queria estar fantasiada de sereia (eu não me recordo muito bem o porquê, mas acho que era por causa de uma novela, algum filme ou algo que vi que tinha uma sereia). Minha mãe acabou tirando a ideia da minha cabeça, porque não seria possível dançar nos bailes com uma fantasia de sereia, segundo ela, eu ficaria deitada em cima do palco com a banda tocando, as pessoas passando e eu deitada, olhando, só balançando a cauda e, por conta disso, decidi que aquilo não era pra mim e acabei desistindo da fantasia.

Por conta dos primos saírem sempre com fantasias parecidas, Virgínia, minha prima, deslocava-se de Pelotas e para passar o carnaval em Jaguarão e nós sempre saíamos fantasiadas iguais. Na imagem abaixo, eu e a Virgínia estamos bem parecidas (o restante das pessoas na foto são meus outros primos). Identificando-os partindo da esquerda para a direita estão: Virginia Borges, eu (Keity Lemke), Veronica e Natalia Ramos, Lucineide Machado, fantasiada de baiana, Paulo Ricardo Machado (Paulinho), Paulo Eduardo Madruga, Fabiano Machado, meu irmão Alexandre Crespo, Wilmom Borges (Junior) e minha irmã Patrícia Crespo, fantasiada de bailarina. Estes são os meus parceiros de infância e como de praxe estávamos na frente do Clube 24 de Agosto.

Figura 7: Alguns primos reunidos na frente do Clube 24 de Agosto no Carnaval 1993.

No ano de 1993, eu e minha prima decidimos que, especialmente naquele ano, nós mesmas escolheríamos o que iríamos usar no carnaval e combinamos de vestir uma regatinha vermelha, visto que já estávamos maiores (adolescentes) e os bailes infantis já não eram tão atrativos. Eu também queria ficar com a barriguinha de fora, então, junto com a regata, colocamos um shortinho curtinho e um lencinho na cintura, porque o shortinho era muito curto e precisávamos esconder a os glúteos, uma “exigência das mães”. Além disso, minha prima usava um chapéu na cabeça. Nesse mesmo ano, minha irmã se fantasiou de bailarina e os meninos já não queriam mais usar fantasias, então, foram trajados de bermuda e regata.

Era incrível, pois éramos muitos! A Tia Carmem tinha três filhos, a minha mãe mais três, a minha Tia Solange outros dois e a Tia Vera também três, ou seja, éramos muitas crianças e todos tinham que ir para o baile de carnaval, pois aquele era “o grande momento” das crianças.

Para além dos bailes de carnaval, também dancei na escola, uma atividade que me deixava mais leve. Em casa, eu brincava lustrando o piso da sala, pois ele era de parquet e após passar cera em pasta, para deixar brilhando, como não tinha enceradeira em casa, eu pegava um blusão de lã que não me servia mais, colocava nos pés e dançava até o piso ficar brilhando. Entendo que toda a minha

aproximação com a dança é algo que surge na infância, isso está na minha essência, algo que simplesmente surge e vou me dar conta bem mais tarde.

Eu também dançava muito em frente ao espelho que tinha na sala da minha casa, era uma forma de me distrair... Mesmo que me mandassem fazer alguma tarefa, eu enxergava o espelho e já fugia de qualquer outra atividade.

Incluo nestes relatos outro acontecimento, quando dancei na escola durante o período em que cursava o 4º ou 5º ano do Ensino Fundamental. Nessa época, acabei conhecendo a professora Paula, que me estimulou a dançar na Quadrilha da escola; mas o papel que eu queria ocupar era o de noiva. Eu não queria ser só uma dançarina da quadrilha, queria mesmo o papel principal.

Aqui, conto uma situação inusitada: a roupa que usei foi um vestido que uma noiva deixou na igreja e o Padre me emprestou; usei e devolvi para Igreja, porque o vestido estava lá como pagamento da promessa de uma noiva e eu não podia quebrá-la. Segue abaixo a foto que registra a ocasião relatada:

Figura 8: Eu e meu noivo Leonardo na quadrilha da escola PIO XII em 1991. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Essa fase de menina, que começou com seus primeiros passos, foi se consolidando até eu mudar de escola, ingressando na grande escola da cidade, Colégio Comercial Carlos Alberto Ribas. Nesta instituição, havia mais uma professora de artes que incentivava/organizava festivais na escola, para os quais ela convidava todas as suas turmas propondo o seguinte: "- O aniversário da escola é em outubro, então, vocês tem que ensaiar, se organizar. Escolham uma música para se apresentar porque teremos o Festival da escola. Não é concurso, e vocês vão mostrar o que vocês fazem de melhor... cada um vai mostrar uma arte, podendo ser dança, canto, pintura, recital, e etc. O importante é que todos mostrem algo na festa de comemoração ao aniversário da escola". Esta narrativa ficou marcada em minhas memórias de modo bem importante, tanto que retornam na escrita deste trabalho com bastante vigor.

Com isso, minha primeira apresentação em palco foi no Teatro Esperança, o grande teatro da cidade. Nesta ocasião, haviam dois grupos distintos, um grupo que rivalizava com outro. Havia o grupo das ricas e o grupo das pobres. As chamadas "ricas" eram colegas que dublavam uma música da cantora Daniela Mercury, onde havia uma delas que, por ter os cabelos crespos, imitava a cantora e as outras meninas eram suas bailarinas. Era muito legal!

Além desse grupo, havia o "grupo das pobres", que dançavam samba, uma música do Grupo Molejo ("Diz aonde você vai que eu vou varrendo"), cujas integrantes éramos eu, a Vanessa e a Cristiane. Nossa performance, assim como a apresentação do outro grupo, também foi muito legal. Nós, enquanto grupo, olhávamos para o grupo das ricas e víamos as diferenças eram bem grandes como, por exemplo, o figurino. As meninas ricas confeccionavam as roupas na mesma costureira para que ficassem iguais, usavam maquiagens e adereços, ao contrário de nós que não tínhamos grandes criações, visto que éramos pobres e concebíamos os figurinos a partir do que tínhamos em casa. Como costumo dizer até hoje: "- Eu crio tudo o que eu tenho!"

Dentro dessa perspectiva, recorro a Dantas (1999), que me permite refletir sobre este percurso, transcendendo um simples relato da época de criança, percebendo a presença da dança desde cedo em minha trajetória:

> Dançar é da carne, à memória do primeiro ato para recuperar o movimento com sentido a intenção com que foi criado. Dançar, como já se viu, é da carne a sensação através dos movimentos. É também, dar carne aos sentimentos ao que só pode ser sensível e assimilável mas não traduzível modulando-os no corpo. Tornando visível, no corpo, a sensibilidade". (DANTAS,1999, p.115)

Vale registrar que, sob o ponto de vista pessoal, é difícil falar de mim mesma e recordar de momentos de quando eu ainda era menina. Esta última fase da escola, por sua vez, finaliza um ciclo, que começa naquela menina, em um baile de carnaval em 1983 e vai até os meus 13 anos, período em que dancei na escola e no teatro.

Colocar o meu corpo para dançar, seja para brincar um carnaval, em um espaço cheio de significados, que hoje entendo como meu, ou colocar a dança no meu corpo para cumprir as tarefas de casa, ou percorrer esse caminho da dança na escola, que tão bem me apresentaram e estimularam, como um espaço para que eu pudesse criar, do meu jeito, todas essas formas, traduziram, em mim, uma sensibilidade que até o momento dessa escrita eu não conhecia.

Tenho nítido em minhas memórias que eu era uma menina muito presa; minha mãe pouco "me soltava" ou permitia que disfrutasse da dança e do movimento fora do nosso lar. Realmente, meus primeiros passos na dança foram iniciados em casa.

Figura 9: Eu, Virgínia, Alexandre e Júnior após sermos coroadas 1º e 3º princesas da Escola Estrela D'Alva. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Com esta fala, recordo de quando tive a oportunidade de ser a 1º Princesa da Escola de Samba Estrela D'alva, como apresento na foto anterior. Este concurso foi realizado através de venda de votos e todos os meus votos foram vendidos por minha Tia Mocinha. Fui eleita 1ª Princesa, mas só participei porque quando criança não me era permitido desfilar na escola de samba então. Eu carrego esse título na memória e em uma única imagem registrada.

A participação das crianças no carnaval, conforme nos fala Santos (2014), não é muito enfatizada nas bibliografias que consultei e tive acesso. Apesar da sociologia da infância afirmar que as crianças são sujeitos que produzem cultura, essa participação, segundo a autora, firma-se no campo do aprendizagem. Em relação as escolas de samba, Santos (2014,) relata:

> [...] é um lugar de aprendizado, onde se partilham valores, crenças, hábitos que se expandem para espaços além dos muros da quadra. [...]Durante o

> ciclo carnavalesco os ensaios na quadra se estendem para a rua, apresentações em eventos, programas de televisão. As crianças aprendem a se socializar, cumprir regras e limites, respeitar os mais velhos; noções básicas para o estabelecimento do convívio em coletividade, já que independentemente da idade, a comunidade se une por uma causa comum. A festa continua, porque alguns dos “pequenos”, quando crescem, acabam se tornando profissionais do carnaval e têm a escola como sua diretriz, isso faz o carnaval permanecer sempre vivo e renovado a cada ano. (SANTOS, 2014, p.14)

Esse concurso feito para crianças exprime a aproximação com o universo do carnaval. Seguindo os postulados de Santos (2014), já que as crianças da nossa família não podiam desfilar na avenida, essas atividades garantiam, de certa forma, a manutenção e a herança do legado do carnaval que nos pertence nos dias atuais. Além da escola de samba, havia também o bloco carnavalesco, no qual as crianças eram autorizadas a participar.

Eu e a Virgínia convivemos há muito tempo, desde o seu nascimento, seis meses após o meu, e, desde muito jovens, íamos aos bailes de carnaval e estávamos sempre juntas. O único fato que não me recordo referente a nossa convivência é se ela participava dos desfiles do Bloco do Negrão, no qual eu participava acompanhada de minha mãe e meu pai.

Minha mãe, o pai e o meu falecido Tio Paulo Henrique participavam do Bloco do Negrão. Meu pai dançava embaixo da personagem Negrona, o Tio Paulo Henrique embaixo do personagem Negrão e nossa mãe nos levava para acompanhar. Nesta fase, também nos fazia companhia minha outra prima, a Aline, que também era menor que eu.

Na foto que segue (fig. 10), temos o Negrão e a Negrona, juntamente com o Rei Momo daquela época. O meu pai, Seu Madruga, está embaixo da grande boneca, pronto para dar-lhe vida.

Figura 10: Bonecos do Negrão e da Negrona juntamente com o Rei Momo de Jaguarão, na década de 80. (Fontes: Arquivo Pessoal).

A marca do bloco era o boneco Negrão, vestido de terno preto com uma cartola, e também a boneca Negrona, trajada de vestido vermelho e com os cabelo feitos de palha de aço. Tudo isso, este cenário e estes personagens, são muito nítidos na minha memória.

À época, eu não sabia se dançava ou se olhava, porque a boneca se movimentava para cima e, logo em seguida, para baixo, com o seu vestido vermelho rodado. A Negrona se embalava e era encantador vê-la. Estas cenas me chamavam bastante a atenção. Memórias que levarei para o resto da minha vida.

Ainda criança, eu chorava para poder ir assistir aos ensaios, porque a mãe nos levava para casa da Tia Mocinha para visitar, mas não podíamos desfilar na escola. Quando desfilei pela primeira vez já era adolescente e a Tia Mocinha, já era “A Mocinha” há muito tempo! Também recordo que ir na sua casa era só encanto, pois logo na entrada éramos recepcionados por um leão que era utilizado no carro abre-alas da escola e, por muitos anos, este carro alegórico foi o mesmo.

A escola tinha uma sede no centro, na casa desta tia, e nós íamos só de passagem. Tais imagens são bem nítidas na minha memória. Também lembro que adorava ver e admirar minha prima sambar, a Divane. Ela sambava, sambava, sambava até cansar, durante os ensaios... Era o máximo! Pra mim, era visualizar o

que eu amava, a dança. Eu não podia sambar no ensaio porque, segundo os mais velhos, uma moça de família não podia ficar sambando no meio do povo e na rua; por conta disso, o que me restava era olhar.

Em contrapartida, eu tinha o meu espelho, que me auxiliou quando eu estava aprendendo a sambar, pois eu copiava cada gesto, cada movimento que eu via e me despertava o interesse por aquela dança. Eu analisava cada movimento da Divane e quando chegava em casa, na hora de encerar e lustrar o piso da sala da minha mãe, reproduzia todos. Aprendi a sambar olhando. Para contextualizar esse meu aprendizado, me ancoro em Gonçalves (2010), que diz:

> Na escola de samba, não é usual ouvir a expressão dançar samba, mas simplesmente “sambar”, verbo que define a particularidade da ação de se expressar corporalmente, com movimentos característicos e seguindo o ritmo deste gênero musical. Não basta, portanto, mexer o corpo de qualquer jeito. Há modos próprios de fazê-los, executando determinados movimentos dos pés e dos quadris e expressando olhares e sorrisos no rosto. (GONÇALVES, 2010, p. 2010)

Aprendi a sambar olhando, olhando... Olhando e copiando cada movimento de braço, de perna, de quadril, e também cada sorriso. Esta minha experiência de aprendizagem vem ao encontro dos escritos de Gonçalves (2010), pois era algo que me encantava muito. Nesse contexto, também lembro das brincadeiras de dança que imitávamos a Tia Mocinha, pois ela era porta-bandeira da escola e durante os seus ensaios nós a imitávamos usando um cabo de vassoura e uma toalha amarrada na ponta. Eu era porta-bandeira e o meu primo, Eduardo, era o mestre-sala. Esta cena é bastante marcante também.

Com tantas recordações, acabei lembrando que, quando garota, juntamente com um primo, participamos de um concurso de lambada que aconteceu na rádio e os ensaios eram realizados na minha casa. Durante os ensaios fazíamos apresentações para os tios e quando aconteciam os concursos, nós participávamos. Nessa época, eu tinha entre 8 ou 9 anos. Eu já dancei lambada também!

Acredito que a dança está em mim desde muito criança e até o momento foram estas memórias que consegui reativar, pois esta fase não volta mais. Eu dancei, dancei bastante, tudo que foi possível e permitido, pois, para mim,

minha dança nasce do proibido e foi bastante realizada em casa, com os primos, com as vizinhas e com as colegas de escola.

Essa infância teve início nos bailes infantis e, com o passar dos anos, fui ganhando novos amigos. Fui bailarina, tentei ser sereia, fui havaiana e até me aventurei na imitação de Sara Jane. Comecei o ciclo infantil como bailarina de vermelho e acabei como bailarina do shortinho.

Figura 11: Eu, minha mãe e meu pai em no dia do meu 1º aniversário em setembro de 1982. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Por fim, trago a imagem acima, que demonstra como fui e sou privilegiada. Esta foto foi feita no dia da minha festinha de 1 aninho. Tive uma infância feliz, com um jovem casal que me adotou ainda bebê e me deram casa, comida, amor, carinho e mais dois irmãos. Quando tudo parece estar perdido, alguém te estende a mão e me dá mais do que a mão, de uma forma ou de outra, me deram vida e uma família.

4. UM SONHO DE REALEZA NO CARNAVAL

Com o fim da minha infância, entro em uma outra fase da minha vida: a adolescência; uma fase em que descobri várias coisas e, uma delas, era que eu queria ser Rainha de Carnaval. Algo que eu olhava e parecia de outro mundo, algo que tinha como bastante distante de mim. Esse desejo surgiu em minha casa, assistindo os desfiles do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro, pela televisão. É excelente recordar isto, porque eu não podia ir aos bailes adultos naquela época, pois tinha entre 12 e 13 anos, ou seja, era muito pequena para frequentar tais eventos carnavalescos.

Naquela época, as meninas começavam a frequentar bailes noturnos somente após o seu debut, ou seja, após participarem do baile em que seus pais as apresentavam para a sociedade. Como eu frequentava o Clube Social 24 de Agosto e, como lá não se fazia baile de debutante, as nossas mães estipulavam o momento em que poderíamos começar a frequentar bailes noturnos e, assim que fossemos autorizados, os primeiros bailes deveriam ser supervisionados por algum casal de tios. É importante ressaltar que na minha adolescência, foi no Clube 24 que tive a oportunidade de explorar o carnaval mais de perto.

Figura 12: Imagem da fachada do Clube Social 24 de Agosto, no ano de 2017. (Fonte: Arquivo pessoal)

O Clube 24 de agosto, como já havia abordado anteriormente, faz parte da história da minha família, pois meu tataravô participou da sua fundação em 1918. Esse espaço carrega a memória e as vivências de um tempo de resistência que retrata a formação de espaços identitários da comunidade negra de Jaguarão no início do século XIX.

No livro de 100 anos do clube, organizado por Al-Alam [et al] (2018), destaca-se que a constituição deste espaço se deu pós-abolição, assim como muitos espaços de resistência no Brasil. No capítulo de escrita do organizador, Al- Alam (2018, p.56) nos destaca que a "[...] batalha travada com suor, lágrimas e sorriso no rosto, tanto nas festas quanto na felicidade de ver gerações passarem, permanecerem e seguirem suas trajetórias sem esquecer da identidade de ser membro do Clube 24."

Muitos dos que vieram antes de nós passaram por esse importante espaço de socialização da comunidade negra jaguarense, apaixonaram-se e nos colocaram nessa grande família, na qual fomos ensinados a nos posicionar, a saber como participar e quais locais frequentar.

Como citei anteriormente, aos 12 anos eu ainda não podia ir aos bailes adultos durante o carnaval e também já era grande demais para os bailes infantis,

pois só iam crianças pequenas e eu me sentia deslocada e, por ser grande, ajudava os adultos a cuidar dos pequenos. Minha outra opção era ir para a praça admirar o desfile de rua e voltar para casa. Como já havia salientado no início desta escrita, eu adorava acompanhar desfile pela televisão e posso citar que me recordo de um desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel que era composto por um destaque que vinha bem alto em um carro alegórico amarelo ouro e a fantasia da moça era curta, cravejada de bordados, com uma bota maravilhosa e um resplendor enorme, todo dourado.

O meu encantamento pelo o que é belo, pelo brilho e pelo luxo, é algo que me emociona. Conforme Nadir Nobrega Oliveira (2017): “o que é o belo e o sentimento do belo? Acredito que o sentimento do belo é provocar emoção no espectador.” (OLIVEIRA, 2017, p.141). Ver aquele destaque na TV me deixou em êxtase e emocionada. Quando eu a vi, logo disse a minha vó: “- o dia em que eu for Rainha do 24, eu quero uma fantasia assim, curta, que eu possa ter movimento, para sambar, dançar no meio das pessoas e que as pessoas possam me olhar, me admirar”. Esse desejo foi cultivado desde os meus 12 anos, olhando os desfiles e admirando os destaques.

Para as mães poderem manter o controle sobre nós, pequenos, produziram no carnaval 1995 fantasias de havaianas e no carnaval de 1996 uma roupa fluorescente. A minha era rosa Pink e a da Virgínia era laranja. Note-se: por serem fluorescentes, é que éramos vistas de longe.

Quando eu completei 15 anos, em 1997, meu pai assumiu a presidência do Clube 24, e então pensei: - Agora é o momento! Com meu pai como presidente, serei rainha no primeiro ano. Mas meu pai se contrapôs ao meu desejo expresso, dizendo: “- Filha minha, como Rainha, nem pensar!” Sendo assim, fiquei mais um ano de fora do processo. A rainha daquele ano foi Lucelaine Teixeira.

Com meus pais integrantes da diretoria, como Casal-Presidente, tive que entrar para a corte e, naquele carnaval, fomos eu e a Virginia, juntamente com nosso amigo Nestor. Foi muito ruim participar da corte, pois quando criança já tinha participado e não gostava dessa experiência, o que só renovou o meu sentimento. Minha mãe estava sempre “no meu pé” e eu “queria curtir”.

Figura 13: Eu e Nestor na corte da soberana do Clube 24 de Agosto em 1997. (Fonte: Arquivo pessoal)

Na imagem acima (fig.13), estamos eu e Nestor, de mãos dadas com a colega de corte. Como podemos notar, a rainha está sendo amparada no carro alegórico, pois o vento naquele dia estava forte. Todavia, eu adorava cada vez que tiravam alguma parte da fantasia dela, quando a mesma se sentia incômoda, pois eu colocava tal adereço e saia dançando.

O mais interessante era quando eu colocava o seu resplendor[6] e as pessoas comentavam que a rainha era muito empolgada, mas quando chegavam perto viam que era eu. Nesses casos, eu sempre explicava que estava ajudando porque a rainha estava com dores nas costas e não conseguia carregar peso. De modo geral, isso foi positivo, pois a diretoria me escolheu para ser a rainha do ano seguinte. Costumo dizer que fazer o que se gosta não cansa, não dói e sempre acreditei que a rainha tinha que ser muito simpática, sorridente e participativa, diferente de algumas que quando sentiam dores ficavam apenas sentadas.

Eis que o meu sonho de infância começa a ter seu trajeto desenhado, pois até uma promessa para Cosme e Damião foi feita por duas integrantes da diretoria que

[6] Esplendor é um adereço utilizado nas costas das soberanas com cascata de plumas e algumas podem ser utilizadas com carrinho para melhor locomoção pois alguns são muito pesados.

prometeram que se eu fosse eleita rainha do Clube 24, elas ofereceriam uma festa no dia comemorativo destas entidades. Com o aceite do meu pai para assumir a coroa, a festa aconteceu.

Diante desses relatos, cito Bruna Fenza [et.al.] (2018), que no livro do Centenário do Clube 24 de Agosto, ressalta o papel da mulher na estrutura do clube, no contexto de uma sociedade machista e racista. Para a autora,

> [...] a presença destas mulheres era fundamental, porém com grande limitações no que se refere a papéis de visibilidade, sendo-lhes permitido desempenhar papéis laborais em atividades que envolviam ações comunitárias [...] (AL-ALAN [et.al.], p.155, 2018)

A reza, a devoção não eram atividades discutidas ou realizadas no interior do clube. As mulheres, a rigor, eram as esposas dos diretores, porém, esse querer apostar em uma ideia, no caso, ver a Keity como rainha do Clube, influenciava nas conversas, fora do "fórum formal"[7] de escolha da rainha, que ocorre em reunião com os diretores. Geralmente, as mulheres compartilhavam suas ideias em casa e, no âmbito social, num baile, por exemplo, as ideias eram conversadas e era decidido se teriam apoio ou não.

O fato de se comprometer com um rito ou uma oferenda a algum santos ou orixás de devoção, leva a ideia para um campo mais sério e viável, fazendo com que as mulheres utilizasses esse artifício para convencer os homens da diretoria a acatarem os seus desejos. Nestor Billafan[8] (2018), um amigo que me acompanhou como integrante da corte da rainha anterior a mim, recorda, em entrevista, o seguinte fato:

> [...] quando tu foi rainha, eu jamais vou me esquecer! Que muita crítica tu teve, por ser rainha, por exemplo: a filha do presidente? não vai ser tanto pelo… Como posso dizer assim… Para não ser tão grosseiro, no modo de

---

[7] Denominamos de "fórum formal" a reunião da Diretoria do clube. Nas eleições da diretoria, eram sempre nomeados os homens que apresentam-se com as esposas, e a referência era sempre feita ao casal diretor. As reuniões de definição das atividades da sociedade, eram sempre realizadas pelos homens, as esposas estavam presentes no clube no horário das reuniões, mas faziam outras atividades. As decisões eram tomadas pelos maridos.

[8] Depoimento Verbal prestado por Nestor Billafan em conversa com a pesquisadora, durante o processo de coleta de dados de campo, realizada na cidade de Jaguarão, no dia 26 de Janeiro de 2018, cuja transcrição encontra-se disponível na íntegra ao final deste trabalho (Anexo 2). Billafan, Nestor. 2018. **Entrevista concedida por Nestor Billafan para pesquisa acadêmica do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas**, em 26.01.2018. Jaguarão/RS.

> dizer. É que as pessoas achavam que tu não tinha capacidade! Pelo teu tamanho, tu por exemplo, por que tu era um pouquinho cheia. E as pessoas achavam… E o sacrifício que tu fez? Que eu jamais vou me esquecer! Que tu, bom irritada sempre foi! Mas o sacrifício que tu fazia? Para parar de comer, para tu ser rainha. E mostrar tua capacidade como rainha. E tu mostrou quem tu eras e fosses assim… Não é porque tu ta aqui, porque tu ta me entrevistando. Pra mim tu foi uma das melhores rainhas! Eu acho assim, sou dessa opinião. Porque tu mostrava alegria, simpatia. (Entrevista de Nestor Billafan, jan 2018)

Durante o meu período enquanto Rainha do Clube, houve momentos em que meu pai gostaria que eu desistisse, mas minha mãe dizia que se eu quisesse, eu seria. Eu fui rainha porque os diretores do clube demandaram este pedido a meu pai, porque ele não queria que eu fosse, mas, contrapondo o seu desejo, os demais diretores diziam que se eu não fosse rainha, naquele ano ninguém seria. Assim, ele acabou se obrigando a aceitar, mesmo que contrariado, porque eu sempre fui muito temperamental e muito transparente, o que levou as pessoas a pensarem que eu era muito grossa e teimosa, além de “gorda”, para ser a Rainha.

Minha coroação ocorreu no Baile de Réveillon, como mostro na imagem a seguir. Posso dizer que eu estava iniciando a realização de um sonho, porém, na ocasião, notei que alguns sócios se posicionavam contrários, questionando o fato de eu, filha do presidente do clube, ter sido escolhida como rainha. Ouvi discursos com este conteúdo por várias vezes.

Quando fui coroada, senti que era um ser iluminado e cheio de vida, ainda mais com uma banda que tocava músicas de carnaval. Sentia que a movimentação do meu corpo, meus olhos e meu sorriso falavam por mim e isso podemos identificar no relato de Alexandra Amorim disponibilizado na dissertação de Mestrado de Vânia Silva Oliveira da Silva(2015):

> A rainha baila, lança seu charme para contagiar o público, é soberana, é suprema perante todos, ela é única, comanda todos, dança da maneira que lhe faz bem e que lhe é concedida por cada música tocada e sentida pelo seu próprio corpo, movimentos sutis mas marcantes, sorriso nos lábios e olhar determinados, gestos delicados mas vibrantes e bater no peito e dizer eu sou a rainha de 2015 do Bloco Afro Ilê Aiyê. (SILVA, 2015 p,169).

Na imagem abaixo (fig.14), trago uma recordação da minha coroação, momento que iniciei o meu reinado.

Figura 14: Imagem realizada no dia da minha coroação como soberana do Clube 24 de Agosto no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Em janeiro daquele ano, minha mãe conseguiu uma fantasia para alugar, o nome era "*Freyjá*: a Deusa do Amor". Lembro que meus pais pagaram uma parte e o clube pagou a outra. Como a proprietária da fantasia era muito magra e tinha pouco busto, tive que emagrecer alguns quilos para servir o traje; em contrapartida, o quadril dela era largo e não foi necessário mexer na cintura da fantasia.

Posso afirmar que quando queremos muito alguma coisa, conseguimos, porque entre janeiro e fevereiro consegui emagrecer 12 quilos, o que me fez literalmente "entrar na fantasia". Ademais, cabe ressaltar a ditadura do corpo ideal para vestir fantasias de carnaval e ser rainha. Pinto (2013), ao falar em seu trabalho sobre corpos ideais para o carnaval, explica que a

> [...] produção de sentidos na folia para os corpos femininos reacende discussões sobre as representações complexas e identidades distorcidas, nudez, pornográfico, erótico, sensual, memória visual

> etc., que levam os sujeitos a moldarem (simbolicamente) um tipo de corpo para a festa carnavalesca e produzirem um corpo socialmente aceito. (PINTO, 2013, p. 91).

O corpo que eu tinha naquela época não era socialmente aceito aos olhos da minha família, por exemplo, mesmo que tenham sido os primeiros a apoiar o meu reinado. Como a fantasia foi criada para outro corpo, tivemos que realizar algumas alterações, por exemplo, nas costas fizemos um trançado porque eu era mais larga que a dona da fantasia e as botas que usei ficaram a cargo de uma tia, que a confeccionou. Lembro que fiquei encantada com tudo, até mesmo porque a fantasia que usei tinha sido feita pelo famoso estilista Pompílio Neves de Freitas. Um luxo só!

Meu sonho sempre foi usar uma fantasia confeccionada por ele, mas o valor era muito alto; então, minha mãe encontrou a fantasia que usei e conseguiu alugar. A realização do meu sonho estava completa. Mainardi (2005), em seu livro, refere o trabalho deste artista natural de Jaguarão, conforme segue.

> Falarmos em Pompílio é citarmos sua passagem com brilho e beleza não só no carnaval, mas também na moda em geral, tais como modelos para casamento, debutantes, comendas, pois com classe e bom gosto, vestiu inúmeras senhoras e meninas da sociedade. (MAINARDI, 2005, p. 111).

Então, chegou o dia tão sonhado a data que marcaria o início do meu reinado, dia 21 de fevereiro de 1998, que começou com uma transformação, pois além do regime, tive que fazer cabelo e maquiagem... foi uma loucura! O professional que minha mãe contratou foi o Claudio Dias Oliveira[9] (2018), cabeleireiro e maquiador, que me acompanhou durante essa fase e também nesta pesquisa. Durante sua entrevista, relatou o seguinte:

> [...] quando é, eu sempre te vi assim dentro da escola desarrumadinha aquela coisa toda entendesse e aí quando eu te maquiei que eu ti vi como rainha no caso, te achei maravilhosa como rainha porque tu mudou muito fisicamente era outra, não era aquela Keity que a gente tava acostumado a conhecer né porque tu não tem sinceramente vou te dizer tu não tem vaidade nenhuma, [...]. Inclusive não foi só uma surpresa pra mim (...) com

[9] Depoimento Verbal prestado por Cláudemir Oliveira, popularmente conhecido por Cláudio, em conversa com a pesquisadora, durante o processo de coleta de dados de campo, realizada na cidade de Jaguarão, no dia 30 de Janeiro de 2018, cuja transcrição encontra-se disponível na íntegra ao final deste trabalho (Anexo 3). Oliveira, Cláudio.2018. **Entrevista concedida por Cláudio Oliveira para pesquisa acadêmica do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas**, em 30.01.2018. Jaguarão/RS.

> toda aquela fantasia com tudo aquele glamour por cima entendesse então aquilo me surpreendeu muito, muito, muito, muito, bom a Mocinha mesmo falava eu não sabia que Keity era que era tão bonita assim (risos) a Keity essa nega branca dizia ela né essa negra branca essa negra branca. (Entrevista de Cláudio Oliveira, em 30/01/18).

Com esta passagem recordo que muito me consideravam branca, mas sempre costumo dizer que filho de negro, negro é, pois não existe uma raça ou etnia pura no Brasil e, sim, existe a conveniência do momento. Conforme Queiroz:

> O dado notável não é só a multiplicidade de termos, mas a subjetividade e a dependência contextual de sua aplicação. De fato, a identificação racial é quase uma questão relacional no Brasil varia de indivíduo para indivíduo, depende do lugar, do tempo e do próprio observador. Quanto mais claro aquele que pergunta, mais “escura” pode ser a resposta e vice-versa. (QUEIROZ, 2000, p. 118).

Na imagem que segue, podemos notar que na minha família encontramos várias tonalidades de cor de pele, que vai ao encontro do que preconiza a constituição miscigenada do nosso país. Apesar dessas diferentes tonalidades, o pertencimento ao grupo étnico negro, assim como em qualquer etnia, nos congrega para a afirmação de que somos iguais na diferença.

Figura 15: Imagem com meus pais na recepção em minha casa no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na imagem acima (fig.15), estão meus pais que, naquele momento, também estavam na posição de Casal-Presidente do Clube 24 de Agosto. Estávamos realizados enquanto família, mas também muito nervosos, pensando como seria o decorrer do meu reinado.

Meus pais organizaram uma recepção, assim como a elite da sociedade jaguarense costumava fazer. Na época, Jaguarão possuía 6 clubes sociais, 2 destes sendo considerados da elite, que ofereciam coquetel a todos que iam ver as suas Rainhas serem entregues ao casal presidente para as festividades de momo. Por outro lado, os clubes menores, que eram caracterizados por ter o seu quadro social composto por trabalhadoras da cidade e que, geralmente, no carnaval, não organizavam recepção para a rainha ser entregue aos representantes do clube; o reinado começava dentro das dependências do clube.

Conseguimos com a prefeitura uma iluminação para colocar na frente de casa e montamos uma mesa com salgados e bebidas, tudo dentro da nossa realidade. Toda a vizinhança da rua que eu morava compareceu para prestigiar e ficaram encantados porque a menina que cresceu no bairro, na rua, na vila, era a rainha de um clube social! Então, quando saio de dentro da minha casa, vestida como as rainhas do centro, a rainha dos ricos, fui aplaudida e vi no rosto de cada um deles que eu lhes estava representando.

Figura 16: Imagem com parte da minha corte no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na imagem acima (fig.16), estão os amigos, primos e vizinhos que faziam parte da corte que me acompanhava nos bailes. Alguns dos que estão na foto também me acompanharam nas visitas a outros clubes sociais. Além disso, também havia na minha companhia uma bateria de escola de samba, mas, infelizmente, não possuo registro fotográfico deste vínculo.

Naquele ano, a minha escola de samba não desfilou no carnaval; então, todos os componentes da bateria saíram para me acompanhar. Eram aproximadamente 130 pessoas usando camisetas com meu nome estampado e também a identificação do Clube 24 de Agosto. Cabe registrar que, além da bateria, todas as pessoas que se sentissem bem de estar comigo neste percurso eram bem-vindas e podiam se juntar ao grupo.

As outras rainhas, diferente de mim, tinham trios elétricos. Na imagem abaixo, podemos ver que atrás do esplendor de plumas brancas vem a bateria que me acompanhava; este foi o registro mais próximo que tenho da bateria que animou durante os desfiles na Avenida 27 de Janeiro, local onde é realizado os desfiles de carnaval da nossa cidade (Jaguarão).

Figura 17: Desfile na Av. 27 de Janeiro no carnaval de 1998.

Foi a melhor fase da minha vida, o melhor Carnaval que vivi! Eu chorei, vibrei e me realizei! Até hoje me emociono em falar sobre esse carnaval, porque passei por várias coisas, dentre elas, provações e conquistas, mas ao realizar meu sonho, me senti perfeita! Digo que sou realizada porque vesti uma fantasia muito parecida com a da moça da televisão. Fui aplaudia, reverenciada quando passava, foram dias lindos! Tal momento me inspira para os escritos de Ferreira & Nunes (2016):

> É fundamental a existência da fantasia no Carnaval. Ela pode ser utilizada apenas como uma alegoria, algo para se integrar à festa, ou como principal ferramenta para uma performance que irá retirar o indivíduo do espaço ao qual ele está acostumado e deslocá-lo para outra realidade. No troca-troca de identidades, todos se tornam um. O antropólogo Roberto Da Matta diz que a fantasia escolhida por um folião revela um desejo escondido, e tem uma relação entre o papel social que a pessoa representa e aquele que ela gostaria de representar. (FERREIRA; NUNES, 2016, p. 15).

Tenho uma tia chamada Maria Dinair, popularmente conhecida por Tidiga, que é praticante de um determinado culto religioso. Ela foi Rainha do Clube

Suburbano, quando de sua adolescência, mas depois que ingressou na religião o carnaval se tornou um “pecado”. Por este motivo, durante os desfiles, fiquei muito feliz em vê-la na Avenida, escondida, me olhando. Eu senti que havia alguém me observando e quando olhei, deparei-me com ela, paradinha na esquina da antiga Rodoviária, escondida atrás do marido, prestigiando o carnaval e a mim.

Que ela percebeu que eu tinha notado sua presença, fez um sinal gestual para que eu não contasse para ninguém. Todavia, não me aguentei e contei, porque, para mim, foi grandioso ver minha tia na praça em pleno carnaval, apesar disso contradizer a sua atual prática religiosa.

Figura 18: Eu no carro alegórico durante o desfile na Av. 27 de Janeiro no Carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na primeira noite de carnaval, a Prefeitura da cidade me convidou para descer do carro, pois era comum a Corte do Carnaval de Rua receber as rainhas e acompanhá-las até a metade da passarela. Minha mãe queria que eu descesse só com a fantasia, sem resplendor, sem calda e sem cetro, mas me recusei, disse que

só descia sem a cauda e que o resto iria comigo. Nesta oportunidade, ela exclamava: “- Essa fantasia é alugada, tu não pode estragar!” E eu dizia: “- Eu vou montada, vocês pagaram um monte de dinheiro e esse momento é meu e ninguém irá me tira.” Foi uma circunstância que trago viva na memória.

Figura 19: Na imagem, estamos Eu e o Rei Momo, Davi, na Av. 27 de Janeiro no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Foi um momento único: sentir que estava passando e a Avenida toda levantada vibrando comigo. Eu não sabia se era eu que vibrava de alegria ou era eles, porque apesar de ser um momento em que eu estava realizada, as pessoas me aplaudiam, gritavam... e isso não tem preço. Em resumo, foram momentos impagáveis.

O Rei Momo, Davi, e o prefeito da cidade, o senhor Victor Hugo Rosa, não queriam que eu me retirasse da avenida, ao que eu respondia: “- Já passa de uma e meia da madrugada e o baile de carnaval do clube começa à uma hora, portanto, estou atrasada e preciso ir, pois os sócios estão à minha espera”.

O carnaval de antigamente, de décadas atrás, em Jaguarão, era dividido entre o carnaval de rua que iniciava com os desfiles das princesinhas dos clubes e se estendia, no máximo, até uma hora da manhã e depois as rainhas passavam

fazendo o chamamento para os bailes nos clubes sociais, os bailes de salão, que só começavam depois que a soberana chegava.

Quando finalmente saí da avenida, pedi que tirassem o meu resplendor porque os ombros estavam doendo. O que eu não sabia era que meus ombros estavam machucados, sangrando, mas eu estava muito feliz. Posteriormente me questionei: “- Como ingressar machucada no clube?” Acabamos improvisando um curativo debaixo das alças e eu segui o previsto e fiz a minha entrada no clube.

Geralmente, as rainhas fazem uma coreografia para abrir o baile, mas eu só queria sambar; então, meu primo Lucas, que é bailarino, disse que íamos criar uma coreografia, dizendo que deveria ser algo imponente. Sem risos, fizemos! A seguir, eu cruzava o salão caminhando até o trono e, a partir daí, a primeira dama e o presidente me davam as mãos e fazíamos a entrada com música tradicional, conforme segue na imagem a seguir (fig.20).

Figura 20: Imagem após a coreografia no salão de baile do Clube 24 no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Nesse dia, surgiu a minha primeira coreografia; nunca tinha imaginado criar uma coreografia e que essa seria tão esperada pelos participantes do clube. Para mim, até o momento, era algo inusitado. Para Fahlbusch (1990), coreografia

> É um processo de seleção e formação de movimentos dentro da dança. Coreografia é derivada de grego: choreia - uma dança coral, e graphia - escrita. Literalmente a palavra coreografia significa a escrita da dança, mas atualmente significa desenho de ação, quer o desenho seja escrito ou não. Contudo, como dança é linguagem, coreografia é a colocação da linguagem na forma. (FAHIBUSCH,1990, p. 117).

Em todos os inícios de baile eu repetia a mesma coreografia, o que, para mim, era algo repetitivo, mas, segundo as tradições do clube, as pessoas ficavam esperando para ver. Eu pensava: "- É uma simples caminhada pelo salão!" Mas vale registrar que nunca tinham visto isso. Depois do meu reinado, todas rainhas começaram a trabalhar a coreografia de entrada, como um modo de apresentação para o quadro de sócios de clube.

Foram quatro noites alucinantes! Eu praticamente não dormia, de tanta ansiedade, à espera do próximo baile, da próxima noite. Ficava pensando qual rainha iria me visitar, já que era tradição do carnaval as soberanas das sociedades, juntamente com sua corte e a diretoria, visitarem os clubes próximos, incluindo, também as soberanas das cidades vizinhas.

Figura 21: Visita a Associação Cruzeiro Jaguarense no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na imagem acima (fig.21), temos a visita que fiz a Associação Cruzeiro Jaguarense, onde estou com a rainha Sheron Rodrigues, o presidente da Associação, Jean Maksoud, e meu pai, então Presidente do Clube 24 de Agosto. Foi uma recepção maravilhosa, pois nunca tinha entrado nas dependências daquele clube social antes.

Já na imagem que segue(fig.22), apareço recebendo, nas dependências do Clube 24, a visita da diretoria e da rainha do Clube Unión, situado na cidade de Rio Branco, Uruguai, cidade que faz fronteira com Jaguarão. Também faz parte da imagem uma rainha da cidade de Piratini-RS, cidade natal do meu pai. A rainha era do Clube 13 Maio que estava sendo presidido pelo primo do meu pai, Jair Farias, naquele período.

Meu tio decidiu fazer uma visita sem saber que eu era a rainha daquele ano e, para retribuir a gentileza, após o carnaval, também fomos a Piratini visitar o clube social co-irmão.

Figura 22: As visitas do Clube 13 de Maio de Piratini e do Clube Unión do Uruguai, no carnaval de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Então, é chegada a última noite! Foi a noite do meu adeus, a noite da finalização do meu sonho, já que, dificilmente, eu iria colocar a fantasia novamente. O carnaval de 1998 foi bárbaro! Épico! O baile começou com a seguinte música: “[...] quem parte leva saudade de alguém que fica chorando de dor[..]”. As lágrimas foram inevitáveis e todos começaram a chorar junto comigo. Eu chorava e continuava chorando, sem saber o porquê. Quando lembro, tenho vontade de seguir chorando.

Chorei até soluçar, o que dava a entender é que alguém tinha morrido. Uma das minhas tias, a Tia Solange, perguntou o que eu estava sentindo e eu respondi que nada, então ela me deu um copo de cerveja e me disse: “- Toma que vai passar!” Minha mãe, na mesma hora, saiu dizendo: “- Que horror uma Rainha beber!” Mas minha tia disse: “- Deixa ela beber! Ela já cumpriu com todo papel dela!

Deixa beber!” Tomei aquele copo de cerveja e minha tia trouxe algo para secar minhas lágrimas.

Na última noite, outra tradição que o Carnaval de Jaguarão carregava era que a banda tinha que levar a rainha para casa. Quando eu saí com a banda para rua, a bateria da escola também estava lá para me levar até em casa, então fomos até minha casa sambando e chorando.

Depois que passou tudo, parando para pensar e refletir, o meu choro era de tristeza, misturado com alegria e com emoção, mas a tristeza que eu sentia era maior que felicidade porque o que aconteceu comigo naquelas 4 noites não iria acontecer de novo. E não vai acontecer novamente! Já se passaram 20 anos e a emoção da lembrança é a mesma. A emoção de que não vai mais acontecer é igual!

Fui extremamente feliz naqueles dias e queria muito poder voltar 20 anos atrás só para reviver tudo novamente, mesmo com as dores, o sangue escorrendo dos machucados e as horas sem dormir. Sobre esses dias, posso retomar uma fala da Divane Dutra (2018) durante a sua entrevista:

> Acho que tu foi uma das melhores rainhas que teve 24! Por que tu trouxe animação e alegria. Tu trazia em cima daquele carro - na 27 - aquele amor! Aquela garra! Que vinha junto com a mãe, sabe! Como se tu dissesse: “Eu não tô em cima do carro, eu não sou a rainha por tá bem arrumada.” Não! Por que tu vinha com amor, para mim, tu foi a melhor rainha de carnaval que o 24 teve. Não vai ter outra. Eu sempre digo isso! Que tu foi a melhor rainha! Que tu transmitia, tu respirava, tudo carnaval! (Entrevista de Divane Dutra).

Queria muito voltar nesse tempo. Foi o marco maior na minha adolescência. Essa vivência ligada à dança e ser a rainha do Clube 24 de agosto é a melhor recordação da minha trajetória dançante que se liga ao mundo que aprendi a amar, o carnaval.

Nesta imagem abaixo (fig.23), só consigo notar corpos que dançam alegres sorridentes e que a felicidade contagia a todos no salão de baile e cada um demonstrando a sua dança. Conforme Miller (2005):

> Dança é aquela palavra que, para cada um terá um significado diferente e todos estarão corretos. Cada resposta terá o seu lado verdadeiro, mas nenhuma pode se fechar como a mais verdadeira. Fica muito em evidência a realidade e a individualidade de cada um para interpretar um mesmo conceito. O que é dança? Se eu desse várias definições aqui, sempre

> estaria faltando alguma colocação mais precisa. Concluo que é pessoal e depende do momento em que você esteja. Dança para mim, hoje, é sentir a verdade do movimento cada um terá a sua verdade, cada um terá a sua dança. (MILLER, 2005, p. 107).

Na adolescência só o que me veem após ser rainha é que meu pai e minha mãe seguiram como casal presidente do Clube 24 de Agosto, que eu segui frequentando e já era autorizada a ir nos bailes adultos. Era uma jovem adolescente e, para mim, não tinha coisa melhor do que baile de carnaval, já que eu dançava muito. Eu não era a menina que ia para namorar, eu era menina que ia para dançar

Figura 23: Imagem da Sheron, meu pai e eu sambando no salão da Associação Cruzeiro Jaguarense. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Quando fui rainha, festejei muito durante as quatro noites; “me desmanchei”, literalmente! Até hoje, quando falam em rainha, sempre escuto alguém citar meu nome como a melhor rainha que o clube teve e, para mim, é gratificante sentir que as pessoas lembram do que eu fiz com amor, com garra e com muita paixão. Esse foi o marco da minha adolescência.

Figura 24: Eu desfilando na Av. 27 de Janeiro no ano de 1998. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na imagem acima podemos notar a alegria de ter meu sonho realizado e tenho certeza que cumpri com o que me propus a fazer, fiz tudo com amor, carinho, dedicação e serei eternamente grata a todos que me apoiaram e aos que duvidaram da minha capacidade, pois utilizei esse sentimento como combustível para alavancar a minha realização pessoal.

5. LIBERDADE NA VIDA: A PAIXÃO PELO CARNAVAL SÓ AUMENTA

Vou contar, a partir daqui, a história de como começo a me sentir mais livre. Mas, primeiramente, quero explicar o que é, para mim, ser livre. Este sentimento me toma quando me aproximei dos 21 anos de idade, momento em que começo a aproveitar a minha vida de uma forma diferente, ou seja, mais liberta. Como sempre fui uma menina presa, meu desejo era me libertar disso, ser livre. Para Cabral *apud* Freire (2013), esse momento pode ser entendido como a fase em que

> [...] o homem tem de transformar-se num sujeito da realidade histórica em que se insere, humanizando-se, lutando pela liberdade, pela desalienação e pela sua afirmação, enfrentando uma classe dominadora. (CABRAL apud FREIRE, 2013, p. 200).

Busquei, então, ser sujeito pleno da minha existência, entendendo as preocupações da minha família como uma forma de me envolver na sua realidade. Entretanto, sempre os enfrentei, buscando os meus direitos de ir a festas sem que nenhum responsável tivesse o dever de me deixar em casa, sem precisar que meu irmão mais novo me acompanhasse.

Foram muitas lutas para conseguir um pequeno espaço de liberdade, onde pudesse me afirmar enquanto pessoa, pois sempre me incomodou ter que depender de terceiros para ir a alguma festa ou local que desejasse, mesmo sendo maior de idade. Neste momento, reencontrei uma amiga de infância, Vanessa Costa, e começamos a sair juntas para apreciar e frequentar outros espaços, além do Clube 24. Buscamos outras festas para dançar e conhecer pessoas.

Nessa época, conheci o meu esposo e comecei a vivenciar minha emancipação, mesmo acompanhada. Em resumo, após essa época, consegui sair do domínio dos meus pais, passei pela vigilância de parentes e amigos, conheci e frequentei outros lugares com uma amiga da juventude, na qual a minha mãe confiava muito, e, por fim, comecei a namorar o André, meu atual esposo, com a autorização da minha família (ver figura a seguir – fig. 25).

Figura 25: Eu e meu esposo André, no Teatro Esperança, em dezembro de 2001. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Durante toda a minha trajetória, desde a infância até a adolescência, sempre fui vigiada e acompanhada nos lugares que tinha vontade de ir, o que me faz refletir que toda essa preocupação ocorrida devido ao medo cotidiano das famílias que faziam parte do nosso ciclo de convivência e que acreditavam que as moças que andassem desacompanhadas nas ruas poderiam ficar “mal faladas”. Algo que remete às décadas anteriores, mas que, nas cidades do interior, como Jaguarão, se faz presente ainda em nossos dias. O intuito de não permitir que andasse só não se dava por conta de casamentos arranjados ou coisas do tipo mas, sim, para evitar comentários maldosos de alguém que conhecesse a família, e, por ventura, pudesse inventar histórias falaciosas.

Roberto Da Matta, em seu percurso para definir a sociedade brasileira, faz uma comparação entre as comidas e as mulheres, no qual percebo que podemos entender a minha transição de adolescente para jovem, maior de idade, como uma necessidade de andar sempre acompanhada de familiares e, por último, do namorado.

Da Matta (1986), de forma bem direta, coloca que as mulheres dignas de se casarem, conforme se expressa a nossa sociedade, não é aquela que se oferece, mas, sim, aquela que está guardada e cujo o acesso, por parte de outros, se dá através de uma série de ritos e cerimônias, como, por exemplo, o preparo de pratos elaborados em farta cozinha, que exige tempo de preparo, cozimento e um certo ritual para ser servido. Essa comparação entre a mulher e a comida é explicada da seguinte forma:

> Mas há comida e comidas. Falamos que ‘mulher oferecida não é comida’, num trocadilho chulo mas revelador da associação, intrigante para estrangeiros, entre o ato sexual e o ato de ingerir alimentos. Entre a mulher da rua, a prostituta, ou a mulher que controla e é dona de sua capacidade de sedução e sexualidade, e certos tipos de alimento. Assim, a mulher que põe à disposição do grupo (da família) seus serviços domésticos, seus favores sexuais e sua capacidade reprodutiva torna-se a fonte de virtude que, na sociedade brasileira, se define de modo pastoral e santificado. (DA MATTA, 1986, p. 58)

A minha trajetória de vida, que passa pela adoção, fazia com que meus pais redobrassem os cuidados que tinham comigo, sempre buscando alguém que pudesse me acompanhar aos lugares. Quando começo a namorar, considerando que ele foi bem aceito pela família, início a ter outra relação com a minha liberdade, pois início a ir ao carnaval e a festas com o meu namorado, primos, irmãos e amigos, sem supervisão.

Os bailes de carnaval nesse período, já estavam começando a se extinguir e as pessoas estavam tomando gosto pelo carnaval de rua, preferindo ficar até mais tarde na Avenida 27 de Janeiro do que entrar para os bailes nos clubes sociais. Restava-nos aproveitar o carnaval de rua que só terminava com o nascer do sol.

Como eram os primeiros anos de trios elétricos, ainda era possível pular o carnaval mais livremente entre um trio e outro; então, como não tínhamos dinheiro para adquirir camisetas, ficávamos ao redor dos trios, na pipoca, como é chamado o setor final do desfile, após a corda de separação dos foliões dos trios.

Na imagem abaixo (fig.26), podemos ver eu e Nestor aproveitando o carnaval e achando o máximo estar usando camisetas da Banda Bandalha[10]. Como já falei antes, como os abadás eram caros, encomendávamos camisetas de Pelotas e aproveitávamos o carnaval entre os amigos e familiares.

Figura 26: Na imagem Nestor e eu dançando na avenida que ocorreu o carnaval de 2000. (Fonte: Arquivo Pessoal).

O Carnaval de Jaguarão é uma festa em que toda família pode participar. Como ilustração, podemos observar na imagem acima (fig. 26) que o público expectador está nas calçadas e com várias crianças. E até hoje é assim: as pessoas colocam cadeiras na avenida para marcar o seu lugar e, na hora dos desfiles, não precisarem ficar de pé.

[10] Banda Bandalha foi uma banda de carnavalesca que atuava na cidade de Pelotas, nas décadas de 1980 a 2000, de repercussão nacional, que teve suas atividades extintas no ano de 2002. Fonte: http://srv-web2.diariopopular.com.br/22_09_01/tc210901.html

Lages (2017), a respeito desse hábito presenciado na cidade de Jaguarão, explica:

> Uma particularidade desse carnaval é o fato de a população ficar na rua com suas cadeiras dispostas como se estivessem na sala de estar de suas casas, o que proporcionou a construção de uma atmosfera familiar sobre o espetáculo carnavalesco de rua da cidade. (LAGES, 2017.p,11)

Antigamente, tínhamos dois tipos fortes de carnaval: o carnaval de rua e de salão. Quando um começava, o outro, imediatamente, encerrava. O início das festividades de carnaval se dava com o desfile das princesas das sociedades, que abriam a avenida e se direcionavam para as suas sedes para dar início aos bailes infantis. Cabe salientar que as pessoas também saiam de suas casas, à tarde, para ver o desfile das princesas na Avenida.

A Avenida ficava aberta aos foliões que, em um primeiro momento, se deslocavam entre uma ponta e outra da avenida. Com a programação do carnaval de rua, essa movimentação foi alterada, pois havia os espaços para os desfiles de diferentes agremiações carnavalescas, tais como blocos, escolas, bandas carnavalescas e reboques que em um curto espaço de tempo tornaram-se trios elétricos. Com isso, a aglomeração das calçadas ia crescendo, mas aqueles espaços demarcados por cadeiras permaneciam resguardados para as pessoas que haviam colocado seus pertences no referido lugar.

O carnaval de rua encerrava-se com o desfile das soberanas dos clubes sociais que, juntamente com a diretoria, sócios e simpatizantes, faziam um cortejo até as suas sedes e davam início aos bailes. Desde que comecei a frequentar os bailes noturnos, eles tiveram duração de dez anos, até que foram extintos.

Ainda há nos clubes localizados no centro da cidade um espaço reservado para os seus sócios durante as quatro noites de carnaval, mas não podemos considerar um baile tradicional, uma vez que tal intento se configura como uma preservação da tradição.

Assim, o carnaval de rua, com a impossibilidade dos clubes manterem as suas festas particulares devido aos alto custo de manutenção da festa, começou a ganhar cada vez mais força. O espaço que eu aproveitava com os amigos que se

deslocavam de Pelotas começou a virar mercado e se distanciar do que eu costumava chamar de carnaval da família.

É possível dizer que o carnaval de rua de Jaguarão ainda não recebeu a devida atenção dos registros acadêmicos e históricos por parte de pesquisadores, poder público e instituições culturais. Não tenho dúvidas de que poderiam ser produzidos muitos livros sobre a festa e suas mudanças, bem como sobre os tipos que marcaram a sua história, como uma forma de registrar e divulgar o escopo de memórias da manifestação e seus distintos percursos ao longo dos tempos, dada a sua representatividade nos últimos anos, especialmente.

Lages (2017), em seu trabalho de pesquisa, destaca este aspecto:

> [...] A respeito do carnaval de Jaguarão, há poucos estudos sobre o mesmo, poucos registros acadêmicos, o que se tem são os relatos das memórias individuais, o tradicional boca a boca, do trato de barracão, de integrantes para integrantes, de integrantes para a população, é esse o carnaval de interior, o carnaval de rua de Jaguarão que mistura uma gama de influências de outros carnavais, e a partir disso também vem demonstrar as influência dessa manifestação nacional. [...]. (LAGES, 2017, p. 09).

O carnaval jaguarense é realizado tradicionalmente no centro da cidade. O circuito oficial era percorrido do cruzamento da Avenida 27 de Janeiro com a Avenida Odilo Marques Gonçalves até o cruzamento das ruas General Marques e General Osório. Este configurava o trajeto percorrido oficialmente para a legitimidade das avaliações no certame carnavalesco da cidade.

Com o passar dos anos, o carnaval do município cresceu muito e o seu trajeto teve que ser ampliado. Nos dias atuais, o circuito do carnaval engloba as ruas 27 de Janeiro, General Marques, General Osório e Coronel de Deus Dias, o que proporciona um movimento contínuo circular durante as horas e dias de folia.

Quando penso no Carnaval de Rua de Jaguarão, recordo que tudo começou com os reboques enfeitados com bambus e folhagens; somente muitos anos depois que os reboques se transformam em trios elétricos.

O colunista do Jornal J3 de Jaguarão[11], Tiago Coimbra, exalta essa recordação, lembrando:

> Com o fim dos reboques perdeu-se algumas gerações de jovens que se reuniam em grupos para festejar! O alto custo de organizar um trio elétrico retirou o espírito de empreendimento e pertencimento dos jaguarenses desta antiga manifestação embrionária do sistema atual. Hoje eles apenas compram uma camiseta e juntam-se a centenas de pessoas que muitas vezes nem conhecem, da mesma forma que antigos grupos que tinham seus reboques foram "engolidos" e também começaram a se afastar do carnaval, uma vez que já não "pertenciam" aos grupos atuais que continuam como trio. (Fonte: Jornal J3).

A imagem a seguir (fig. 27) ilustra esta memória:

Figura 27: Imagem de como eram os reboques no carnaval na década de 90. (Fonte: Jornal J3)

O pioneiro foi o trio da Botica, fundado pela Drª Giedre Nunez, no ano de 2001. Com o passar dos anos, os trios foram aumentando de tamanho e de número. Eu recordo que eu, meus primos e amigos, corríamos de um trio para outro porque quando o percurso chegava ao fim, na esquina da Biblioteca pública, o som era desligado.

---

[11] Jornal J3 http://j3jaguarao.wixsite.com/j3noticias/single-post/2018/04/05/Carnaval-de-Jaguar%C3%A3o-Um-reflex%C3%A3o-pertinente---Parte-3-Final-1?fbclid=IwAR0qBjxUNgDGM2v-icu6b3QRLBFbBE69IOD3iYQ5lxeKg8jYOuvG_WsJjaE

Com o aumento do número de trios elétricos, houve, também, uma sofisticação da infraestrutura, os trios começaram a investir em bandas ao vivo, iluminação, bailarinos e etc., deixando o carnaval de Jaguarão conhecido como “Salvador do Sul”, sendo considerado o melhor carnaval da zona sul do estado do Rio Grande do Sul, neste formato.

Figura 28: Imagem onde estou com meu esposo e amigos no carnaval de 2011. (Fonte: Arquivo Pessoal).

No decorrer dos anos, acabei estimulando meu marido a conhecer o carnaval e, durante o nosso namoro, noivado e casamento, ele acabou ficando alucinado pela festa. Antes de nos conhecermos ele nunca tinha participado do carnaval, mas, agora, como podemos observar na imagem acima (fig.28), ele já está bem familiarizado e integrado com a festa. Cabe ressaltar que como ele não participava do carnaval por ser oriundo de outra cultura, mas conhecendo a cultura que estou inserida, quando aprendeu que o carnaval era bom, nunca mais deixou de estar presente junto comigo. Conforme explica Nadir Nobrega Oliveira (2017),

> É possível afirmar que para que os estereótipos de pessoas e lugares sejam construídos, basta apresentar uma perspectiva distorcida de construção cultural e de identidades; basta apenas oferecer ao indivíduo uma única fonte de referência; basta contar-lhe a história sob uma única ótica; basta

> considerar como verdadeiras, a primeira e a única informação sobre algum aspecto. (OLIVEIRA, 2017, p.40)

Acabei apresentando e integrando o meu marido em uma cultura que eu estava familiarizada e, por consequência, ele acabou gostando de participar, sempre me acompanhando. E esta tradição seguiu com nossos filhos.

Ainda me remetendo ao carnaval, ao me desprender da minha família, também comecei a ajudar nos desfiles da Escola de Samba Estrela D'alva, escola que foi fundada por minha Tia Mocinha, conforme explanei brevemente em capítulos anteriores.

Minha ajuda se destinava a estar disposta a auxiliar no que fosse necessário. Então, já desfilei em alas, já empurrei carro alegórico, já ajudei na coordenação dos desfiles colocando os destaques nos carros, fazendo reparos que fossem necessários em alegorias, etc. Sempre com o meu marido apoiando. De acordo com um trecho da entrevista realizada com Claudio Oliveira, podemos ver como se dá o processo de um desfile.

> Eu atravesso Avenida trabalhando empurrando o carro se for necessário [...] porque eu já cansei de atravessar Avenida sujo sem tomar banho com uma bolsa cheia de Arame, alicate truques tudo que for necessário se surgisse um imprevisto com as mãos muitas vezes tapada de graxa das rodas das alegorias. (Entrevista de Cláudio Oliveira, 2018).

Ajudar nos desfiles da escola é extremamente desgastante e por amor à escola realizamos trabalhos que, geralmente, são pagos como, por exemplo, empurrar carros alegóricos, já que as guias são manuais e o carro é movido somente com o esforço humano, sem auxílio de qualquer equipamento elétrico ou eletrônico.

Quando falo em carnaval, várias coisas veem à minha memória. Na minha fase adulta, quando me propus a ajudar na organização geral do desfile da escola de samba, sempre acabei auxiliando na coordenação das alas[12], pois as pessoas ficam muito enlouquecidas, trabalham meses sem parar e na hora "H" estão exaustos.

---

[12] Alas é um grupo de pessoas que desfilam juntas em um determinado espaço na escola, ex: ala das baianas, ala da bateria, ala das passistas entre outras.

Produzir um desfile de escola de samba não é nada fácil, pois tornar real tudo o que está projetado depende de vários corpos trabalhando em conjunto, desenvolvendo atividades de distintas natureza, inclusive braçais. Esses corpos que tornam os projetos reais, geralmente, são invisibilizados ao longo do ano e, na maioria das vezes, são eles os responsáveis por manter o fluxo de trabalho e finalizar tudo em tempo hábil para que a festa aconteça.

De acordo com Blass (2007):

> A produção de um desfile de carnaval engloba múltiplas atividades e tarefas individuais e coletivas que são invisíveis e descentralizadas, combinando uma pluralidade de processos de trabalho que obedece a uma certa sequência, embora sejam simultâneos e sincrônicos. Prática de trabalho e de emprego perpassa, portanto, esses processos que ganham visibilidade pública pela primeira e, em geral, uma única vez na sua totalidade, no momento do desfile. Na passarela do Samba, São articulados os resultados desses processos de trabalho e de atividades que deixam evidente a complexidade da organização da produção de um desfile de carnaval. (BLASS, 2007, p.38)

Para Leopoldi (1978), as Escolas de Samba tem dois tipos de organização que se dividem em organização formal e a organização carnavalesca. Dito isso, a autora discute que a organização formal passa pela direção geral de uma agremiação, as quais são compostas, geralmente, por um presidente, um vice-presidente, secretários e diretores, no qual o autor explica que:

> No quadro da organização formal é a preponderância da função executiva sobre os demais setores da administração, uma vez que o presidente consegue, sem muita dificuldade, impor- se como centro tomador de decisões. Não é por outra razão, aliás, que se lhe atribui maior parcela de responsabilidade pela qualidade da participação da escola no desfile de carnaval. (LEOPOLDI,1978, p. 59).

Quando tratamos de organização carnavalesca, remeto-me diretamente à figura do Carnavalesco de uma escola, que é responsável por pensar o roteiro e criar a ideia central do desfile. Entretanto, ao meu ver, esse sujeito também pode ser visto mediante outros papéis e agentes que atuam na produção do desfile carnavalesco como figurinista, cenógrafo, diretor de cena, aderecista, etc.

No que diz respeito à organização carnavalesca das escolas de samba, Leopoldi (1978) esclarece que esta tem a ver, especialmente, com:

> [...] a operacionalidade e articulação dos elementos mais diretamente envolvidos no processo que culmina com o desfile das agremiações [...] Ao nível de organização carnavalesca das escolas de samba a categoria mais abrangente é a de componentes, que se refere a qualquer pessoa que participa do desfile de carnaval. (LEOPOLDI,1978, p. 63-64).

Quando falo na prática que vivencio, penso, diretamente, em um ícone da minha escola, a Tia Mocinha[13], minha tia que por 30 anos esteve à frente da direção da Associação Beneficente Recreativa Estrela D´alva. Era ela que dirigia a escola sozinha, apoiada pelo carnavalesco Claudio Oliveira.

Figura 29: Imagem da tia mocinha em seu último desfile em 2013. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Esta mulher lutou para manter a escola viva, pois a verba era pouca e o trabalho era gigantesco. Todos os entrevistados para este trabalho falaram com grande carinho e apreço sobre ela e, por várias vezes, fiquei emocionada de ouvir a

[13] Maria Cesarina Cardoso popularmente conhecida por MOCINHA, Presidente e porta- bandeira por 30 anos da escola de Samba Estrela D'alva

forma meiga que se referiam a ela. A exemplo, cito um trecho da entrevista que realizei com o senhor Luiz Carlos Marques (2018)[14]:

> A Mocinha foi uma pessoa impagável para escola, nunca deixou cair, ela pode ser chamado [...] uma co-fundadora que a mocinha na realidade ela não participou dessa fundação e 64 ela entrou nos anos 70 foi quando eu fui o primeiro mestre-sala dela, é por isso que a mocinha é querida e admirada por isso né, ela nunca deixou a escola cair. (Entrevista de Luiz Carlos Marques, 2018).

Para complementar, cito mais um trecho da entrevista feita com Claudio Oliveira sobre a Tia Mocinha:

> Eu não conseguiria trabalhar em outra escola tá porque a Estrela D'alva para mim é a Mocinha e eu sou completamente (emoção) é que eu sou completamente apaixonado por ela entendesse (choro) eu sinto uma tremenda de uma falta, eu sinto uma tremenda de uma falta, Keity. Todo dia quando eu boto o pé no barracão eu não posso olhar uma pluma vermelha que eu lembro dela eu me lembro dela sempre, sempre, eu acho que ela tá sempre comigo. (Entrevista de Cláudio Oliveira, 2018).

Na imagem da Figura 29 (página anterior), trago a foto da Tia Mocinha em seu último desfile, onde ela estava sentada em uma cadeira, pois não tinha mais forças pra desfilar no chão. Ao final desse desfile, ela travou, pôs-se a chorar e não conseguiu se levantar. Dadas as circunstâncias eu e meu primo Rodrigo Machado tivemos que tirá-la da Avenida no colo.

Naquele momento, eu não entendia porque tanto choro, mas, com o passar do tempo e com o seu falecimento, entendi que aquele era seu último desfile e ela sabia que não voltaria no próximo ano. Ela faleceu no dia 29 de Março de 2013, depois do carnaval daquele ano.

Em sua entrevista, Divane Dutra(2018) lembra esse momento:

> Tu, tua mãe e teu pai todo mundo sempre ali apoiando ela, mesmo doente isso é uma coisa de não esquecer e vocês estavam ali levando ela pra a 27 para desfilar botando ela acima do carro e eu vi tu fazendo isso então é uma

---

[14] Depoimento Verbal prestado por Luiz Carlos Marques em conversa com a pesquisadora, durante o processo de coleta de dados de campo, realizada na cidade de Jaguarão, no dia 09 de Fevereiro de 2018, cuja transcrição encontra-se disponível na íntegra ao final deste trabalho (Anexo 4). Marques, Luiz carlos.2018. **Entrevista concedida por Luiz Carlos Marques para pesquisa acadêmica do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas**, em 09.02.2018. Jaguarão/RS.

> recordação (...) Eu vi tu pegando ela no colo, então eu acho que mais lindo que isso, isso se chama amor, amor à Dona Mocinha, amor ao carnaval. (Entrevista de Divane Dutra, 2018).

A Tia Mocinha era uma pessoa que recebia, na sua casa, todas as pessoas igualmente, além de ser muito querida na comunidade jaguarense. A casa dela era igual coração de mãe e um grande barracão, pois era um lugar que até as agremiações concorrentes se faziam presentes, pois a paixão dela pelo carnaval era tão grande que não havia lugar para concorrência.

Figura 30: Imagem de fundação da escola Estrela D'alva na década de 60. (Fonte: Arquivo Pessoal).

A Escola Estrela D´alva foi fundada no dia 18 de Março de 1964 e os mais antigos contam que ela surgiu de um bloco chamado “Saí Sem Querer” e tinha as cores verde e branco. Entretanto, após uma foto preto e branco, a cor verde ficou um tanto amarronzada puxando para um tom avermelhado. Assim, no ano seguinte, a Escola acabou desfilando com as cores vermelho e branco.

Esta escola foi fundada sob uma parreira por um grupo de amigos que adoravam brincar o carnaval. Podemos notar na foto acima que, no fundo, aparece a árvore mencionada. Segundo José Luiz de Oliveira (2012):

> O termo Escola de Samba envolve um sentido mais sério, isto é, a necessidade dos elementos das baixas camadas demonstrarem uma noção de organização e seriedade à sociedade como um todo. Assim, valendo-se de uma palavra que possibilita, teoricamente, a chance de ascensão social, os sambistas buscavam um meio de obter o mesmo prestígio e respeito de que gozavam o Corso, as Grandes Sociedades e os Ranchos, no final da década de 1920 e início dos anos 30 do século passado. (OLIVEIRA, 2012, p.228).

O autor define o que seria a organização da escola de samba na sua origem. A Estrela D'Alva também passa por essa definição de organização das camadas mais populares, pois muitos sujeitos da cidade ressaltam que a Estrela é uma escola de elite, porém uma de suas fundadoras, a Mocinha, deixava de se alimentar para poder colocar a escola na avenida, uma vez que seu maior alimento era a alegria de brincar o carnaval. Sobre isto, Nestor Billafan (2018) comenta em seu depoimento:

> [...] quantas vezes eu, Mocinha, a Divane, as crianças - Luana e a Jéssica, o Seu Nelson - que era o marido da Mocinha naquela época... quantas vezes a gente não tinha o que comer, por que a Mocinha ia fazer empréstimo, tirava do bolso dela para colocar na escola. (Entrevista de Nestor Billafan, 2018).

As escolas de samba em Jaguarão têm na estrutura de formação do desfile carnavalesco os seguintes elementos principais: comissão de frente, que apresenta a escola; o carro abre ala; ala das Baianas; a Velha Guarda; a Bateria, que é o coração pulsante da escola, e o casal de mestre sala e porta bandeira, que são os guardiões do Pavilhão da escola. Estes elementos são avaliados no concurso do desfile das escolas de samba e também podem variar de um lugar para outro, conforme cada regulamento.

Conforme mencionado, um dos momentos mais importantes do desfile da escola de samba é a apresentação do pavilhão por parte do casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Segundo Gonçalves (2010):

> Na forma atual da dança, da porta-bandeira é verbalmente mais destacado. O mestre-sala Delegado explica: "Sem o Pavilhão, a escola de samba não existe. Se o Pavilhão não estiver na quadra, o ensaio é inválido. Apresentação de uma escola de samba é o Pavilhão! Eu costumo dizer que porta-bandeira é até mais importante que o mestre-sala, ele é um mendigo perto de uma rainha." (GONÇALVES, 2010, p. 227)

Em seguida, no mesmo trabalho, Gonçalves (2010) discorre sobre o papel mestre-sala:

> Se a escola está concentrada, se o mestre-sala está lá mas a porta-bandeira não chegou, a escola não está na concentração, ninguém reconhece a escola. A porta-bandeira chegou com a bandeira, mas o mestre-sala não chegou, então chamam a 2º porta-bandeira. Se não tem, ela pode desfilar sozinha: ela e a bandeira. Se ele chegar e não tiver com quem entrar, o mestre-sala não vai desfilar, ou vai desfilar na frente de uma ala como destaque, mas ele não vai contar pontos. E ela sozinha com a bandeira conta ponto; não vai ganhar a nota máxima, mas ela vai contar ponto. O Pavilhão é a coisa mais importante que tem. O Pavilhão está acima de todos os componentes que estão ali. O mestre-sala é para defender o Pavilhão da escola é para fazer um cortejo a porta-bandeira. (GONÇALVES, 2010, p. 227-228)

Destaco essa passagem sobre a importância do casal de mestre-sala e porta bandeira porque ela enfatiza o papel desses sujeitos em relação ao pavilhão da escola, pois é a partir dessa representação que lembro da minha infância, em que eu acompanhava os ensaios e reproduzia os movimentos da porta bandeira nas brincadeiras com os primos e amigos.

Com a juventude e a participação mais intensa, desde o barracão, até o colocar a escola na avenida, a emoção maior se firma quando víamos aquela imagem magnífica da porta-bandeira, trajada como muito brilho e com um belo sorriso no rosto, pronta para defender a sua escola. Experiência de família que contagia e que passa de geração em geração conforme pode-se atestar nas imagens abaixo:

Figura 31: Na imagem Tia Mocinha e Tio Negro como Mestre-Sala e Porta-Bandeira na década de 1980. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Essa foto apresenta a Tia Mocinha e o Tio Negro[15], em evolução na avenida durante um desfile da escola de samba Estrela D'alva. Também podemos ver na imagem todo o brilho e glamour do casal, mostrando o seu bailado e cortejo. Com o passar dos anos essa missão foi repassada para um casal mais jovem que já foram sendo preparados desde criança para assumir o posto: Patrícia Crespo e Lucas Madruga. Na imagem a seguir (fig. 32), podemos observar o jovem casal de primos carregando o pavilhão da escola no ano do seu Jubileu de 50 anos.

Os dois foram ensinados pela Tia Mocinha desde pequenos para desempenhar esse papel e, ainda crianças, saiam como segundo casal de mestre-sala e porta bandeira. Lucas Madruga, sempre teve inclinação para a dança, bailarino de profissão, e sempre desempenhou alguma atividade junto da escola,

[15] Tio Negro, era irmão adotivo do meu avô Ricardo Oliveira. Sapateiro de profissão, gostava da boemia e do carnaval. Como a maioria da família, trabalhava o ano inteiro na sua cidade - Porto Alegre, esperando ansioso pelo carnaval, no qual era oficialmente o mestre-sala da porta-bandeira Tia Moça, até o final da vida.

assim como os demais. Patrícia Crespo, também sempre se envolveu com a escola, saindo em vários setores, inclusive na bateria, ressaltando esse envolvimento com o mundo do carnaval, influenciada pela família.

Figura 32: Imagem Patrícia e Lucas como casal de Mestre Sala e Porta Bandeira no ano de 2014. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Podemos dizer, ancorados em Santos (2014), que “o exercício de repetição se internaliza e passa a fazer parte de algo comum, passa a configurar o *habitus*, porque com o tempo já não há mais reflexão sobre o que se faz, isso é algo especificamente cultural” (SANTOS, 2014, p. 39).

Minha família participa efetivamente da escola há muito tempo, fazendo com que os que chegaram depois, como eu e meus primos, internalizássemos isso como algo habitual. Não somente os que são parentes de sangue, mas todos os que se agregaram através de nossas relações afetivas, passando a constituir e a constituir-se nesse mundo do carnaval.

Também éramos parte do bloco do Bicho Papão, onde a falecida Tia Mocinha tinha tudo organizado na cabeça: ela criava o samba do bloco e nos dizia o tema. Em um dos desfiles, não lembro de qual ano, os guris saíram de surfista na comissão de frente do bloco e nós, meninas, saímos vestidas de havaianas. No fim, tudo se tornou uma mini escola de samba.

Nossa família sempre saia no bloco, em um dia, e no outro dia desfilávamos na escola de samba, pois os dias são alternados, 2 dias para o desfile dos blocos e 2 dias para o desfile das escolas. Todas as noites eram de carnaval.

Na imagem abaixo (fig. 33), podemos notar que nem a chuva nos impedia de ir para o carnaval. Na foto, o Bruno, meu filho, está no colo da minha Tia Solange Borges (Dada) e ao lado dela está o meu pai, Neir Madruga. Recordo que nesta noite fiquei dentro do carro com meu filho e ele ficou pedindo para ir dançar, não resisti ao pedido, peguei um guarda-chuva e fomos juntos para o samba.

Figura 33: Imagem do pai, Dada e Bruno no bloco do Papão no ano de 2010

Voltando ao Bloco do Papão, vale registrar que ele era composto por um boneco e cada pessoa que quisesse desfilar criava uma fantasia que tivesse articulada com o enredo, no entanto, a Tia Mocinha sempre nos aguardava com algo pronto, embora também ajudássemos porque sempre surgia alguém de última hora. A exemplo disso, quando o tema foi Havaí, utilizamos panos amarrados estampados, colares, flores no cabelo e produzimos muitas coisas através do nosso Imaginário e, o mais interessante, é que utilizamos coisas que sobravam dos desfiles anteriores da escola.

Em seu trabalho sócio-antropológico sobre o carnaval brasileiro, Da Matta reflete sobre a nomenclatura deste tipo de agremiação festiva e carnavalesca, quando traz:

> O nome “bloco” é, por si só revelador, pois o bloco da ideia de algo compacto, sólido. Em suma, Corporação e sincronização. Desse modo, é justamente quando a sociedade brasileira se abre para as “brincadeiras”, para as ligações possíveis somente durante o carnaval, que surge o fenômeno do agrupamento de pessoas que cantam, dançam e se vestem de modo estruturado, com o dinamismo e o movimento apropriados a festividade. Desse modo, o bloco se ordena de modo muito mais livre, com desfile mais simples do que escola de samba. (DA MATTA,1997, p. 125-126)

Ressalto que a forma de consolidação dos blocos e escolas são muito interessantes, pois se relacionam, estritamente, por meio de diferentes pedagogias e processos de ensino-aprendizagem. Nesses ambientes, aprende-se a reciclar e reutilizar materiais, a recuperar fantasias que estão desgastadas, porque as pessoas gostam de doar coisas que, aparentemente, não servem mais, para a escola.

Lá, lava-se, tinge-se, cola-se, borda-se... e quanto vai para um carro alegórico, tudo ganha vida! As pessoas costumam dizer que nossa escola é uma “escola de gente rica”, mas a gente cria do lixo. Obviamente, a escola recebe uma verba da prefeitura, mas uma boa parte do corpo da escola é de materiais reciclados de desfiles anteriores ou doações. Aprendemos a lidar com a reciclagem e transformação de coisas velhas para diminuir os gastos de produção da escola. Lages (2017) explica esse processo:

> Assim, esses grupos formavam alas e arcavam com as despesas de suas próprias fantasias e adereços, levando a baixar os gastos na produção, e não deixando de colaborar com a escola. Então, outros grupos de amigos também se associaram a ideia, a Estrela, a partir disso, sofre uma progressão em apresentar alas bem mais compostas e elaboradas. [...]Essa ação contribui, então, para a criação do estigma de escola das elites, e, assim, se viu, nos anos posteriores, em evidência, e adquiriu a imagem que tem hoje. (LAGES, 2017, p. 26).

Nessa fase mais livre, eu acabei perdendo um pouco do contato e o costume de estar diariamente na Escola de Samba, até porque eu casei, mudei de cidade e com o passar dos anos me tornei mãe; mas, assim mesmo, sempre que possível, eu sempre tentei estar presente e desfilar. Quando eu estava gravida de 5 meses do

meu filho Bruno, por exemplo, eu desfilei no carnaval da Escola na ala da preguiça, uma vez que já estava com uma barriga grande e desfilei de camisola. Já no ano seguinte, desfilei de Árabe e, no ano posterior a esse, estava trajada de Vendedora de Maçã do Amor. Além destes trajes, já desfilei de Noiva de Vermelho, entre outras tantas fantasias.

Figura 34: Ala da família no desfile da escola no ano de 2013. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Figura 35: Bruno e meu pai na Velha guarda da escola no ano 2014. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Em outras ocasiões, depois do nascimento do Bruno, ele manifestou desejo de desfilar na Escola. Como eu não podia sair nas outras alas fantasiadas, então, desfilei de Mãe, pois não podia deixar ele sozinho na Ala das Crianças. Desde bebê, ensinei meu filho a gostar de carnaval e, de lá pra cá, ele sai sempre na escola. E lá se vão 10 anos de participação ativa no Carnaval de Jaguarão.

No ano do Jubileu de 50 anos da escola o Bruno desfilou na Velha Guarda (fig. 36), juntamente com meus pais, ademais, ele já desfilou de cachorrinho, de palhaço, índio e várias outras fantasias. Abaixo uma foto (fig. 37), onde ele está acompanhado da sua irmã, que nasceu 3 anos após o seu nascimento:

Figura 36: Bruno e Mariana fantasiados de índios no carnaval de 2015. (Fonte: Arquivo Pessoal).

É muito interessante perceber que eu consegui passar o amor que sinto pelo carnaval desde criança para os meus filhos. O ano que eu não pude desfilar, eu estava na fase final da gestação da minha segunda filha, Mariana, e, para mim, foi uma dor muito grande porque eu ficava na calçada sentada numa cadeira de praia,

quando, na verdade, queria estar dançando no meio do povo. Essa etapa foi bem marcante na minha memória, pois eu podia participar do carnaval livremente.

Figura 37: Festa de Natal da Família MOB'S no ano 2017. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Eu e o André, eu esposo, costumamos curtir as festas juntos, então percebi que a minha melhor festa era a de Natal, com meus parentes todos reunidos. Na imagem acima (fig. 38), trago a minha família na festa de natal, onde costumamos tocar, dançar e nos divertir, pensando que temos que comemorar por estarmos sempre juntos. Nestor Billafan (2018), durante sua entrevista, comenta o que ele sente quando está junto da nossa família.

> Todo mundo feliz, que essa é uma das melhores festas [...], olha pode ter as festas que tiver mais festa como a família do Madruga eu acho que são as melhores festas que eu já fui em tudo, ali nós mostramos a realidade quem nós somos. Tem que dançar descalço, dança se tem que dançar do que seja que for, a gente fica à vontade a gente não precisa tá mostrando coisa que a gente não é. (Entrevista do Nestor Billafan, 2018).

No carnaval, também mantemos a mesma alegria, porque são quatro noites de festa em que eu me divirto muito. Fico tranquila por saber que meus filhos estão bem cuidados por minhas tias, minha mãe e meu pai. Eles alegam que já

aproveitaram bastante as festas de carnaval e que agora é a nossa vez e, por isso, fico tranquila ao deixar meus filhos com eles. No carnaval, eu curto, me solto e me liberto. Vivo a minha dança e minha alegria junto do povo, na rua, na passarela.

Essas 4 noites de carnaval, para mim, são maravilhosas, porque são noites que eu aproveito pra dançar o que eu não danço o ano todo e ainda armazeno energia para levar os meus filhos para a avenida, pois eles adoram “pipocar” atrás dos trios elétricos conosco.

É gratificante poder contar e recordar as minhas memórias, embora acabe refletindo que essa fase foi uma das que eu menos dancei na minha vida. É a fase em que eu me libertei e descobri outras possibilidades do mundo. Com o passar do tempo, até meu samba no pé foi se perdendo, pois a prática já não se fazia presente com tanta frequência.

Todo esse percurso descrito até aqui apresenta a minha formação enquanto pessoa que se aproxima da cultura do carnaval, seja na rua, praça, salão ou casa. Essa formação é parte do legado trazido, vivido e dividido pela minha família, dos mais velhos aos mais novos, sem distinção. No Dossiê das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro (2007) enfatiza-se essa condição de transmissão:

> Nas comunidades a transmissão do samba se dá pela oralidade e pela vivência. O aspecto presencial é fundamental. Desde pequenas as crianças das comunidades acompanham seus pais, irmãos e vizinhos às quadras das escolas de samba. Como é sabido, é forte a marca da oralidade na cultura popular a transmissão do conhecimento se dá longe dos compêndios e do ensino formal. Por isso a expressão escola de samba se reveste de forte significado, porque é, de fato, um espaço privilegiado de transmissão de saberes e fazeres. Ao mesmo tempo a cultura afro-brasileira é marcada pelo respeito aos mais velhos, aqueles que sabem mais e portanto têm mais a dar. (DOSSIÊ DAS MATRIZES DO SAMBA DO RIO DE JANEIRO, 2007, p. 86)

É no espaço de casa e nas comemorações de família que a música e, no meu caso, o samba, aparece. É na forma do preparo, da arrumação do ambiente familiar que se abre para receber os que vem de longe, que surge a união e a disposição para a partilha do trabalho e da alegria. É nessa unidade de família que o compromisso e o amor pelo samba, pelo clube, pela escola, se m o compromisso de todos. onde os mais novos, sejam os que nascem ou os que se agregam à família,

sentem a necessidade de se envolver de corpo, absolutamente em corpo, com as lutas e as alegrias dessa família carnavalesca.

Porém, eis que surge algo novo para reativar essa memória dançante. Com isso, eu acabei reencontrando a minha dança... Afinal, precisei me perder dela para me encontrar nela novamente. E é o que vou contar para vocês no próximo capítulo deste trabalho.

6. A DANÇA COMO PROFISSÃO: UM CAMINHO DE DESCOBERTAS

Depois de recordar a minha trajetória enquanto indivíduo carnavalesco e as influências que a dança exerceu em mim, partindo da minha infância, seguindo na adolescência e, então, na fase adulta; chego, assim, na última fase mapeada com a realização da presente pesquisa acadêmica: “meu redescobrimento”.

Nesses últimos anos, o meu contato com a dança havia diminuído ou, ao menos, sido ressignificado, como já foi abordado no capítulo anterior, devido ao nascimento dos meus filhos, minha mudança de cidade, etc. Meu contato com a dança se dava somente no período oficial do carnaval e, eventualmente, nas comemorações em família. Sendo assim, começo a pensar em fazer uma faculdade, buscar um novo desafio, e como estava muitos anos sem estudar, fiz uma escolha às cegas, ingressei na faculdade sem levar em consideração os meus gostos.

Deste modo, ingressei na Universidade (UFPel), no ano de 2014, no Curso de Letras Português-Espanhol. Acreditei que estava no lugar certo, que tinha encontrado o meu lugar. Todavia, deparei-me com um lugar muito quadrado, fechado, onde as exigências exclusivas de leitura, escrita e aprendizado formal da língua culta não estavam se encaixando com meu modo de ser; além de não poder expressar-me naturalmente do modo como sou. Sempre prezei pela liberdade e acabei percebendo que estava no lugar errado.

É certo dizer que, durante a minha vida escolar, o que sempre me emocionou e me cativou eram as atividades livres. Como já descrevi, as atividades direcionadas à dança e à atuação, durante as peças e cenas, sempre foram minhas preferidas. As outras atividades eram simples, tinham regras a serem cumpridas rigorosamente, e como nunca fui uma aluna exemplar, alguns colegas me diziam: “- Keity, aqui não é um lugar pra ti”. Então, parei para pensar e resolvi tentar trocar de curso por meio do processo de reopção.

Nessa reopção, acabo optando, por impulso, pela Licenciatura em Dança no ano de 2015. Não tinha nenhuma noção do que poderia encontrar, mas precisava buscar uma alternativa e essa foi a minha primeira escolha. Nos dois primeiros

semestres, sentia que não tinha vocação para a área. Iniciado o meu terceiro semestre, vou para minha primeira aula de Expressão Corporal, uma experiência difícil, pois cheguei muito encabulada e me deparei com um novo grupo.

Meu repertório corporal era bem diferente daqueles corpos que, aparentemente, eram mais novos que o meu, mais magros que eu, e isso me gerou um grande incômodo, mas com o diálogo acabei entendendo que cada corpo é um corpo e cada um tem suas dificuldades e virtudes. Fui muito bem recebida por essa nova comunidade (da qual faria parte pelos próximos quatro anos) e com eles aprendi que as diferenças corporais não me fazem ser incapaz de atuar, assim como é discutido por Marques (2011):

> As diversas "comunidades" a que pertencemos estão sempre ensinando caminhos para que nossos corpos – nós mesmos – aprendam a existir e a conviver em sociedade. Valores, crenças e atitudes de grupos familiares, de amigos, escolas, igrejas, grupos de dança (etc.) forjam, influenciam e contaminam – conscientemente ou não – formas de existir e de se relacionar com o mundo. Forjam, influenciam e contaminam nossos corpos. (MARQUES, 2011, p.33)

A receptividade e as primeiras conversas com os colegas e professores me deram condições para que eu entendesse que o caminho que eu havia escolhido naquele momento, a Licenciatura em Dança, era, sim, o meu lugar; independente do corpo-sujeito que eu era e das diferentes experiências que tive ao longo da minha vida. Seja desde a constante cobrança do meu peso para que eu pudesse ser rainha até a insistência para que eu me mantivesse "arrumada/ajeitada" para qualquer ocasião. Estes discursos já tinham menos importância.

Neste grupo de colegas, os valores que me foram colocados pela minha família começavam a tomar outra forma, pois estava diante de um coletivo heterogêneo e receptivo, que eu havia encontrado e que me ajudaram a dar forma a um desejo de seguir uma profissão.

Do meu ingresso em Licenciatura em Letras até o meu ingresso na Licenciatura em Dança, para mim, era somente um percurso no qual eu alcançaria um diploma de ensino superior; mas com a possibilidade de ser aceita em toda a minha forma e começar a existir para um grupo, além do familiar, ocupando o papel

de uma profissional da dança, despertou em mim a possibilidade de encarar a formação superior como carreira, mais ainda, como carreira docente.

Figura 38: A Imagem da turma de balé do curso de Dança no ano 2015. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na foto acima (fig.38), podemos notar que os rostos estão bem alegres, pois a aula de Balé foi ótima nesse dia e acabei me achando neste espaço, embora complicado para quem inicia o percurso, tendo em vista a organização do corpo e fazer um plié[16] nas primeiras práticas, foi um teste de resistência e, ao mesmo tempo, foi gratificante! Superei as minhas dificuldades.

Com o início do curso de dança, aprendi que era preciso me superar mais uma vez. No primeiro semestre tive a disciplina de Laboratório de Balé Clássico, que foi uma novidade, pois nunca tinha realizado uma prática corporal semelhante. Foi diferente e, ao mesmo tempo, marcante! Também recordo de modo bastante presente na memória as experiências na disciplina de Expressão Corporal, que foram muito relevantes, visto que a professora pediu que criássemos uma composição que deveria ser composta por movimentos do cotidiano. Esses processos partem da minha experiência pessoal e marcam o meu ingresso no Curso de Dança.

[16] Plié- É uma dobra de joelhos ou joelho. Este exercício torna as juntas e os músculos mais flexíveis e maleáveis bem como tendões mais elásticos. Existem dois tipos de *plie*, "*demi-plié*", que é flexionar os joelhos para fora ao meio sem levantar os calcanhares e "*grand-plié*" onde você tem que flexionar os joelhos totalmente aberto, levantando os calcanhares.

Durante as aulas, imediatamente, associei a minha experiência em dança a essa chegada ao Curso e, consequentemente, a minha formação a partir do samba e do carnaval, mas umas das professoras me disse que eu não seria formada só em samba e carnaval. Essa colocação me incomodou muito, pois na minha trajetória dançante, o que mais me marcou foi o carnaval e suas inúmeras atividades, o envolvimento da família, os sentimentos e sentidos envolvidos. Foi então que, baseado no que a professora me disse, para desenvolver a atividade na disciplina de Expressão Corporal, produzi a minha dança a partir dos movimentos que recordei, a partir das atividades feitas em aula, busquei recordar meu corpo como era antes e depois da gestação, a forma como aprendi a sambar, mas tinha que agrupar todos e os movimentos e compor uma dança. Fahlbusch (1990) explica que que "fazer uma dança é como escrever uma composição primeiro achar o que dizer então dizer, então dizê-lo tão bem quanto possa." (FAHLBUSCH, 1990, p. 20). Nessa composição, procurei expressar tudo que senti, percebi e recordei de cada movimento vivenciado por mim e assim surgiu a minha primeira composição.

Hoje, com base no Projeto Político Pedagógico do Curso de Dança, consigo compreender que sou uma artista da dança, pois consegui transformar e codificar os movimentos do meu cotidiano. No documento citado, uma das competências atribuídas ao profissional formado é a seguinte:

> O artista da dança pode ser compreendido como aquele que se relaciona com o mundo a partir do movimento, que percebe e reflete a complexidade das relações entre os sujeitos e da configuração da cultura a partir da percepção do movimento do corpo humano. Na interface entre o corpo espetacular e o corpo cotidiano, nas diferentes expressões da linguagem de dança, busca provocar pensamentos e problematizações acerca da contemporaneidade e da própria trajetória histórica da dança. (PPP do Curso de Licenciatura em Dança – Universidade Federal de Pelotas, 2013, p. 09)

Através desta citação, compreendi, em primeiro lugar, o que é ser Licenciado em Dança e produzi minha dança a partir das memórias que me constituem. Construí variados movimentos, lembrando do bailado da Porta-Bandeira, em especial do giro, o movimento da minha barriga crescendo durante a gestação, o movimento de massagem, da minha valsa dos quinze anos. Todos os movimentos e

gestos do meu dia-a-dia, ou que de alguma forma marcaram a corporeidade da minha vida, deram origem à minha primeira composição, em consonância com o que a professora pediu para a turma, no meu primeiro desafio no percurso do Curso de Dança.

Recordando os movimentos importantes que marcaram a minha vida, nos momentos bons, como o carnaval, a festa, a gestação, e os momentos não tão bons como as massagens para aliviar as dores, tudo incorporado na construção dessa composição. Foram as expressões da trajetória da minha vida que me deram condições de construir minha primeira performance, transformando os movimentos cotidianos em gestos de dança. Fahlbusch (1990) explica que:

> Movimento é a experiência mais continua durante a vida - a primeira e a última expressão da vida. O movimento possui características e significados objetivos e subjetivos. Algumas vezes o movimento detona intenções particulares, e algumas vezes parece casual e sem estrutura... em qualquer instância, é cercado de inúmeras colocações. (FAHLBUSCH, 1990, p. 121)

Na imagem abaixo (fig.39), apresento a minha primeira composição, cujo nome era “Não Deixe o Samba Morrer”. Esta obra foi pensada para homenagear minha Tia Mocinha que há dois anos havia nos deixado. Tinha convicção que precisava criar esta composição. Desenvolvi o figurino e a trajetória gestual da dança no palco e quando apresentei a coreografia senti como se minha alma não estivesse no meu corpo, a sensação era de que meu corpo dançava no palco sozinho. Naquele momento, percebi que tinha feito a escolha certa. Vim do samba, vim do carnaval e essa convicção assumi para mim mesma, não para outros. Continuei participando e produzindo outras composições e criações.

Figura 39: Imagem da minha primeira composição solo no curso de dança em 2015. (Crédito: Luana Arrieche no ano de 2015)

Na universidade, na disciplina de dança de Laboratório de Dança Moderna, trabalhamos vários nomes importantes para dança como, por exemplo, Rudolf Laban, Mary Wigman, Pina Bausch, Isadora Duncan, Martha Graham, Kurt Joos, entre outros. Nesta disciplina, pude descobrir, verdadeiramente, o universo no qual estava me inserindo. Realizamos, como quesito de avaliação, uma composição de dança, levando em consideração as vivências na prática de Dança Moderna. Logo, optou-se por fazer uma releitura da obra de Kurt Joos, “A Mesa Verde”.

Buscamos estudar os movimentos em vídeo e criamos/apresentamos nossa performance. Em relação ao figurino, tentamos ser o mais fiéis que fosse possível, em se tratando do que encontramos no vídeo. O resultado foi magnífico, pois, trabalhando em grupo, conseguimos desenvolver uma ótima atividade e podemos apresentar em diferentes espaços. A última apresentação foi em Porto Alegre, na UFRGS, no Encontro de Graduações em Dança do RS, no ano de 2016.

Figura 40: Imagem dos componentes da mesa verde na UFRGS no ano de 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal)

Após a disciplina de Laboratório de Dança Moderna, no semestre seguinte, participei do Laboratório de Danças Folclóricas e também tínhamos que produzir uma coreografia, baseada em matrizes estudadas no semestre. Acabamos por realizar um Afoxé e, a partir desta experiência, com o envolvimento do grupo e as diferentes formas de participação para construir a apresentação, decidimos, então, formar o Grupo Tabla.

Figura 41: Imagem da participação do Grupo Tabla no Espetáculo Aláfia na cidade de Jaguarão no ano 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na figura acima (fig. 41), podemos ver a nossa primeira apresentação, fora da universidade, dessa composição criada pelo coletivo. O Grupo Tabla surge de um sentimento de inconformismo e uma incógnita: por que nosso curso, que é de dança, não tem um grupo de dança? Com o decorrer do curso e dessa experiência em folclore, criou-se um o momento de união de alguns colegas. Ao término da disciplina de folclore, a professora da disciplina sugeriu que o grupo que se constituiu durante a disciplina apresentasse alguma criação para o dia do artesão, em um evento no Centro de Artes.

Produzimos, então, uma dança tradicional gaúcha em um afoxé. Desse momento em diante, começamos a desenvolver outras composições e as criações foram sempre pautadas no folclore, como o lundu, o maculelê, o samba de roda, entre outras. Isso ajudou a perceber a minha capacidade de desenvolver, criar e reproduzir em dança.

Este foi o meu despertar, a minha redescoberta a partir da dança que produzia. Percebi que minha dança era uma manifestação cultural e que a mesma era cheia de significados, objetivos e subjetivos, os quais me definiam, também, enquanto pessoa. Além disso, permitiu-me acreditar ainda mais que eu vim do carnaval e que, sim, sou constituída dele, nele, por ele, através dele, ou seja, ele faz parte de mim e parte da minha história.

A respeito destes atravessamentos entre dança, cultura e cultura, Brasileiro (2010) destaca o seguinte:

> Dança é uma das manifestações culturais da humanidade que está presente em toda a sua história. Ouve-se, por todos os lados: “dança é vida”, “dança é mediação”, “dança é um ritual” [...] “Dançamos para nos comunicar”, “para expressar nossos sentimentos”, “para contar e recontar” [...] (BRASILEIRO, 2010, p. 137).

A minha dança expressa o que sou e o que me formou e me ajuda a contar a minha história e trajetória. É na cultura do carnaval, ligada ao contexto familiar, que a manifestação cultural do samba se reveste de sentido e de proximidade. Estes fundamentos ajudam a orientar e embasar os meus primeiros trabalhos no folclore, tornando essa dimensão de cultura, que passa pelo bailado, uma vivência da minha individualidade e ao mesmo tempo de coletividade. Entendo que cultura popular é

algo de domínio irrestrito do povo, feito pelo povo e para o povo, e que toda população deve ter acesso. Abreu (2003) define esse modo de expressão de cultura da seguinte forma:

> [...] não entendo cultura popular como um conceito que possa ser definido a priori, como uma fórmula imutável e limitante. Talvez possa ser visto como uma perspectiva, no sentido de ser mais um ponto (de vista) para se observar a sociedade e sua produção cultural. O fundamental, no meu modo de ver, é considerar cultura popular como um instrumento que serve para nos auxiliar, não no sentido de resolver, mas no de colocar problemas, evidenciar diferenças e ajudar a pensar a realidade social e cultural, sempre multifacetada, seja ela a da sala de aula, a do nosso cotidiano, ou a das fontes históricas. (ABREU, 2003, p. 02).

A aproximação com a cultura popular, através do folclore, permitiu o aprofundamento de meu entendimento da dança, para além da minha vivência do carnaval, que constituiu o universo das culturas populares e propiciou uma aproximação com o universo acadêmico, de produção e composição, de forma muito intuitiva. Essas criações do Grupo Tabla foram concebidas por um grupo que, além de mim, contavam com a colaboração de Mariana Gouveia, Marina Medeiros, Gregory Pinheiro e Carlos Eduardo Tavares.

O surgimento do grupo deu-se, também, para que nossas composições criadas no decorrer do curso não se perdessem, além de ser uma forma de levar tais trabalhos coreográficos para a comunidade. Ao decorrer da trajetória do grupo, conseguimos sensibilizar outros colegas que se somaram ao grupo, como a Carolina Portela, Renan Brião, Ivânia Oliveira e José Rodrigo Pinheiro.

Devido ao número relevante de colaboradores, nos organizamos, ensaiamos e levamos as composições para diferentes espaços como, por exemplo, escolas, praças, associações comunitárias e para cidade de Jaguarão.

Figura 42: Imagens de algumas apresentações do grupo Tabla no ano de 2017. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Em Jaguarão, no palco do Teatro Esperança (representado na figura acima - fig.42), junto com o Grupo Tabla, vivenciei uma espécie de retorno pois, acabei me reencontrando com o meu primeiro palco, onde tudo começou. Foi na época da escola, com a professora de Artes, que pisei pela primeira vez no palco do Teatro Esperança (passagem esta que já foi contada anteriormente), que é símbolo da cultura erudita do início do século passado na cidade de Jaguarão. Um dos poucos da nossa região, com fundação tão longínqua e localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul.

A experiência com dança na escola, no componente curricular de Artes, foi de grande importância na minha formação como ser humano. Percebo, hoje, o quanto foi relevante ter participado dessas atividades na escola. No livro de Dança e Educação, escrito por Almeida (2018), me deparei com um texto que trata sobre artes integradas, onde se enfatiza:

> O ser humano, especialmente na infância, possui infinitas formas de manifestação, inundamos nossas práticas educativas de experiências nas mais variadas linguagens. Cada linguagem carrega diferentes simbologias e pode potencializar a capacidade de comunicação, criação, interpretação e interação com o mundo. Desse modo, uma ação interdisciplinar, que integre as artes, pode expandir as perspectivas de compreensão, descoberta e invenção da rica e complexa teia de conhecimentos, criando oportunidades

> para a construção das múltiplas relações que envolvem o aprender. (ALMEIDA, 2018, p. 99)

Esse aprendizado da infância proporcionou em mim um despertar para as Artes, mesmo que tenha, com o passar dos anos, esquecido-me um pouco dessa essência de aprendizagem e percorrido um outro caminho durante a fase adulta, até, novamente, ter contato com a dança do Curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Federal de Pelotas.

Após a apresentação no referido Teatro, foi gratificante ouvir as pessoas que me conheciam da cidade dizendo:" - Nossa, não sabia que tu dançava"; "- Como você dança bem"; "- Agora, sim, estás no teu espaço"; "- Eu não sabia que tu era bailarina". Isso tudo me causou imenso orgulho! Pois, cursar uma universidade, um curso superior, uma faculdade de dança, era uma coisa, para mim, inimaginável, que estava inicialmente fora do meu querer e que nunca tinha cogitado tal ideia, ao menos anteriormente.

É importante dizer que essa minha vontade de cursar uma faculdade, que começou por caminhos tortuosos (ainda na Licenciatura em Letras), se deu muito pelo fato de querer um diploma de curso superior. Com a expansão das universidades que se deu em todo território nacional, a sociedade jaguarense cresceu e pessoas próximas de mim começaram a ingressar em cursos superiores, despertando, em mim, o mesmo desejo.

Venho de uma família em que a preocupação ou querer cursar um curso superior tinha um "tempo certo"[17]. Somente três pessoas da minha família possuem curso superior, duas primas e minha irmã caçula. A minha prima Virginia Borges, companheira de vida, que é formada em Biblioteconomia e Ciências Sociais; a prima Aline Cardozo, que figura em alguns momentos da minha história aqui contada, formada em Direito, e a minha irmã caçula Patrícia Crespo, formada em Pedagogia. Minha irmã é 10 anos mais nova, e, no dia em que ela colou grau, pensei que eu

[17] O calendário escolar, e a vida de estudante, organizada em nossa sociedade. Imprime um rito de formação, que compreende que as pessoas ingressem no sistema formal de ensino com 5, 6 anos, façam um percurso de 10, 12 anos na educação básica e, em seguida almejem uma faculdade ou curso técnico, antes de outras atividades.

poderia também porque se a minha irmã pode eu também posso! Pensei que eu também poderia realizar tal feito.

O Curso de Licenciatura em Dança favoreceu o percurso para que descobrisse novos horizontes, aprendendo por meio de um ambiente diversificado. A vivência das práticas nos laboratórios, as leituras e discussões sobre conteúdos e as inquietações contribuíram com minha formação e transformação pessoal, além de proporcionar o descobrimento de outras formas e linguagens de dança.

Figura 43: Imagem da minha atuação de estágio na Escola Municipal Joaquim Nabuco no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Durante a trajetória no curso de graduação, participei dos estágios supervisionados obrigatórios de docência, os quais não tiveram como tema gerador o carnaval, mas as danças de salão. No estágio com os anos iniciais do Ensino Fundamental, abordei a temática da ludicidade através de brincadeiras, conforme a imagem anterior (fig.43). Nestas brincadeiras, durante as aulas de dança, vinculada a disciplina de artes, podemos trabalhar com o universo lúdico, uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil. A respeito desta abordagem, Almeida (2018) destaca:

> [...] utilizar elementos do lúdico como jogos, brinquedo, brincadeiras, brinquedos cantados (terminologia utilizada para brincadeiras de roda, de mãos e outras em que as crianças cantam brincam) e faz de conta em vivências dançantes, é essencial às crianças pois se torna um atrativo que possibilita um estado de prontidão, atenção, disponibilidade autonomia e interação com seus colegas educadores". (ALMEIDA,2018, p.19).

Na imagem podemos perceber que na realização da brincadeira folclórica "Escravos de Jó", o trabalho foi desenvolvido no pátio da escola, com todos reunidos em roda. Minha atuação docente, durante os estágios, deu-se junto a crianças, adolescentes e adultos, e estas experiências acabaram por me fazer perceber que poderia ser professora. Nunca havia imaginado que poderia lecionar e ser docente, por acreditar que não tinha perfil para tal e que não saberia como atuar em uma sala de aula, não acreditando que eu conseguiria conquistar e cativar alunos, mas durante essa trajetória de aprendizagem acadêmica no Curso de Dança compreendi o que é ser professora.

Nesta construção enquanto uma licencianda em dança, apta a dar aulas e, principalmente, autoprojetar-me enquanto docente, passei pela experiência do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), uma experiência maravilhosa de inserção na escola, que ocorreu ainda antes dos estágios obrigatórios. A imagem que segue (fig.44) apresenta o Grupo dos Bolsistas e Professora Orientadora do PIBID, reunido após um espetáculo de dança que produzimos na escola.

Figura 44: Imagem do grupo de Pibidianos na escola Balbino no ano de 2016. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Durante tal performance, apresentamos alguns gêneros de dança como Jazz Dance, Ballé Clássico, Dança Contemporânea, Dança Afro e Danças de Salão, o que é retratado pela diversidade de figurinos dos integrantes do grupo que compuseram o espetáculo e performaram na ocasião. Considero que foi muito importante estar naquele espaço escolar, tendo a oportunidade de conhecer a estrutura que poderemos encontrar em atuações futuras enquanto docentes na escola. O PIBID propiciou um mergulho na realidade das salas de aulas, que fomentou um embasamento para a minha atuação no estágio curricular.

A minha experiência na Universidade, dentro do Curso de Dança, passou também pela representação discente do curso e me possibilitou conhecer um pouco do sistema acadêmico e do colegiado do curso de graduação, bem como saber como funciona o desenvolvimento da vida acadêmica e saber como os professores do curso se preocupavam com andamento das atividades. Nestas instâncias representativas e deliberativas do curso é que podemos perceber o modo com que os docentes se preocupam com as melhorias curriculares e as reinvindicações dos discentes.

Conheci a vida na universidade a partir do Curso de Dança e também pude me aproximar do grupo de pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq), que me ofereceu ferramentas para refletir sobre uma forma de elaborar minha pesquisa para o TCC, sabendo que seria um percurso com muita dificuldade, pois não dominava a arte da escrita.

Com a chegada no projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), produzido na disciplina Projeto de Pesquisa em Dança, comecei a buscar uma definição sobre o tema que iria pesquisar. Na primeira orientação, o professor questionou sobre o meu interesse de pesquisa e acabei apresentando a minha trajetória no carnaval e isso reverberou na minha trajetória acadêmica, incluindo nesse percurso a consideração da professora que me disse que eu não era formada pelo carnaval.

Dessa forma, houve a compreensão do que eu gostaria de trabalhar como tema de pesquisa e através do meu relato sobre a Tia Mocinha e a Escola de Samba Estrela D'alva, o professor acabou me ajudando a enxergar que em todos esses espaços em que eu estava mergulhada, na dança impregnada ali, e que a minha história que envolvia o carnaval, a minha tia e a escola, era a minha constituição enquanto individuo, era eu. Sendo assim, decidi que o tema do meu trabalho seria a minha trajetória dançante, a partir do carnaval.

Este estudo causou uma experiência bastante marcante na minha trajetória. Foi através de muita dor que percorri este trajeto, porque este estudo mexeu profundamente com os meus sentimentos. Assim, começo a me aprofundar nas memórias pessoais e familiares e acabo descobrindo tanta coisa que ficou guardada. A saudade acabou batendo, pois suscitou a lembrança de muitos familiares e amigos que já não estão mais aqui encarnados, pois agora habitam o plano espiritual.

Minha Avó Jalma é uma dessas pessoas. Lembro-me de como ela me auxiliou quando fui Rainha. Quando criança, eu também ficava muito com ela, era a minha cuidadora enquanto meus pais trabalhavam. A Tia Mocinha fez até promessa quando eu era criança por conta de uma doença, iria me vestir de anjo em uma procissão, o que acabou não acontecendo.

Foram nas reuniões de orientação que consegui perceber a necessidade de falar sobre o carnaval, partindo do princípio que essa festa faz parte de mim, tanto quanto eu faço parte dela. Assim, início a pesquisa, com o foco na dança, no carnaval, com um olhar sobre a minha formação e trajetória.

Para falar em trabalho acadêmico a respeito do Carnaval, é importante explicar sua origem. Durante as leituras sobre o assunto, observei que o início do carnaval estava muito próximo da mitologia, com os Deuses, tragédias e cultos, como a fertilidade da natureza. De acordo com Corvelo (2010) *apud* Luís Agostinho Medeiros da Silva, as primeiras manifestações da festa aconteceram nos ritos gregos e romanos que, geralmente, estavam ligados às questões de fertilidade e colheita.

Buscando pela palavra carnaval, observamos diversas versões a respeito de sua etimologia. Uma delas diz que sua origem vem do latim, *Carnelevamen*, que significa “adeus à carne”. Esta é uma menção feita à “Terça-Feira Gorda”, que é o último dia do calendário cristão em que é permitido se comer carne. Um período normalmente de três dias que antecedem à quarta-feira de cinzas e se destina aos festejos, bailes, desfiles. Nas festas que aconteciam neste período, as pessoas buscavam se disfarçar com fantasias e máscaras, coisas que nos dias de hoje ainda ocorre. No Brasil, o carnaval chega através dos colonizadores portugueses, com o nome de “entrudo”. Sobre o entrudo, Queiroz (1999) explica:

> Chamava-se Entrudo o antigo carnaval português; o termo significava “entrada “, segundo dizem, sendo celebrada para festejar a entrada da primavera; muito antes do cristianismo, cobria o mesmo período do ano e era precedida por várias comemorações esparsas no calendário, que anunciavam. Com a implantação do cristianismo, passou a se realizar do sábado Gordo à quarta-feira de cinzas. (QUEIROZ, 1999, p. 30).

No século XVIII, a Festa já estava espalhada pelas grandes cidades brasileiras e apesar de, inicialmente, ser uma comemoração realizada pelas classes dominantes, que para diversão utilizavam limões de cheiro, lança-perfume, confetes e serpentinas, esse tipo de festa, fez sucesso nas classes menos favorecidas da época, onde os escravos, índios e mestiços, usavam o barro, ovos e frutas para sua diversão.

Após o fim da escravidão, com a libertação dos negros, os grupos dominantes da época procuraram um jeito de manter um controle social e buscaram uma forma de punir essas classes desfavorecidas o que acabou sendo contraditório, pois não podiam impedir o povo de ocupar as ruas no carnaval e quem saía às ruas sabia que seria alvo dos brincantes. Para manter essa população menos favorecida longe da sociedade da época Carvalho & Madeiro (2005) esclarecem que:

> As elites urbanas afastaram-se então dos locais públicos e passaram a realizar as festas em suas casas, no “espaço privado”, preservando, assim, suas diferenças, sua distinção. Nelas usavam-se máscaras e fantasias trazidas da Europa, ricamente ornamentadas e impossíveis de serem imitadas pela plebe nas ruas. Na exuberância do visual, entre outros aspectos, as famílias tradicionais preservaram sua distinção. (CARVALHO & MADEIRO, 2005, p. 167).

Para além desta breve apresentação da origem do carnaval, é imprescindível dizer que no Brasil a dinâmica do carnaval tomou contornos próprios que o tornam único e, ao mesmo tempo, o tornam símbolo da cultura nacional. Conforme nos apresenta Jesus (2013): “O entendimento do carnaval como um modo de expressão de ‘brasilidade’ não coincide com o surgimento das primeiras vias de expressão e manifestações populares que acabariam por originar a festa carnavalesca” (JESUS, 2015, p. 69).

Sendo assim, para entendermos a festa popular mais representativa do Brasil, no espaço geográfico de Jaguarão, espaço ao qual se insere o respectivo trabalho aqui descrito, podemos considerar, conforme nos apresenta Jesus (2013) que:

> É inegável que um dos acontecimentos de maior abrangência e repercussão do Brasil é o Carnaval. A festa realizada em todas as regiões do país [...] (com) características próprias de acordo com o local e o grupo que realiza e que ocupa desde salões e clubes sociais até as ruas, avenidas e praias das mais distintas cidades. [...] não seria equivocado referir-se à festa carnavalesca no nosso país no plural como “carnavais brasileiros”. [...] são inúmeros os componentes que constituem os carnavais realizados nas diferentes regiões de estados do nosso país. Tais variantes são identificadas em diferentes elementos, mas que se concentram especialmente em dois aspectos principais: os modos de organização estrutural e social e a configuração estética desdobrada em diferentes linguagens artísticas e estilísticas. (JESUS, 2013, p. 72)

O Carnaval de Jaguarão apresenta elementos próprios, embora no percurso deste trabalho, mencionamos uma mudança que passa pelos diferentes espaços da festa. A cada década, o carnaval jaguarense apresenta elementos distintos, porém não únicos, pois podemos identificá-los em outros espaços carnavalescos no território brasileiro.

No projeto de TCC, no início desse percurso investigativo, consegui definir minha aproximação com a festa carnavalesca nas suas diferentes representações do carnaval jaguarense, articulando com a minha dança nesse universo. Pude perceber que apesar das dificuldades no exercício da escrita, falar e compreender a dança na minha trajetória pessoal era a parte mais fácil. Criar e produzir os figurinos era mais fácil ainda. Somente na fase de concepção do TCC que pude assumir, verdadeiramente, que minha dança provém do carnaval, já que durante a faculdade, em alguns momentos, senti que me foi negado esse autoreconhecimento.

Assumo que sou do carnaval, que vim da cidade de Jaguarão, da festa de família no pátio da casa dos meus pais. Assumindo isso, acabei chegando ao tema da minha obra na disciplina de Montagem de Espetáculo II, parte artística da avaliação final para obtenção do título de licenciado em dança. Produzi um espetáculo, com a minha família e coloquei todos em cena: primos, tia, pai, mãe, irmã, irmão, filhos, marido e amigos. Acabamos mostrando no palco parte da trajetória carnavalesca e dançante da minha família e, principalmente, do que eu, Keity, fui e sou formada ao longo dos tempos.

O espetáculo iniciou apresentando a trajetória da minha vida, na década de 1980, ainda criança, no qual não havia essa dimensão de que éramos construtores da nossa própria história. Quando tudo parecia tão comum, apenas a vida acontecendo, nada tão encantador, porém, foi possível perceber, durante a construção da concepção do espetáculo, que aquela vida simples poderia se tornar uma grande composição.

Algo pensado e planejado, não por artistas ou técnicos renomados, mas um espetáculo real, construído com muita simplicidade, união e amor. O espetáculo ganha o nome de “MOB’S[18] - na avenida da vida”, e vem mostrar os casos e acasos de uma família brasileira desde o princípio, da vida de um de seus integrantes, até os dias atuais, tendo o samba como elemento principal e articulador das cenas e memórias que foram apresentadas.

[18] MOB’S é a sigla que definimos para denominar essa família de muitos parentes sem correspondente sanguíneo ou sequer grau de parentesco. Essa sigla representa as famílias que se aproximaram e criaram um laço de união. Entre elas: Madruga, Machado, Oliveira, Borges, Silva, Silveira, entre outras.

Figura 45: Imagem da Mariana Lemke (minha filha) na 1º cena do Espetáculo “MOB’S - Na Avenida da Vida” no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Figura 46: Imagem (frame) do Bruno, Mariana e a boneca durante o Espetáculo MOB’S “Na Avenida da Vida” no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na obra, tudo começa com o imaginário de criança que observava a prima mais velha dançar nos ensaios da Escola de Samba e, em casa, imitava seus

passos no espelho. Na primeira imagem acima, figura 45, está Mariana Lemke, representando meus primeiros passos no carnaval. Ainda pequena, havia as brincadeiras de carnaval no bloco, chamado “Bloco do Negrão”, que carregavam grandes bonecos que representavam o Negrão e a Negrona. Na imagem 46 (página anterior), mostramos essa representação com a boneca da negrona brincando o carnaval com Bruno e Mariana (meus filhos), um pouco da infância vivida em família, nos festejos de momo.

Logo em seguida, apresento na composição o meu reinado no Clube 24. A emoção de ter um sonho de menina realizado em quatro noites de carnaval, representando o Clube Social 24 de Agosto, do qual sempre fizemos parte, por conta da tradição familiar.

Desse sonho de carnaval, passamos a apresentar o carnaval de rua, colocando no palco o pavilhão da Escola de Samba Estrela D’Alva. Na figura 47, podemos ver o jovem casal de Mestre-sala e Porta-bandeira João Gabriel Farias e Bruna Chagas, apresentando o seu bailado e com ele a majestosa bandeira da nossa agremiação do coração.

Essa bandeira por longos anos tinha como portadora a Tia Mocinha, aquela que por muito tempo se portou como uma âncora e, ao mesmo tempo, como um ícone que consegue agregar a todos no corpo da escola, cada um trazendo o que há de melhor, no antes, preparativo para os desfiles, e no depois, com a escola na rua.

Figura 47: João Gabriel Farias e Bruna Chagas (Frame) no espetáculo MOB´S no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

É na escola de samba que a família se reúne para desfilar, ajudar na organização e coordenação dos desfiles. Aprendemos com a Tia Mocinha o sentido da paixão pelo carnaval - aquela paixão que nos permite abdicar de algo em prol de algo maior e, ao mesmo tempo, tornando-se figuras decisivas no estímulo a passarela que mostram aos componentes e as pessoas que assistem os desfiles a garra, vontade e o sangue nos olhos, que todo componente deve ter para chegar até o final da avenida em pé.

No espetáculo, trago meus pais como representantes da Velha Guarda, com a canção do samba-enredo “Liberdade, Liberdade” (GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, do Rio de Janeiro), que representa a luta deles por respeito, liberdade e igualdade em todos os espaços que ocupam, seja na escola de samba ou no clube social, deixando um legado de responsabilidade com a cultura de um povo e a paixão de uma família. Isso não tem preço!

Figura 48: Imagem (Frame) da velha Guarda no Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Na imagem acima (fig.48), é possível ver a representação da Velha Guarda, composta por meus pais e minhas tias, todos radiantes e emocionados pelo momento que estavam vivenciando. Da esquerda para direita nomeamos a tia Marlete Barbosa, meu pai Neir Madruga Crespo, minha mãe Sonia Oliveira Crespo e, na ponta, a tia Vera Marta Madruga Crespo.

Montar um espetáculo não é uma tarefa simples, ainda mais quando submetida a uma avaliação. De todo modo, pude notar que trazer a família para uma apresentação representou um grande esforço e, ao mesmo tempo, pude perceber que posso sempre contar com esse elenco. Colocá-los em cena foi algo inusitado, pois trabalhei com corpos que não estão acostumados a estar em cena, oficialmente, ao menos num formato de palco italiano. O espaço que lhes é familiar é o fundo do quintal da antiga casa da minha avó, palco de muitas memórias coletivas e a Avenida 27 de Janeiro, passarela oficial do carnaval Jaguarense.

Priorizei como artistas, os protagonistas da minha vida, para que pudessem entender este mundo ao qual estou imersa. Poderia ter trabalhado com bailarinos experientes, mais a energia que aconteceu naquele dia, só os protagonistas da vida real poderiam proporcionar. Abaixo segue mais um registro no espetáculo. Na figura 49, a nossa roda de Samba MOB'S:

Figura 49: Imagem (Frame) da Roda de samba no Espetáculo MOB'S "Na Avenida da Vida" no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Trouxe para a cena a Roda de Samba da minha família MOB'S. Embora parecesse loucura para os que me ouviam falar, queria me aproximar do real, ou seja, explicar o meu universo de formação dançante, ligado ao carnaval, representado de modo a trazer uma obra cênica que pudesse retratar as experiências carnavalescas mais próximas da vida real.

Acredito que não haveria uma forma mais válida de representação da minha realidade que não fosse essa, ou seja, ousar trazer aqueles que não tinham experiência cênica na produção de um espetáculo em formato de palco italiano, por não se considerarem artistas formais, ou mesmo, o fato de apresentar uma reunião espontânea como expressão de arte, através da roda de samba, que atestam esta característica de carnaval como espetáculo popular.

A preocupação do movimento artístico do curso se dava por compreenderem que quando falamos em um espetáculo, temos um compromisso de formação e concepção de obra, para e com o público que a recebe. Logo, trazer pessoas sem preparação formal ou iniciação tradicional na arte da apresentação da dança, soou como uma loucura para muitos, mas foi respaldada por mim, pela orientação que tive, pela banca avaliadora, pelo público e pelo curso, de uma forma geral.

Esse movimento de apresentação e avaliação da Universidade foi cumprido com êxito. Tenho orgulho de dizer que o desafio deu certo, o público presente

interagiu maravilhosamente bem, o que pode ser entendido como resultado de uma característica particular, uma vez que a Família MOB'S consegue agrupar e acolher a todos com suas várias formas de dança e sua alegria contagiante.

Na imagem abaixo, figura 50, podemos perceber que todos estavam contagiados da mesma alegria. Particularmente, eu nunca tinha presenciado um fechamento de espetáculo que acabasse em um carnaval, com todos da plateia participando. É emocionante identificar, através da imagem, os Madruga, os Oliveira, os Borges, recebendo a todos que queiram participar da nossa família dançante. Todos são bem-vindos no espetáculo da Família MOB'S, seja no palco ou no fundo do quintal. Todos que chegam se sentem bem junto a nós e acabam sendo, de algum modo, parte integrante da nossa grande família.

Figura 50: Imagem (Frame) do público que assistiu ao espetáculo MOB´S no ano de 2018. (Fonte: Arquivo Pessoal).

Com a proposição deste espetáculo e com o percurso feito no Curso de Licenciatura em Dança, pude perceber que além da Família MOB'S, constituí também a minha Família da Dança. Essa segunda família possibilitou o desenvolvimento do espetáculo apresentado pela primeira família, de modo primordial. Somente quem caminha junto, dividindo um caminho, pode se dispor a acreditar em uma ideia magnífica, ainda que nunca executada no nosso espaço da Dança, e fazê-la dar certo.

Na imagem abaixo, figura 51, apresento o registro dessa grande família que se formou, a partir da trajetória dançante dessa bailarina que lhes apresenta essas linhas. A Família MOB'S, com certeza, ficou maior e a Família da Dança com certeza enriqueceu nessa experiência.

Figura 51: Imagem feita após a apresentação do espetáculo MOB´S

O reconhecimento do que foi bom, por parte dos espectadores. Os olhares e falas, que reconhecem: "- Nossa como foi legal!"; "- Eu não sabia que vocês faziam isso". O "estar no palco enquanto artista" e conseguir entender o meu papel enquanto arte-educadora foram reveladores. Hoje, quando chego nos espaços que lecionei, ouvir meus ex-alunos pedindo para eu retornar, atesta que todos os esforços durante o curso produziram entendimentos e conhecimentos em mim e isso não tem dinheiro no mundo que pague. Superação é a palavra que me define.

Esse capítulo da minha trajetória, que explica esse aprimoramento da minha dança, ligada ao carnaval, só pode ser explicado ou entendido como um recomeço, ou fechamento de um ciclo marcante. No qual pude me reencontrar com a minha história e produzir novos olhares para o mundo, a partir da diversidade que me foi apresentada na vida acadêmica.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa me proporcionou um olhar atento, sensível e reflexivo sobre as minhas memórias e a partir dessas memórias busquei traçar uma linha reflexiva para compreender de que modo surge a dança e o carnaval em minha trajetória de vida, ambos como motes de assunção da minha própria subjetividade.

A partir desse estudo, foi possível retornar ao passado; fiz uma viagem a várias faces da minha vida e fui estimulando essas memórias através de imagens, onde nelas consegui buscar as recordações que contêm os momentos que marcaram minha história de vida.

Esta pesquisa acadêmica teve como propósito responder ao questionamento do problema de pesquisa e alcancei os objetivos propostos nesta investigação, percorrendo um caminho cujo percurso resultou na escrita desta monografia, por meio do desafiador método da autoetnografia.

No primeiro momento, realizei a minha ida a campo para buscar entender um pouco mais sobre o carnaval da minha cidade e da Escola de Samba Estrela D'alva, espaços estes os quais acreditei que poderiam começar investigar para alcançar o objetivo principal deste estudo: recuperar as memórias e investigar a experiência no carnaval de Jaguarão na formação e constituição da minha trajetória dançante.

Na busca por essas memórias, recuperei, vivenciei e revivi vários momentos, especialmente no meu imaginário, que me fizeram entender que sou formada pelo carnaval desde muito pequena e que essa formação tem início no seio familiar, onde me estimularam essa vivência. Não há porque ter vergonha disso e, pelo contrário, assumo esta trajetória com pleno orgulho!

Quando tracei os objetivos específicos desta pesquisa pensei em contextualizar brevemente o Carnaval de Jaguarão, especialmente o carnaval de rua e da Escola de Samba Estrela D'alva. Logo após o final da ida a campo, contudo, percebi que precisava falar mais sobre o carnaval do Clube 24 de Agosto para uma melhor contextualização deste universo ao qual sou imersa e me constitui. Ainda, procurei como objetivo mapear e analisar os principais agentes carnavalescos que

influenciaram a minha trajetória dançante e busquei relacionar estas influências com a formação artística e acadêmica na qual estou imbricada.

Dentre as lembranças vividas em minha memória, destaco nesta investigação as práticas de dança vivenciada no salão do Clube 24 de Agosto, durante os bailes de carnaval, onde comecei a observar as princesinhas e a fazer parte de cortes sociais do clube, até chegar na adolescência, quando alcancei meu sonho de ser Rainha. Tive a alegria de realizá-lo, e tenho a total certeza de que o fiz com amor, carinho e dedicação e serei eternamente grata a todos que me apoiaram (e mesmo aqueles que duvidaram da minha capacidade, pois isso foi mais um combustível para alavancar a minha realização pessoal).

A partir desta realização, entendo que meu corpo é formador de história e que é constituído de memórias que me auxiliam nesta trajetória dançante, que só foi possível ser identificado quando adentro a academia e sou indagada sobre minha formação dançante.

Busquei na academia entender como nasceu o carnaval, acabei por perceber que não existe exclusivamente “o meu carnaval” e, sim, existem vários carnavais, e que estes carnavais se transformam com o passar dos anos, novas gerações surgem e agregam novidades. Sendo assim, considero que este trabalho poderá, também, estimular outros pesquisadores para que não deixem que se apague ou se perca no tempo os carnavais de décadas passadas, uma vez que muitos destes carnavais em minha cidade natal já não existem mais e só fica a saudade. Desta épocas de outrora, recordo com carinho dos bailes de carnaval nos clubes, o Bloco do Negrão e os reboques dos trios. Estes são apenas alguns exemplos, pois com a extinção destes o que nos resta são as histórias orais para podermos fazer tais registros.

Considero que a dança na escola também foi um fio condutor que me auxiliou a chegar na academia e buscar a profissão de professora de dança, apesar do medo de não saber lecionar eu acabei me apaixonando pela profissão, mesmo eu não me dando conta disso inicialmente.

Também julgo necessário salientar que dança chegou até mim quando criança e me acompanha até os dias atuais, e que esse reencontro comigo mesma

se deu dentro do Curso de Dança da UFPel. Foi somente a partir deste ambiente que consegui refletir, entender e assumir que o carnaval me formou tanto como artista, quanto educadora e pesquisadora.

O Curso de Dança me presenteou com várias alegrias e felicidades. Acredito que sou mais feliz e, costumo dizer que quem dança é feliz! A descoberta da profissão, o início da docência, a criação e o desenvolvimento de ideias, formam uma série de elos que ligaram a pequena bailarina da infância a uma Profissional de Dança que surge ao longo desses quatro anos, completamente plena de seu papel junto aos espaços de arte. Muitas vezes, corremos contra o tempo; os trabalhos surgem e nos atropelam; mas as pessoas se encantam. Ademais, ao meu ver, o caminho percorrido até aqui foi muito gratificante.

Driblei o medo e acabei cativando meus alunos e, principalmente, superei o meu medo da escrita do trabalho de conclusão de curso que no final veio para ajudar a descobrir como a dança surgiu na minha vida. Além disso, aprendi que sou formada de muitas vertentes e, cada uma delas expressam as minhas raízes e sustentam a minha alma. Ambas pautadas no samba e no carnaval.

Minha consideração final deste estudo aponta para a percepção do doce sabor das memórias que estão vivas em meus pensamentos. Ao fechar os olhos para buscar essas memórias, encontrei a felicidade guardada no tempo, pois não importam quais as danças que pratiquei, o mais importante é que ninguém pode tirá-las de mim. Através das danças que vivenciei no carnaval e na universidade, esses dois mundos se cruzaram e acabaram se envolvendo de tal forma que já não consigo mais separá-los.

8. REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. **IN: Ensino de história:** conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Casa da Palavra, 2003. 83p.

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; ESCOBAR, Giane Vargas; MUNARETTO, Sara Teixeira. **Clube 24 de Agosto (1918-2018):** 100 anos de Resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai. Porto Alegre: Ilu Editora, 2018. 208 p.

ALMEIDA, Fernanda de Souza. **Dança e educação:** 30 experiências lúdicas com criança. São Paulo: Ed. Summus,2018.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante:** coleção pesquisa qualitativa. São Paulo: Bookman Editora, 2009.

AREND, Aline. NARRATIVAS: recordações de memórias de infância. Ciclo de Investigações do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais/UDESC, XI, 2016, Anais ..., Florianópolis/SC: PPGAV, v. 3, n. 5, p. 1-11, 2016.

BLASS, Leila Maria da Silva. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba:** a dupla face do carnaval. São Paulo: Annablume, 2007. 176 p.

BRASILEIRO, Lívia Tenório. A dança é uma manifestação artística que tem presença marcante na cultura popular brasileira. **Pro-Posições:** Revista da Faculdade de Educação da Unicamp, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 135-153, 2010.

CABRAL, Arlinda. Pedagogia do Oprimido. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 5, p. 200-204, 2005. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502005000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 13 nov. 2018.

CARVALHO, Cristina Amélia Pereira; MADEIRO, Gustavo. Carnaval, mercado e diferenciação social. **Organizações & Sociedade:** revista da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, Salvador, v. 12, n. 32, 2005. Disponível em < https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10769> Acessado em 11 nov 2018.

CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro:** partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Palmares: IPHAN, [20--]. Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi-%20Matrizes%20do%20Samba.pdf> Acessado em 02 dez 2018.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2005/1144>. Acesso em: 18 Nov. 2018. nov.

COIMBRA, Tiago. Carnaval de Jaguarão: Uma reflexão permanente – parte 3. **J3 Noticias**, Jaguarão, 05 abril 2018, Disponível em <http://j3jaguarao.wixsite.com/j3noticias/single-post/2018/04/05/Carnaval-de-Jaguar%C3%A3o-Um-reflex%C3%A3o-pertinente---Parte-3-Final-1?fbclid=IwAR0qBjxUNgDGM2v-icu6b3QRLBFbBE69IOD3iYQ5lxeKg8jYOuvG_WsJjaE> Acessado em 24 nov 2018.

CORVELO, Ronaldo. **Tradicionalismo & carnaval:** dualidade cultural em desfile. Porto Alegre: Faith, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997. 6.ed.

DANTAS, M**. Dança:** o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.

DICIO. Carnaval. **Dicionário Online de Português.** Disponível em <https://www.dicio.com.br/carnaval/ > Acessado em 29 set 2018.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 1990.

FERREIRA, Loiane Gomes; NUNES, Thatiane Narciso. **Fantasia:** alegoria e performance no carnaval. Rio de Janeiro: PUC Rio Digital. Disponível em < http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/04Ecletica%2042%20Fantasias%20Carnaval%2014-17.pdf Acessado em 20 nov 2018.

GONÇALVES, Renata de Sá. **A dança nobre do carnaval**. Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano, 2010.

JESUS, Thiago Silva de Amorim. **Corpo, ritual, Pelotas e o carnaval:** uma análise dos desfiles de rua entre 2008 e 2013. 2013. 367 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2013.

LAGES, Rodrigo. **Mocinha, um ícone de resistência no carnaval jaguarense:** Uma leitura do contexto da sociedade recreativa beneficente

Estrela D'ALVA. 2017. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Unip Jaguarão, 2017.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003. 5.ed.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

MAINARDI, Maristel Pereira. **O Luxo e o Brilho do Estilista Pompílho**: dos salões sociais à passarela do samba. Pelotas: Editora Livraria Mundial,2005.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MARQUES, Isabel. Notas sobre o corpo e o ensino de dança. **Revista Caderno Pedagógico:** revista da UNIVATES, Lajeado/RS, v. 8, n. 1, 2011.

MATTOS, C.L.G.; CASTRO, P.A., (orgs). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível em < http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf> Acessado em 15 nov 2018.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. **In:** MINAYO, M. C. de S. **A Pesquisa Qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 21 ed, 2002, p.21-25.

MINAYO, M. C. de S. Sobre comidas e mulheres. **In: O que faz o brasil, Brasil**. Rio de Janeiro, 1986. 5.ed.

NUNES, Juliana dos Santos. "Somos o Suco do Carnaval!": a marchinha carnavalesca e o cordão do clube social 24 de Agosto. Trabalho de Conclusão do Curso de História. 2010. 75f. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS. 2010.

OLIVEIRA, José Luiz de. Pequena história do carnaval carioca: de suas origens aos dias atuais. **Revista Encontros:** Departamento de História do Colégio Dom Pedro II, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, 2012.

OLIVEIRA, Nadir Nobrega. **Sou negra, sim senhora**! Um olhar nas práticas espetaculares dos blocos afro Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê e Bankoma no carnaval soteropolitano. Salvador: Ed. UFBA, 2013.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; DE OLIVEIRA VOLPATO, Marcelo. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferença. **LÍBERO. ISSN impresso: 1517-3283/ISSN online: 2525-3166**, n. 24, p. 139-152, 2016.

PINTO, Danilo Corrêa. **Corpo, discursos e carnaval:** imagens do corpo feminino no desfile de escolas de samba do carnaval carioca. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013. 140p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro:** o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999

SANTOS, Victoria Guilherme dos**. Filhos da folia**: um olhar sobre a presença das crianças do carnaval carioca 2014. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciências Sociais) Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. No país das cores e nomes. **In: O corpo do brasileiro:** estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC, 2000. p. 96-130

SILVA, Vania Silva Oliveira da. **ARA-ÌTÀN: a dança de uma rainha, de um carnaval e de uma mulher.** 2016. 288f. (Mestrado em Dança) Universidade Federal da Bahia, Salvador, Biblioteca Depositária: 2016. Disponível em < https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19744> Acessado em 20 nov 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. CENTRO DE ARTES. **Curso de Dança-licenciatura:** Projeto Pedagógico. Pelotas/RS, 2013.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias:** conceitos alternativos em construção. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE I - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Participação em Pesquisa Acadêmica

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____ , portador (a) do RG nº _____ e do CPF nº_____, residente à rua _____, nº _____, bairro _____, na cidade de _____, Estado _____, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Keity Machado Lemke, aluna do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS, portadora do RG nº3080780004 e do CPF nº 00429567065, residente na cidade de Pelotas-RS, à rua Barão de Jaraú, Travessa 1, nº150, Bairro COHAB Tablada, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a utilizar minha imagem e depoimentos para fins de realização de pesquisa acadêmica com temática em torno do Carnaval da cidade de Jaguarão/RS, podendo tais dados e informações serem utilizados em quaisquer tipos de trabalhos acadêmicos tais como livros, artigos científicos, produções artísticas e demais produtos e/ou processos resultantes da referida investigação.

Reconheço também que os resultados da pesquisa são unicamente para fins acadêmicos (científicos e/ou artísticos), não sendo utilizados para fins comerciais. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão do Curso que tem como título provisório "*Memórias Carnavalescas: trajetória dançante no Carnaval de Jaguarão/RS*", que é orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, no Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Em tempo, cabe registrar que minha participação é voluntária, conforme a lei nº9.608 de 18 de fevereiro de 1998, deste modo, "não gerando vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdência ou afim" e não cabendo, portanto, a mim, qualquer remuneração ou ressarcimento pelo serviço prestado para a pesquisa relativa ao supracitado Trabalho de Conclusão de Curso. Ressalto, também, que, a qualquer momento do processo de confecção deste estudo, posso desistir e tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a mim.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

_____, _____ de _____ de 2018.

_____

Assinatura do Participante

APÊNDICE 2- ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro das Entrevistas

1º) Gostaria de pedir que você se apresentasse (nome, idade, profissão etc....)

2º) Vou pedir para você me falar sobre sua relação com o carnaval? Qual foi a primeira vez que desfilou, onde foi? Quanto tempo faz?

3º) Qual a sua relação com a escola de samba Estrela D'ALVA, o que você já fez na escola, o que conheces sobre a escola, me conte sobre a sua trajetória e quais papeis ou funções já assumiu na escola e se já assumiu algum cargo?

4º) Como você descreveria a relação da nossa família (Machado e Madruga) com o carnaval e com a escola de samba Estrela D`ALVA, lembranças, memorias algum fato marcante que você recorde?

5°) Quais memorias que você tem comigo ou sobre mim no carnaval
EXTRA: como você lembra de mim dançando desfilando participando de ensaio, cenas momentos (eu criança)

6°) considerando os temas, carnaval de rua, escola de samba, família e carnaval bem como minha participação neste contato você teria algum outro fato marcante, memoria, história que você lembre que gostaria de falar?

ANEXOS

Anexo I – Termo de autorização assinado Divane Dutra Quadro.

Participação em Pesquisa Acadêmica

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Divane Dutra de Quadro, portador (a) do RG nº 1061286777 e do CPF nº 721 243 690-31, residente à rua Dorval Leitão, nº 215, bairro Harodo da Hípica, na cidade de Porto Alegre. Estado _____, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Keity Machado Lemke, aluna do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS, portadora do RG nº3080780004 e do CPF nº 00429567065, residente na cidade de Pelotas-RS, à rua Barão de Jaraú, Travessa 1, nº150, Bairro COHAB Tablada, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a utilizar minha Imagem e depoimentos para fins de realização de pesquisa acadêmica com temática em torno do Carnaval da cidade de Jaguarão/RS, podendo tais dados e informações serem utilizados em quaisquer tipos de trabalhos acadêmicos tais como livros, artigos científicos, produções artísticas e demais produtos e/ou processos resultantes da referida investigação.

Reconheço também que os resultados da pesquisa são unicamente para fins acadêmicos (científicos e/ou artísticos), não sendo utilizados para fins comerciais. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão do Curso que tem como título provisório "*Memórias Carnavalescas: trajetória dançante no Carnaval de Jaguarão/RS*", que é orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, no Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Em tempo, cabe registrar que minha participação é voluntária, conforme a lei nº9.608 de 18 de fevereiro de 1998, deste modo, "não gerando vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdência ou afim" e não cabendo, portanto, a mim, qualquer remuneração ou ressarcimento pelo serviço prestado para a pesquisa relativa ao supracitado Trabalho de Conclusão de Curso. Ressalto, também, que, a qualquer momento do processo de confecção deste estudo, posso desistir e tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a mim.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Porto Alegre, 22 de novembro de 2018.

Divane Dutra de Quadro

Assinatura do Participante

Anexo 2 - **Termo de autorização assinado por Nestor Yony Billafán .**

Participação em Pesquisa Acadêmica

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Nestor Yony Billafán, portador (a) do RG nº 8114209383 e do CPF nº 839724550-20, residente à rua Carlos Alberto Ribas, nº 1468, bairro Centro, na cidade de Jaguarão, Estado Rio Grande do Sul, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Keity Machado Lemke, aluna do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS, portadora do RG nº3080780004 e do CPF nº 00429567065, residente na cidade de Pelotas-RS, à rua Barão de Jaraú, Travessa 1, nº150, Bairro COHAB Tablada, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a utilizar minha imagem e depoimentos para fins de realização de pesquisa acadêmica com temática em torno do Carnaval da cidade de Jaguarão/RS, podendo tais dados e informações serem utilizados em quaisquer tipos de trabalhos acadêmicos tais como livros, artigos científicos, produções artísticas e demais produtos e/ou processos resultantes da referida investigação.

Reconheço também que os resultados da pesquisa são unicamente para fins acadêmicos (científicos e/ou artísticos), não sendo utilizados para fins comerciais. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão do Curso que tem como título provisório "*Memórias Carnavalescas: trajetória dançante no Carnaval de Jaguarão/RS*", que é orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, no Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Em tempo, cabe registrar que minha participação é voluntária, conforme a lei nº9.608 de 18 de fevereiro de 1998, deste modo, "não gerando vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdência ou afim" e não cabendo, portanto, a mim, qualquer remuneração ou ressarcimento pelo serviço prestado para a pesquisa relativa ao supracitado Trabalho de Conclusão de Curso. Ressalto, também, que, a qualquer momento do processo de confecção deste estudo, posso desistir e tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a mim.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Jaguarão, 25 de Setembro de 2018.

Nestor Yony Billafán.

Anexo 3- Termo de autorização assinado por Claudemir Dias de Oliveira.

Participação em Pesquisa Acadêmica

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Claudemir Dias de Oliveira, portador (a) do RG nº 3040498771 e do CPF nº 348985300/87, residente à rua Odilo Gonçalves 380, nº apt. 01, bairro Centro, na cidade de Jaguarão, Estado RS, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Keity Machado Lemke, aluna do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS, portadora do RG nº3080780004 e do CPF nº 00429567065, residente na cidade de Pelotas-RS, à rua Barão de Jaraú, Travessa 1, nº150, Bairro COHAB Tablada, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a utilizar minha imagem e depoimentos para fins de realização de pesquisa acadêmica com temática em torno do Carnaval da cidade de Jaguarão/RS, podendo tais dados e informações serem utilizados em quaisquer tipos de trabalhos acadêmicos tais como livros, artigos científicos, produções artísticas e demais produtos e/ou processos resultantes da referida investigação.

Reconheço também que os resultados da pesquisa são unicamente para fins acadêmicos (científicos e/ou artísticos), não sendo utilizados para fins comerciais. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão do Curso que tem como título provisório "*Memórias Carnavalescas: trajetória dançante no Carnaval de Jaguarão/RS*", que é orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, no Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Em tempo, cabe registrar que minha participação é voluntária, conforme a lei nº9.608 de 18 de fevereiro de 1998, deste modo, "não gerando vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdência ou afim" e não cabendo, portanto, a mim, qualquer remuneração ou ressarcimento pelo serviço prestado para a pesquisa relativa ao supracitado Trabalho de Conclusão de Curso. Ressalto, também, que, a qualquer momento do processo de confecção deste estudo, posso desistir e tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a mim.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Jaguarão, 30 de Janeiro de 2018.

Assinatura do Participante

Anexo 4- Termo de autorização assinado por Luiz Carlos Marquez.

Participação em Pesquisa Acadêmica

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Luiz Carlos M.F. Marquez, portador (a) do RG nº 5005086898 e do CPF nº_____, residente à rua ALFREDO VARELA, nº 173 bairro _____, na cidade de JAGUARÃO, Estado R.S., AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Keity Machado Lemke, aluna do Curso de Dança – Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS, portadora do RG nº3080780004 e do CPF nº 00429567065, residente na cidade de Pelotas-RS, à rua Barão de Jaraú, Travessa 1, nº150, Bairro COHAB Tablada, na cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, a utilizar minha imagem e depoimentos para fins de realização de pesquisa acadêmica com temática em torno do Carnaval da cidade de Jaguarão/RS, podendo tais dados e informações serem utilizados em quaisquer tipos de trabalhos acadêmicos tais como livros, artigos científicos, produções artísticas e demais produtos e/ou processos resultantes da referida investigação.

Reconheço também que os resultados da pesquisa são unicamente para fins acadêmicos (científicos e/ou artísticos), não sendo utilizados para fins comerciais. Os resultados obtidos serão analisados e disponibilizados pública e gratuitamente através do Trabalho de Conclusão do Curso que tem como título provisório "*Memórias Carnavalescas: trajetória dançante no Carnaval de Jaguarão/RS*", que é orientado pelo Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus, no Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Em tempo, cabe registrar que minha participação é voluntária, conforme a lei nº9.608 de 18 de fevereiro de 1998, deste modo, "não gerando vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdência ou afim" e não cabendo, portanto, a mim, qualquer remuneração ou ressarcimento pelo serviço prestado para a pesquisa relativa ao supracitado Trabalho de Conclusão de Curso. Ressalto, também, que, a qualquer momento do processo de confecção deste estudo, posso desistir e tenho o direito e a liberdade de retirar meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a mim.

Sem mais para o momento, subscrevo-me.

Jaguarão, 09 de fevereiro de 2018.

Assinatura do Participante

Anexo 5- Entrevista de Divane Dutra

Entrevista na íntegra com a Divane Dutra
Tempo de duração: 21 min. e 53 seg.
Data:26/01/2018 - sexta -feira
Horários:19:30h

Keity: Para gente começar nossa conversa eu gostaria que tu te apresentasse. Idade e nome é pessoal.
Divane: Bom, meu nome é Divane, eu sou filha da Mocinha, sou amante do carnaval. Carnaval para mim é minha alma, é minha vida. Ah, sim, eu me apresento à vocês.

Keity: Eu queria que tu falasse sobre a tua relação com o carnaval, como a primeira vez tu desfilou, onde foi, quanto tempo faz?
Divane: Desfilar (pensou), sempre gostei, sempre amei, mas desfilar mesmo eu tinha 18 anos, em 1989 (pensou), 1988, porque em 88 eu fui rainha de bateria e 89 já fui rainha do carnaval. No carnaval da cidade e deste ano eu nunca mais parei, sempre envolvida. Fui anos rainha de bateria e depois sai em alas e de destaque. Agora sou rainha do Janjão que é um bloco carnavalesco daqui, sou rainha de outro bloco do VTT que nós temos aqui também, saio na Estrela D'alva e saio no trio elétrico da Sac, que também já fui rainha do trio.

Keity: Essa relação com o carnaval surgiu a partir de quando?
Divane: De nascença, assim, porque a mãe (risos) e desde que eu nasci ela era presidente da Estrela D'alva, então dentro de barracão tudo foi influenciado.

Keity: Qual a sua relação com a escola de samba Estrela D'alva?
Divane: O meu berço, aquela relação de família, relação de amor, eu não sei nem como explicar, porque dá (...) é uma emoção assim (pausa). Sabe só de

falar não tem explicação é o amor, é uma relação incrível. Assim, não só com a Estrela D'alva, mais com todo carnaval.

Keity: E o que tu já fez na escola? O que que tu conhece sobre a escola?
Divane: Ai... de tudo um pouco, assim, sabe? A gente trabalhava junto, como a escola era dentro da casa da mãe, então não tinha como não. Então tem coisa que eu nunca esqueço tipo como mandar eu cuidar dos couros, que não se comprava na lojas como se faz hoje, vinha de fora (da zona rural), os couro sujo de sangue com pêlo, com carne, tudo dos bichos, aí tinha que ir lavar aquele couro, tirar bem tudo, botar no cal e deixar uns quantos dias aquilo. Aquilo fedia, era um fedor, fedor horrível e a gente tinha que ir lá mexer aquilo sempre tapado num cal (cara de nojo), horrível aquilo. Tinha que lavar e relavar, lavar e relavar, e depois passar o sebo, sebo de bicho para ele esticar e quando esticar ele não rasgar. Muitas coisas a gente fazia fora costurar, bordar e sair com Livro de Ouro pra pedir dinheiro, passar uma tarde e uma manhã toda para sair com dez reais, porque as pessoas não ajudavam, como não ajuda até agora, então muitas coisas se fazia, de tudo um pouco porque era pouca gente.

Keity: Me conta sobre a sua trajetória, além disso de trabalhar com couro de aprender a bordar que outros papéis ou função tu assumiu na escola e se tu já assumiu algum cargo?
Divane: Não. Nenhum, nenhum, que eu não tenho paciência.

Keity: Só por falta de paciência?
Divane: Sim, por que tu tem que lidar com as pessoas e as pessoas querem hoje e sempre é (pausa). Quem tem amor pela Escola sai até empurrando um carro. As pessoas escolhem o que querem e não é assim, eu sinto é amor. Amor pela escola tu sai numa ala, sai empurrando carro, tu sai de camiseta, tu sai ajudando e as pessoas chegam na escola e o que que elas querem? Querem ser destaque se não é destaque não sai, então não! Eu gosto das pessoas que chegam com amor, então é isso. Esse é meu jeito, de não ter paciência. Não é

só por isso, eu quero que as pessoas mostrem amor que cheguem e digam eu quero sair onde vocês me colocarem.

Keity: Tu me relatou que tu foi no carnaval...
Divane: Sim 89.

Keity: E rainha da baterias da escola?
Divane: Sim

Keity: Que o outro posto?
Divane: Não, só esse.

Keity: Nenhum outro posto que tu tenha assumido dentro da escola?
Divane: Não (grito) Ah! Porta-bandeira me lembrei!

Keity: Tá qual a diferença?
Divane: Foi dois anos assim.

Keity: E qual a diferença de ser a madrinha da bateria da escola para ser porta-bandeira?
Divane: Ai gente, porta-bandeira foi pela mãe mesmo, que ela estava muito doente e pediu. Ela não pediu, ela mandou. Ela disse assim: “Olha, o ano que vem tu vai ser a porta-bandeira e o Lucas mestre-sala”. Ela não perguntou se nós queria, nós só se olhou e tal, e a gente vai. Eu me preparei, eu tentei fazer de tudo para sair bem porque ela pediu. Ah! É uma diferença grande para mim porque nunca foi meu sonho ser porta bandeira, eu nunca quis e eu gostava de sair de madrinha de bateria. Mas com a idade a gente vai mudando, né! Então, eu já queria sair em toda escola, de baiana, de isso, daquilo, tudo menos de porta-bandeira, porque é um cargo de muita responsabilidade, então eu nunca quis, mas pela mãe dois anos eu fui sim.

Keity: E tu acha que tem diferença da Divani sair de porta-bandeira para rainha de bateria? São coisas muito distantes? Tu acha que esse peso, pois é um peso, tu acha que esse peso tem alguma relevância?
Divane: É como eu te disse minha Keity, se tu ama tua escola tu sai onde te pedem, onde dá, não dá para não sair, por mais que seja um peso, saia de porta-bandeira, se eu tiver que sair de novo, eu saio! Porque eu amo minha escola. Entendeu? Então.

Keity: Agora vamos juntar a família, como é que tu descreve a relação da família? Vamos puxar assim os Madruga e os Machado. Com o carnaval e a escola, o que poderias me contar de lembrança/memória, algo que te marcasse com essa família, essa união de famílias numa escola e no carnaval?
Divane: Bom, eles são tudo na escola, mas o que marca muito é a união que teve, mas que tem que ver com o carnaval, mas junto com outra escola. Ver os Madruga, a madrugada toda se unindo com o pessoal da Estrela para ajudar a Palestina, é que tinha tido um temporal e estragado os carros e eles foram ajudar a co-irmã, isso é uma coisa muito bonita que não é só a família. Família Madruga, família Estrela, todo mundo, todo mundo, só que ali se entrelaçaram para ajudar outra, isso é uma coisa que eu vou ter Mal de Alzheimer, mas eu jamais vou esquecer. Ver uma escola unida com uma família ajudando a outra co-irmã, que a noite ia competir com ela isso aí é muito bonito gente e é uma coisa que eu jamais esquecerei Keity.

Keity: Tu acha que essa função, essas famílias elas surgem de onde? Quem traz essas famílias para dentro da escola, pois têm pessoas que participam efetivamente, tu acha que teve alguma âncora?
Divane: Ué, teve, a mãe!

Keity: E a partir dessa Âncora, tu acha que essas famílias adotaram/abraçaram a escola, acreditas que seja por isso que eles permaneceram assim?

Divane: Quem trouxe tudo isso para nós, toda a família, foi a Mocinha, minha mãe, acho que se essa família um dia desistir da Estrela, a Estrela morre, acho que não existe melhor resposta para isso.

Keity: Tá, agora deixa eu conversar um pouco sobre mim, tá? Eu queria saber se tens alguma memória sobre mim, pode ser alguma do carnaval na infância ou na adolescência quero que tu me conte o que tu lembra, o que tu recorda.
Divane: Bom, eu, como te cuidei desde pequenininha, eu lembro de todas as tuas fases, quando começou a caminhar e falar, tudo. Tu sempre minha mimosinha. Sobre o carnaval, acho que tu foi uma das melhores rainhas que teve no 24, porque tu trouxe animação, alegria, tu trazia em cima daquele carro na 27 aquele amor, aquela garra. Assim, eu vinha junto com a mãe...
Se via que tu pensava, eu não tô em cima do carro por tá, eu não sou a rainha por que tô arrumada, porque tu vinha com amor, para mim tu foi a melhor rainha de carnaval que o 24 teve, não vai ter outra. Eu sempre digo isso que tu foi a melhor rainha, que tu transmitia, tu respirava tudo carnaval, assim na tua vida e tenha uma pessoa excelente Keity.

Keity: E, assim, tu me cuidou quando era criança, tu lembra como eu comecei a aprender a dançar, a criar o movimento de dança, a aprender a sambar? A gente estava junto no carnaval, então tu lembra, tu recorda como foi que eu me tornei e, a partir de que ponto vocês notaram, a família, que eu poderia me tornar uma bailarina?
Divane: É fácil! Tu ia nos ensaios, a criança quando não gosta ela não participa não pode estar naquela barulheira que ela chora, ela não sente prazer e tu não, tu tava ali e acompanhando, tu queria estar junto, tu queria estar ali. Aí! Tu não sabia nem dançar, mas tu já de balançava, depois quando tu começou a caminhar tu dançava, tu dançava ali e não era um dançar, assim, de criança (se embalar), era dançar! Já era dar os passos de samba, era já fazer uma coreografia. No caso, vias a mãe ensaiar e tu já fazia as coreografias da mãe, eras pequenininha e tu já girava, que é uma coisa que é difícil. Eu como já fui

porta-bandeira é muito difícil girar, não é assim uma pessoa pegar um pau e sair girando, não! Tu tem que ter uma postura isso tu teve sempre, tem desde pequena, então nos ensaios nos aniversários, que os aniversários da nossa família é maravilhoso, né? Muita música, muita alegria e tu já transmitia isso tanto na dança como no gestos, na alegria, certo que tu ia partir para essa área aí.

Keity: Fora essas lembranças tem mais alguma que seja marcante e tu recordou de quando eu era criança?
Divane: Bah! Keity, boas ou ruins? (risos)

Keity: Enquanto criança tu já nos contou que nos ensaios eu dançava, que eu brincava, mas tinha o carnaval de rua, né! Tem alguma coisa que tu recorde, nos bailes infantis, por exemplo, já que tu me cuidou assim, tão pequena, o que tu consegue puxar lá do fundo e lembrar?
Divane: O baile infantil sempre todos nós fomos, né? A gente levava vocês e tu sempre querendo ir de fantasia, sempre tinha que ter uma coisinha, assim. Participava do baile que é uma coisa que criança nem sempre gosta, elas chegam entusiasmada porque estão de fantasia, mais na metade já estão cansadas, já querem ir embora, outras chorando, outras só querendo atirar confete e tu não, tu tava sempre querendo fazer a volta dançando, dançando ou ficava na frente do palco do 24 dançando sempre, sempre dançando, tu sempre foi um pouquinho diferente das outras crianças nessa parte.

Keity: Tá bem, considerando os temas que a gente tá conversando: carnaval de rua, carnaval de escola, escola de samba e família, ou seja, carnaval que engloba, né! Bem, como a minha participação, esse contato que a gente sempre teve, tem mais algum fato marcante, memória ou história que tenha marcado e que gostaria de me contar?
Divane: Ai, tanta coisa acontece, tanta coisa acontece com o carnaval, todos os anos acontece uma coisa assim (pensando).

Keity: Eu sei que tu recordou, que tu lembra de mim quando criança, de mim quando adolescente são duas fases diferentes e nesse meio da infância adolescência até a parte adulta alguma coisa marcada, alguma história que tu acha que seja interessante?
Divane: Eu acho que desde que a mãe adoeceu tu faz grande parte disso tudo, né? Que quando ela deixou de ser presidente da escola, tu, tua mãe, teu pai e todo mundo sempre tiveram ali apoiando ela, mesmo doente, isso é uma coisa de não esquecer e vocês estavam ali levando ela para a 27 para desfilar, botando ela em cima do carro e eu vi tu fazendo isso, então é uma recordação…. (Pausa com emoção). Eu vi tu pegando ela no colo. Então, eu acho que mais lindo que isso (...). Isso se chama amor, amor a Dona Mocinha, amor ao carnaval e eu quero que tu transmita isso pros teus filhos, que eles sigam fazendo o mesmo que tu fez pela mãe, faz pela Estrela e que eles sigam fazendo pelo carnaval. (Eu já estava emocionada).

Keity: Então, assim, tu nota alguma diferença daquela pequena que tu pegou no colo para a mulher que me tornei hoje?
Divane: Muita, muita...

Keity: Quais diferença tu nota?
Divane: As diferenças são qualidades, pode ser?
Divane: Uma super mãe, uma mulher guerreira, uma mulher forte, uma mulher que poderia ter traumas e não tem porque leva a vida assim, na garra. Não desiste do que quer para ela. Para ti não existe essa de não: Ah! Eu não posso, eu vou e eu faço. Então, assim, é uma diferença muito grande pra quem te viu pequena, para quem viu muitas coisas, para te ver hoje, então Keity eu só posso dizer que eu tenho muito orgulho de ti.

Keity: Muito obrigada pela entrevista, fico bem agradecida e bem emocionada, tá! Tudo que tu relato foram muitas coisas que eu já sabia e algumas que eu não

me recordava por ser muito pequena. Eu lembrava que tu era minha babá que cuidava de mim quando criança, mas tem certas fases que a gente não recorda e contigo eu tenho uma lembrança muito forte mulher, que foi no desfile em homenagem a Tia Mocinha, não consegui desfilar do mesmo modo que tu não conseguiu, eu desfilei toda avenida chorando porque a perda foi muito grande e a tristeza era maior, eu sabia que tinha que estar ali, ela merecia que eu estivesse ali, mas foi um fardo muito pesado para carregar aquele ano.

E falar que tu lembra de mim carregando ela, eu recordo o último desfile dela que eu tirei ela de cima do carro, eu e o Rodrigo, na frente do Banco do Brasil e ela estava “entumida” e ela chorava e nós não entendíamos o porquê que ela chorava. Com o passar do tempo eu fui entendendo que era a despedida dela, ela sabia que aquele era o último e que ela não ia voltar para o próximo, então, assim, me sinto muito agradecida por poder te ouvir e poder fazer parte do meu TCC.

Divane: Muito obrigada! (Entre lágrimas e risos).

Anexo 6- Entrevista com Nestor Billafan

Entrevista na integra com Nestor Billafan
Tempo de duração: 33 min. e 07 seg.
Data: 26/01/2018 /sexta -feira
Horários: 20:30h

Keity: Boa noite Nestor tudo bem? Eu gostaria que você se apresentasse.
Nestor: Bom, meu nome é Nestor, tenho 39 anos, com cara de 20 (deboche). Eu apareci na família de vocês, como diz a Solange e eu jamais me esqueço: “Tu é nosso primo, Nestor, mesmo que tu não tenha do nosso sangue, eu te considero um primo”. Como tu também sempre me diz. Foi 1995, jamais vou esquecer que eu conheci a Divani depois quando eu vi já tava na Mocinha, me agreguei lá até os últimos dias. Sempre, na volta da Mocinha, da Divani e da família de vocês.

Keity: Então, vamos começar essa conversa, né? Pedindo para ti me falar sobre a tua relação com o carnaval. Qual foi a primeira vez que desfilou, onde foi, como foi e quanto tempo faz?
Nestor: Bom, primeiro ano que desfilei na escola foi 1996 que era o tema “Dança Brasil”, eu sai numa ala, foi minha primeira emoção dentro da Estrela, né? Sendo que, para mim, a melhor parte da época de carnaval, não é que seja desfilar na escola, o que eu gosto é o “juntamento” antes. Que a gente vê histórias de uns componentes, do que aconteceu, do que deixou de acontecer, eles contam as histórias, coisas do passado, as sem-vergonhice que se faz no carnaval, o que, para mim, é melhor parte da escola.
Essa daí é a junção que tem com as pessoas que a gente vai interagindo, vai conversando, vai conhecendo um, a vida do outro e aí que se cria uma grande família na escola.

Keity: Tu acha que a tua relação maior é essa? De tu poder participar ou tu tem mais alguma coisa que te faça gostar do carnaval, de querer estar presente, de querer participar do carnaval?

Nestor: Para mim o carnaval, como eu sempre digo, o carnaval é tudo. Eu era difícil ir à festa, mas carnaval para mim (...) quem me ensinou amar mesmo o carnaval foi a Mocinha porque eu era (...). Morava na zona rural, não conhecia o carnaval nem nada e quando vim morar na cidade ai foi quando conheci, através da Mocinha. Vamos sair aqui e ali, aí eu corria com ela com o Livro de Ouro, nós passava pegando chuva e sol aguentando as pessoas, para não nos darem um mísero centavo para ajudar na escola e ainda algumas xingavam e que não queriam ajudar com o Livro de Ouro, que saísse com isso dali. Mas isso que é mesmo a minha relação com a escola, foi aí que começou a relação que eu tenho de amor com a escola.

Para mim, a Estrela sempre vai ser Estrela, isso aí foi a Mocinha que me fez aprender, a amar o carnaval.

Keity: E essa função de vocês saírem com o Livro de Ouro para pedir e as pessoas xingarem. Como era visto isso?

Nestor: Bom, eu e a Mocinha dali saiamos rindo, porque era uma coisa, assim, as pessoas nos falavam assim: - Ah não, hoje não, vem amanhã. Nós íamos: Ah hoje não, não tenho dinheiro, vem amanhã. Nós íamos. Aí, uma vez, eu jamais vou esquecer, que nós fomos num lugar e eles: - Pomba, essa gente só passa vindo aqui incomodar. Sendo que a pessoa que marcava para nós irmos lá, né! E aí a gente escutou, tá ficou quieto, foi lá dentro quando a gente viu nos deu cinco reais, nós ficamos quase uma semana indo todos os dias e nos deu cinco reais, naquela época, em 96, a não sei quantos anos atrás.

E ia eu e a Mocinha, tá, nós precisávamos para escola, porque escola, a nossa escola, tem fama que é escola de rico, mas as pessoas, eu acho, que tem que saber e entender e gostaria que cada um que achasse que a Estrela é escola de rico que fosse para o barracão junto conosco para ver o trabalho que a gente passa.

Quantas vezes eu, a Mocinha, a Divane, as crianças, a Luana a Jéssica, e o Seu Nelson, que era o marido da Mocinha naquela época, quantas vezes a gente não tinha o que comer porque a Mocinha fazia empréstimo, tirava do bolso dela para colocar na escola e para muitas vezes as pessoas falarem que ela roubava da escola. Isso é uma coisa que jamais (…) que sempre me magoou, que eu escutava e que eu falava que vocês não sabem o que vocês tão falando. Eu posso dizer porque eu convivia com a Mocinha 24 horas por dia, o trabalho que a gente passava, muitas vezes passava o carnaval e a gente não tinha nem o que comer dentro de casa e daqui e dali a gente se virava. Ela se virava e a gente nem que seja um pão para dividir entre todos.

Nós, depois do carnaval, a gente ia se equilibrar, lá por outubro mais ou menos, por causa de empréstimo, isso daí quando via estava o carnaval de novo e lá ela se metia em outro empréstimo, que ela tirava do bolso. Tanto a vez que ela foi morar na Pedro Frederic Rachi, que ela reformou todinha a casa dela e ela usou a casa como Barracão, as pessoas não tinham cuidado com a casa dela, passava as coisas quebradas, o piso rachado, era porque as pessoas não tinham cuidado com isso, daí e eu sabia o sacrifício que a Mocinha teve pra construir aquela casa, né?

Keity: As coisas ocorriam na casa dela, não tinha barracão?

Nestor: Não, tinha barracão, como não tem até hoje, tá hoje tem, mais não é o barracão fixo da escola, é um lugar emprestado, cederam para escola aonde é hoje, mas a escola dizem que tem uns terrenos. Muitas pessoas já falaram, a Estrela perdeu estes terrenos por não ter feito nada, sequer levantado um poste de luz, nem que seja nos terrenos e ai eles perderam o direito do terreno, não sei se são boatos ou uma realidade, mas foi assim desde que eu saiba, desde a época que eu participo com a Mocinha no carnaval até os últimos dias que ela foi presidente, foi na casa dela.

Keity: E da primeira vez que tu desfilou, o que tu lembra? A partir dessa primeira vez tu nunca mais parou de desfilar ou tu teve alguma vez que tu tenha dado um tempo para descansar?

Nestor: Assim, houve um ano que escola não saiu, eu não sei se foi 97 ou 98, não tenho a data prevista, sim, mas eu sei que um ano a Estrela não saiu, isso foi uma coisa que jamais vou esquecer, porque a Mocinha falou (engasgou), a Mocinha estava triste por que a escola não podia sair, mas é que não se tinha dinheiro, a Mocinha se incomodava demais e aí ela disse, então não vamos sair com a escola.

E em 2015 fui presidente da escola (...) E tive muitas desilusões, não com a escola, mas sim com os componentes de dentro da escola, que falavam a mesma coisa que da Mocinha, que eu roubei da escola, era isso, que era aquilo e 2016 eu não quis sair, fui até viajar pra não passar o carnaval em Jaguarão, que foi uma dor que eu tava lá no Rio mas com a cabeça aqui em Jaguarão.

Keity: Tá e qual? (engasguei) Tu me contou várias coisas agora eu queria saber, qual relação, lá no teu íntimo, da escola Estrela D'Alva, assim, contigo o que tu já fez na escola? Tu já me contou que conhece bastante coisas, né! Mas conta a tua trajetória na escola, já me contasse da presidência porque tu foi presidente, foi algo que precisava, foi para tu ver como a coisa funciona na prática. E como foi ter a Dona Mocinha e tu como coadjuvantes e a relação de tu ajudando ela, na realidade, e tu como presidente dando a cara a tapa?

Nestor: Minha trajetória como presidente foi assim, houve uma reunião no Clube 24 e ninguém queria pegar a presidência aí eu falei: - Pomba, fizeram uma baita homenagem para Mocinha com os cinquenta anos da escola. Pela Mocinha eu falei: - Vou colocar meu nome". E aí tinha uns que falavam: - Não Nestor! Tu não é louco, não sei o que (...). Saíram pra fumar na rua e quando voltaram eu já era presidente. E aí tinha o Edmundo e o Paulo Eduardo que já foram presidente também, me falaram: - Não, Nestor, que nós ti apoiamos isso e aquilo.

Eu peguei em homenagem, vou ser sincero, pela Mocinha pra não deixar a escola cair, pois eu achava que se daquele ano a escola não saísse, a escola já terminava. Eu falei: - Pomba, tudo que a Mocinha fez, a trajetória que já tem, a história da Estrela e a Mocinha.

Deixar a escola terminar por aí. E foi assim, mais se tem uma coisa que me arrependo foi isso, mais pela Mocinha eu fiz de coração.

Keity: Fora este cargo de presidente você já assumiu outro cargo dentro da escola?
Nestor: Diretor, já fui acho que eu fui como 8 anos diretor, nos 50 anos da escola fui diretor de harmonia, foi a primeira vez que a escola ganhou 10, tirou nota 10 nas duas noites e todo mundo me parabenizava, mas eu era assim, se eu sou responsável por esta parte eu pegava e chamava as pessoas que eram os componentes da escola para fazer harmonia em conjunto, pois não adiantava um lado e outro para o outro pra gente ter a mesma harmonia e foi assim.

Keity: Agora eu quero que tu me descreva a relação família, escola, mas essa escola ligada à família Machado e Madruga.
Nestor: Bom, como minha família aqui em Jaguarão é muito pouca, a minha família é como eu sempre digo e digo para todo mundo, minha mãe, para mim, foi a Mocinha e como eu digo, quem terminou de me criar mesmo, não me criar porque eu já tinha 13 ou 14 anos, quando eu fui morar lá, porque nas horas que eu mais precisei ela estava na minha volta, então eu não posso ir para outro lado. A Divani, minha irmã, vocês, família Madruga, família Machado e família Cardoso, para mim, são assim as pessoas que eu comecei a ter como família. Óbvio, tenho parte de sangue, tem a minha outra família, mas eu tenho certeza que hoje ou amanhã se eu precisar de alguma ajuda da outra parte tem um ou dois, mas de vocês eu sempre tive, assim, como posso dizer, uma grande consideração porque vocês sempre, nem mal me conheciam e já me abraçaram como um da família de vocês.
Eu e tu, principalmente, quando nós saímos para as festas, nós ia juntos, quando eu fui da tua corte, de quando foi rainha, também, jamais vou me esquecer que acho que foi um dos carnavais que mais marcou. Primeiro, antes de ser rainha nós vamos parar na corte no 24 da rainha anterior de ti e eu jamais me esqueço que ainda postaram uma foto esses dias eu tinha vontade de matar

a Estrela quando postaram aquela foto, mas, para mim, sempre gostei de estar na volta de vocês. Claro, agora, cada um pegou seu rumo, tu foi embora eu fiquei aqui, tive minha família, tive meus filhos, mas sempre que a gente se vê é a mesma coisa, seja família Madruga, seja família Machado, seja família nova de vocês, mas vocês são sempre na minha volta.
Jamais vou me esquecer a vez que eu me separei, a Sônia, tua mãe, por exemplo, foi lá e conversou bastante comigo, tio Madruga também, são coisas assim que eu jamais esqueci que vocês fizeram por mim.

Keity: Tu já contou que conhece bem a família, o que tu pensa sobre a relação dessa família e a escola? Tu tem lembranças de memórias ou de algum fato, assim, marcante entre essas famílias e a escola?
Nestor: Uma das coisas que eu gosto de ver que quando a tua mãe fala a primeira vez que me viu lá na casa da Mocinha, que eu tava deitado, cansado, que nós passava a noite trabalhando e eu no sofá dormindo, aí a tua mãe chegou e disse assim: - E esse guri tia Moça? E a Mocinha falou: - É um que eu peguei para criar. E a tua mãe achou bastante engraçado essa parte.
Com isso, começou a gerar a nossa aproximação e a tua avó que eu jamais vou esquecer, também, que era uma pessoa que eu sempre admirei e eu sempre tava na volta dela, a pessoa que sempre tava lá. Nestor pode vir aqui quero te pedir uma coisa? Eu sempre ia.

Jamais vou me esquecer da vez que ela sumiu que nós estávamos tudo atrás dela desesperado, era o tio Madruga no rio, procurando achando que ela podia ter caído no rio, bem na época de carnaval e ela tava dormindo no meu quartinho. Era um quarto um por um metro, mais ou menos, só cabia a cama, quando vê sai ela com a cara toda amassada (...). “Nestor nunca vi uma cama tão boa para a gente dormir”, ela disse: - Agora vou começar a vir seguido dormir na tua cama, porque eu gostei. É uma coisa que me marcou muito também.

Bom, família de Pelotas de vocês lá, Solange, o Vilmon, também, são pessoas assim, eu jamais vou esquecer eu gosto da maneira, assim, por

exemplo, a Solange, o jeito que ela chega para mim aonde ela me abraça e me diz primo, meu primo, meu primo, a maneira que tu vê que é uma maneira que é uma coisa verdadeira que não é da boca para fora, os comentários que ela faz sempre no face, assim, na rede social, onde for ela sempre tá, primo, meu primo, meu primo, eu adoro ouvir isso, por exemplo, tu me chama de pobre, mas eu te digo para ti, né? Que tu é cara da riqueza e eu sou o lado pobre. (Gargalhadas).

A família Estrela, a família Machado e a família Madruga, para mim, foi o verdadeiro significado que é ser família, o que que é uma família, quando todos estão Unidos por uma causa, tá certo que tem (...). Nenhuma família é perfeita, tem os perfeitos e os imperfeitos, mas a partir disso daí eu aprendi a conhecer como é família de verdade, o amor que tem pela escola e pela maneira que um ajuda o outro. Mesmo assim (...) com desencontros, mas na hora que mais precisa são uma família tão sempre unidos.

Keity: E você acha que essa família, essas famílias, é importante que elas permaneçam dentro da escola? Tu acha que a Mocinha é parte disso?
Nestor: Certo que sim, eu acho assim (...) que a Mocinha, eu acho que lá onde ou no plano que ela tiver, ela deve ficar mais contente contando com todos nós reunidos, principalmente, na época de carnaval (...). Exemplo, se tu analisar, tem as festas de formatura, mas no carnaval é onde toda a família se reúne, onde a gente pode notar. É onde todo mundo pode se ver e ela vê que o amor que nós temos pela escola é o mesmo amor que ela sempre teve pela escola e a união que gente faz pela escola e tudo que a gente faz pela escola é o que ela sempre quis, então a gente sempre continuou o caminho que ela quis, né?

Keity: Bom, vamos falar de mim?
Nestor: Vamos… (Risos).

Keity: Que memórias, pode ser uma, duas, dez, várias, né! Que tu tem sobre mim e o carnaval?

Nestor: Bom, é como eu falei já, a primeira corte que nós saímos juntos, eu e tu que foi (...). Ah, não me lembro o nome daquela menina, foi anterior de ti que era eu, tu, Valderis e companhia limitada. Eu me lembro que eu era teu par na corte que nós ia para os coquetéis quando nos ofereciam com a rainha, que era melhor coisa que tinha porque a gente comia e bebia a vontade.

E quando tu foi rainha eu jamais vou me esquecer que muita crítica tu teve por tu ser rainha, por exemplo, a filha do presidente não vai ser tanto pelo, como posso dizer, assim, para não ser tão grosseiro no modo de dizer, que as pessoas achavam que tu não tinha capacidade pelo teu tamanho, tu, por exemplo, por que tu era um pouquinho cheia e as pessoas achavam que não dava.

E o sacrifício que tu fez, que eu jamais vou me esquecer, que tu bem irritada, sempre foi, né? Mas o sacrifício que tu fazia para parar de comer para tu ser rainha e mostrar tua capacidade como rainha e tu mostrou quem tu eras e fosses assim, não é porque tu tá aqui, porque tu tá me entrevistando, eu, pra mim, tu foi uma das melhores rainhas, eu acho assim, sou dessa opinião! Porque tu mostrava alegria, simpatia, que estás sendo mais simpática agora de uns anos para trás porque tu passava de mau humor. Jamais vou me esquecer dessas coisas, para falar a verdade, não é? Eu me lembro dos perrengue que tu tinha com a tua mãe, ela dizia até não porque tu não pode ser rainha (...) Eu falava: - Sônia não precisa falar assim com ela, a família, eu acho que tem mais é que incentivar do que (...) mas aí tu mostrou, tu mostrou pra tua mãe, mostrasse para os diretores do 24 naquela época, que era um contra, e tu representasse muito bem o Clube.

Outra coisa que eu me lembro, memória de ti nos teus 15 anos, que jamais vou me esquecer, foi os primeiros 15 anos que eu fui na minha vida, nunca tinha ido. Para mim, marcou bastante, toda a família reunida também, todo mundo ali, tu via que tava todo mundo feliz, que essa é uma das melhores festas que eu sempre converso, olha pode ter as festas que tiver, mais festa como a família do Madruga. Eu acho que são as melhores festas que eu já fui em tudo, ali nós mostramos a realidade, quem nós somos. Tem que dançar descalço, dança se

tem que dançar do que seja que for, a gente fica à vontade, a gente não precisa tá mostrando coisa que a gente não é.

Keity: Tu lembra sim de alguma coisa que me remete a dança que lembre de mim dançando em ensaio, baile ou na escola?
Nestor: Bom, como nos ia pros baile eu jamais me esqueço que mal tocava uma música tu saia dançando, rancheira que eu falava: - Ai, Keity, como tu gosta de dançar rancheira? Que é uma coisa que eu tenho horror, né? Sou bem sincero, mas sempre tavas na frente dos conjuntos nos bailes.

No carnaval, eu jamais me esqueço que nós saímos, assim que eu me lembro, uma camiseta do trio de Pelotas, mas não me lembro o nome, não vou citar porque posso dá um balão, mas é um trio que era bem famoso naquela época e nós tudo se achando que tava arrasando, né? Nem sabia como era o trio, apenas tava com a camiseta do trio, mas a gente achando que tava na 27 arrasando que eu me lembro foi até a Solange quem me trouxe uma camiseta de lá.

Sempre né, pra nós se tinha uma música, nós estávamos lá e tu sempre dançando e eu, claro, não sei dançar até hoje, a dança de salão, né? Mas tu sempre dançando, seja rancheira, seja pagode, seja o que fosse, tu tava sempre dançando e carnaval sempre também.

Como eu digo, admiro a ala de vocês, pra mim, é a melhor ala que tem é da família de vocês na ala da escola a mais animada, que levanta o povo porque o pessoal daqui de Jaguarão, eu não sei qual é a rixa que eles tem com a Estrela, mas vocês nem que seja de fazer bater palma obrigam, mais eles batem palma né porque vocês levantam a multidão.

Keity: Considerando os temas que a gente conversou, né? Carnaval de rua, que tu recordou da gente dançando, Né? a escola de samba a família e o carnaval e a minha participação nestes meios assim o que que tu teria de outro fato marcante, na tua memória ou uma história que tu acha que seria relevante a gente recorda?

Nestor: Bom, uma coisa que me marcou foi uma prima tua que foi convidada para ser rainha e a mãe dela ficou de mal com a família de vocês, eu achei aquilo um absurdo! Dela porque eu acho assim, era uma hora de todo mundo se unir que ela (...) bom, sem palavras, mas tu te lembras, né? Foi um bafafá que te colocaram, que tu falou isso, falou aquilo e na verdade eu estava presente ali e tu não tinha falado nada e queriam te enredar pra deixar todo mundo de mal um com outro, isso é um dos fato e marcou.
Outro fato que marcou como (...) da Mocinha, vocês descendo ela do carro da última vez que ela desfilou, foi uma das coisas que me marcaram. Quando tu ficou grávida da primeira vez do teu menino eu fiquei tão faceiro foi uma coisa que eu gostei muito, claro, que eu nunca te imaginei como mãe, né? Nunca, para ser sincero, porque do jeito que tu eras eu falava coitada dessas crianças quando eu soube que estava grávida, então piorou, pobre das crianças, mas te dou os parabéns pelos filhos que tens, pela educação do teus filhos, peço desculpa pelo pensamento que eu tinha sobre ti que tu provaste que és uma grande mãe e teus filhos te merecem como mãe.

Keity: E tem alguma imagem minha?
Nestor: Tenho

Keity: No carnaval?
Nestor: Tenho, rainha, como aquela jamais vou me esquecer, aquela que tu tá abanando, assim, tem até uma foto tua. Pra mim, foi uma das que me marcou mais, como rainha, a felicidade. A gente via na tua cara que era aquilo que tu queria, estava realizada com aquilo dali e tu tava mostrando, assim, eu posso eu consigo. Tu fosse uma das pessoas que mostrasse, assim, como é que eu vou te dizer, que é a força de vontade, quando a gente tem e a gente quer uma coisa, a gente é capaz de conseguir isso daí porque a alegria que tu tinha tu contagiava todo mundo eu era da tua corte, jamais vou me esquecer. Todo mundo, tu nos contagiava alegria e espontaneidade que tu tinha não era uma coisa que muitas vezes a gente vê nas rainhas que elas estão ali só para dizer

que são rainha, para mostrar para o povo que são rainha, Tu não! Porque tu era a rainha do povo, porque não tinha fulano nem ciclano, quem chegava tirava foto (...) como tem outras rainhas que a gente não pode nem chegar perto, né? Mas tu mostrava ali que era aquilo que tu queria e ali tu mostrasse o que era ser uma soberana de verdade, então era isso.

Keity: E além dessa imagem minha rainha, tu falou que tu lembra de mim grávida tu tem alguma imagem, assim, alguma lembrança minha grávida no carnaval?
Nestor: Para ser sincero, não! Grávida não me lembro (...) assim teve um ano que tu não pode sair, mas eu não vou te dizer sim (...) porque lembro que tu nos acompanhava, mas não vou te dizer, assim, detalhes porque eu não me lembro direito os detalhes, mas e me lembro que estava grávida do teu guri.

Keity: O que tu podes falar daquela adolescente que tu conheceu lá atrás, quando tu chegou para família e o que tu consegue ver agora, tem diferença? O que tu nota? O que tu sente? O que tu percebes?
Nestor: Uma volta de 360 graus é o que eu posso te dizer. Hoje uma grande mulher tu és, claro, naquela época, tu era uma moça, uma adolescente, sempre de mau humor, batendo boca, de castigo, muito castigo tu ficou que eu me lembro, que muitas vezes perguntava: - E a Keity, Sônia? - Tá de castigo, porque tá bem louca hoje. Bem assim, ela falava.

Mas hoje, para mim, tu mostrasse, para muitos, pra que que tu veio ao mundo e tu mostrando como posso dizer, assim, uma grande mãe, uma grande amiga que eu tenho mesmo à distância, nos morando longe a onde a gente se vê sempre a mesma coisa, não é a distância que eu acho que vai desfazer nossa amizade, porque eu moro aqui, tu mora lá (...). Quando a gente gosta de alguém, a gente gosta, seja onde for, em qualquer parte do mundo, mas, para mim, fiquei feliz em saber quando (...) me disseram que a Keity tu tá fazendo faculdade, toma! Para quem viu, não gostava de estudar, a Keity fazendo faculdade, né! Mas o mundo dá tantas voltas, né? Nunca é tarde para a gente se

dedica alguma coisa que a gente gosta já que é o caminho que tu quer a dança eu te parabenizo por que eu nunca esperava que tu ia concluir nem que seje o segundo grau, né?

Keity: E por falar nisso, a menina que não gostava de estudar, que é verdade! Eu não gostava de estudar, achas que isso que acontece agora comigo está numa universidade de estar cursando o curso de dança é algo que vai me elencar a algum outro lugar mais alto? Tu acha que eu posso seguir em frente a partir do que tu me conhece?
Nestor: Bom, do jeito que tu era, da maneira que tu era, para os estudos, né? Tu não gostava e do jeito que tu é hoje, o jeito que tu te dedica, eu acho que tem muito futuro pela frente. Claro, muitos tropeços, a gente tem muitas críticas, assim como eu estou fazendo Curso de Pedagogia, mas é uma coisa que tu gosta eu acho, assim, que tem muita coisa boa pela frente, boa mesmo! Tendo críticas é a crítica que nos ensina a nos levantar e ser mais forte.

Keity: Bom, era isso, muito obrigado por essas palavras foi bem interessante te escutar, a nossa camiseta era do Kibandaço, a gente achava que arrasava, tem uma foto dos dois com óculos sem lente, o meu era sem lente e o do Nestor com lente amarela e existe ainda e tá guardado nas minhas coisas. Eu recordo muito de ti ajudando a mãe a rebocar com as mãos para fazer a preparação da recepção, que tinha que ter a recepção porque na casa dos ricos tinha recepção, então na casa dos pobres também tinha que ter. A escola de samba não saiu em 98, foi o ano que eu fui rainha e a tia Mocinha disse que não tinha dinheiro, a gente vai participar, eu vou sair contigo, assim não preciso me preocupar (usou um vestido branco sem calcinha para não marcar) e a bateria vai contigo. A gente tinha os Di Primio que tinha o trio que foram os primeiros que lançaram os trios na cidade e as rainhas ricas tinham Trio, eu tinha uma bateria de escola de samba, então gostaria de agradecer o tempo disponível. Obrigada!

ANEXO 7 - Entrevista com Claudemir Oliveira

Entrevista na íntegra com Cláudio Oliveira
Tempo de duração: 53 min. e 21 seg
Data:30:/01/2018
Horários:19h

Keity: Para a gente começar nossa conversa eu quero que te apresentes: Nome, profissão, o que tu faz? Para a gente te conhecer um pouco.
Cláudio: Meu nome é Cláudio Oliveira, eu sou cabeleireiro por profissão e carnavalesco, né? Fui carnavalesco durante 30 anos da escola como tu sabes, né? Foi de 1984 a 2014 quando fez os 50 anos da escola.
Eu fiz 30 de carnavalesco, aí eu saí, entreguei, mas continuo sempre ajudando como tu sabe, né? Principalmente, quando os novos carnavalescos vem falar comigo, pois eu também não vou me meter no trabalho do outro, entendeu? Eu vou lá, tem alguma coisa para fazer, eu faço. Muitas vezes eu tô vendo que tem coisas ali que estão erradas, que precisam de um ajuste, mas eu não posso falar se o carnavalesco não me pedir.

Como o caso da Lorena esse ano, a Lorena fez todo figurino e veio aqui pedir a minha provação se eu tinha que tirar, colocar, entrar, entendesse? Pediu para mim que fazia questão. Eu não começo se tu não estiveres comigo dentro do Barracão e foi o que aconteceu ela me deu a liberdade para isso, mas é aquela coisa, sem responsabilidade, porque sabes muito bem como eu sou, né? Dentro

de barracão eu abandono minha profissão e moro dentro do Barracão dia e noite eu não como, não durmo para poder colocar a escola na rua, né? E durante esses 34 anos de escola de samba, meu Deus do céu! A gente passou muita coisa, tu sabes, a tua família sabe e sabe disso e teu pai principalmente, que esteve sempre ligado a mim, principalmente, na parte dos carros, muitas vezes chegou (...) E tinha uma época, como até o ano passado sexta-feira, sábado e domingo estavam fazendo os carros e a escola saia à noite e ajuda de quem? Do Madruga, do teu pai, né?

Muitas vezes lá no barracão louco de fome na madrugada sem poder sair à rua porque muitas vezes a madrugada não tem nada aberto para tu comer, do nada e chegava o Madruga com uma panela de feijão, entendesse? (risos). Então é isso.

Keity: Eu vou pedir para que tu me fale sobre a tua relação com carnaval e se tu desfilou na escola, qual foi a primeira vez e que sensação tu teve, o que tu lembra?

Cláudio: Sim, sim, e eu já comecei, eu comecei foi assim (...) por um acidente, né? Porque tinha outro carnavalesco na escola, aí eu não sei o que foi que aconteceu que o carnavalesco, faltando acho que duas semanas para o carnaval, o carnavalesco pegou outras coisas e não era tão frequente e o Jorge Cordeiro e ficou desesperado eu tinha uma relação com a Mocinha, mas era uma relação social de encontra na prefeitura, na rua, entendesse? De vê-la nos carnavais, mas nunca tinha aproximado dela totalmente como me aproximei em 84, porque o Jorge me pediu socorro, para mim como eu já trabalhava, para fazer arranjos para carnaval, arranjos de cabeça na época de clube, né? E o Jorge me pediu ajuda. Vamos lá, não sei o quê, Jorge eu não tenho experiência como carnavalesco, não, mas diz vai lá para dar uma olhada porque tu trabalha com brilho, tu trabalha com isso, com aquilo e aí eu acabei indo para dar uma força, né! Isso foi em 84, dei a força a escola ganhou o carnaval e em 85 eu já estava como carnavalesco, entendesse?

Mas sempre trabalhando! Nesses 34 anos de avenida eu fiz apenas quatro fantasias para mim e assim mesmo quando não estava como carnavalesco, né! Durante esse tempo todo de 34 anos eu tirei férias um ano, aí fiz outro ano mais eu tirei férias no outro e quando eu tirava férias eu fazia uma fantasia, aí eu desfilava. Agora enquanto carnavalesco não, carnavalesco tu sabes bem como eu atravesso avenida trabalhando, empurrando carro se for necessário, agora em anos finais eu tô usando terno gravata e sapatinho da moda, porque eu já cansei de atravessar avenida sujo, sem tomar banho, com uma bolsa cheia de arame, alicate e truques, tudo que for necessário se surgisse um imprevisto com as mãos muitas vezes tapada de graxa das rodas das alegorias, né? E aí o que mais?

Keity: O que te motiva?

Cláudio: O que me motiva, o amor pelo carnaval, eu sou completamente apaixonado pelo carnaval, né? E quando começa os trabalhos do barracão eu fico alucinado, o ano passado, por exemplo, que o carnavalesco não me convidava, no caso, nunca falou nada, vem para cá preciso da tua ajuda no barracão, entendesse? Eu ia na frente nos ensaios eu entrava dentro do Barracão porque eu fui convidado pela diretoria a entrar mas eu ficava nervoso porque eu queria meter a mão e não podia meter a mão, entendesses? Não podia meter a mão, então eu ficava completamente nervoso com isso, aí eu vinha para casa doente, doente, doente, doente, doente, doente e doente, porque não é o carnaval em si, de tá pulando na rua, eu gosto é da função por trás dos bastidores, entendesse? Eu gosto de ajudar a fazer o carnaval, por que pegar e pular atrás do trio elétrico e de uma escola de samba é muito simples, muito simples, mas eu gosto é do que tem por trás, isso é o que me motiva demais e tá no sangue, né? Não adianta, não adianta, tem um bichinho que corrói… (Gargalhada).

Keity: Me conta qual é a tua relação com a escola? Tu já me contou que tu já foi carnavalesco por longos anos, né? E o que é que tu conhece da escola, por que

quem participou tantos anos tem muito para contar da escola, eu quero que tu me conte, assim, se além da tua função de carnavalesco se tu já teve alguma outra função, me conta mais um pouco da tua trajetória dentro da escola?

Cláudio: Olha a escola para mim, eu não sei se eu conseguiria trabalhar em outra escola, eu não sei se eu teria a mesma motivação que eu tenho em outra escola, eu já me questionei com relação a isso e não consegui a resposta, mas eu acho que eu não conseguiria trabalhar em uma outra escola, tá! Porque a Estrela D'alva para mim é a Mocinha e eu sou completamente (emoção), é que eu sou completamente apaixonado por ela, entendesse? (choro), eu sinto uma tremenda de uma falta, eu sinto uma tremenda de uma falta, Keity, todo dia quando eu boto o pé no barracão eu não posso olhar para uma bandeira que eu me lembro dela, eu me lembro dela sempre, eu acho que ela tá sempre comigo nessa parte, porque ela, ela adorava demais meu trabalho, demais, demais, demais, mas, sinceramente, olha essa nega faz uma falta tremenda dentro da escola.

A gente faz mesmo e a minha motivação com a estrela, realmente, é ela. É ela que me faz sempre, que tá sempre do meu lado, sempre, sempre, sempre, sempre do meu lado, sempre do meu lado, tenho certeza disso, certeza absoluta, eu não sou de demonstrar emoção Keity eu sou duro como tu sabes (choro).

Keity: É tão bom ouvir isso, não é só eu que senti (...) eu vou falar no meio da entrevista que eu não posso, mais quando eu entrei na Universidade eu apresentei, me apresentei com a música da Alcione que ela adorava "Não Deixe o Samba Morrer", eu custei muito, muito, eu levei quase um mês, ensaiando e chorando, ensaiando e chorando e ensaiando e chorando. Tá sabe quando chega a hora de tu te apresentar? Eu não me vi dançando eu vi ela dançando, eu me sentia fora do meu corpo como se eu tivesse do auto assistido ela dançar, foi uma sensação tão incrível desde aquele dia eu sinto que toda vez que eu vou me apresentar, que eu vou dançar, que eu vou fala sobre carnaval que ela está

junto e eu me sinto tão bem, tão mais forte e tão mais encorajada pra seguir em frente sabe então quando tu me fala isso cada vez tenho mais certeza.

Cláudio: É uma presença maravilhosa eu faço questão da sua presença sempre. E o ano passado mesmo eu desfilei pra ajudar na montagem da escola aí eu sou componente da escola e não fui um componente qualquer, entendesse? Porque eu ajudei a fazer a Estrela nesses 34 anos, graças à Deus! E cada vez que eu boto o pé na Avenida que eu enxergo a bandeira, a primeira coisa que eu enxergo é a bandeira na formação (...) Quando eu enxergo a bandeira é ela que tá ali sempre.

Agora quando foi há cerca de três semanas atrás quando entrei no barracão firme com Lorena, entrei no barracão e o barracão estava totalmente vazio, era de tardezinha e o Catapa estava na cozinha tomando café e de vez em quando ele vinha e metia a cabeça na janela pra olhar porque tava tudo aberto e ali dentro teve uma presença que me recebeu quando eu botei o pé, eu senti uma presença, mas é uma coisa super boa, agradável, eu quando tive aquela sensação assim.

Eu não sei se tu viu que do lado, o Maco tá sempre colando fotos dela por tudo que é lado, tá fazendo um mural e quando eu vi aquilo foi um milésimo de segundo, ela estava na cadeira ao lado da última foto dela, da cadeira sentada com aquela mão assim (gesticulou) de vermelho, quando eu olhei, entendesse? Então... (emoção).

Keity: Além de carnavalesco tu teve outras funções ou cargos? Ou só carnavalesco e participante como componente da escola?

Cláudio: Não, não, nunca, nunca, dentro da escola nunca quis aceitar, porque quando a Mocinha, quando ela deixou de ser presidente da escola diversas vezes ela veio me procurar para mim pegar a presidência, ela sempre falava: - O dia que eu largar a presidência tu vai ter que assumir a presidência, porque ninguém conhece a escola como tu. Mas eu nunca quis outra responsabilidade, porque para mim ser presidente eu vou ter que ser o carnavalesco, entendesse? Então fica uma função, fica muito carregado para mim, porque eu tenho a minha

profissão, eu trabalho o dia inteiro e a minha profissão precisa de muita concentração, eu não posso tá com a cabeça fora. Eu tô trabalhando no salão e muitas vezes com corte, com maquiagem e penteados, e tô com a cabeça na escola, como já aconteceu inúmeras vezes, eu tá no salão trabalhando e tá com a cabeça na escola. Meu Deus do céu, o que será que tá acontecendo, eu atrasado e está com a cabeça e tá trabalhando no salão, muitas vezes cinco, seis da manhã na sexta e sábado que eu tenho muita festa para cumprir eu digo: ó meu Deus do céu não vou conseguir dormir. Eu começar a atender às nove, dez da manhã, já com penteado e maquiagem para formatura em Porto Alegre, Pelotas e eu tenho que está descansando para poder produzir, né?
Então, mas sempre como carnavalesco, nunca, nunca, nunca, nunca aceitei diretoria, diretor, nada, nada, nada, simplesmente, carnavalesco.

Keity: Como tu descreveria a relação da escola família? Porque a gente entende que a escola, eu pelo menos entendo, a escola como uma família, pois tem a escola família e a família que vem por trás né, eu cito aqui os Machado e os Madruga, que relação tu vê entre isso?
Cláudio: Que na realidade assim ó, no meu ponto de vista falam Estrela D'alva sabe que eu, eu não penso (...), quando falam a palavra Estrela D'alva eu pensei duas famílias, isso que tu falou, entendesse? Família mesmo, família Machado e família Madruga, eu não consigo ver a Estrela com outros olhos, apesar que agora (...) Porque Keity, quando tu era pequena, sei lá, a escola era constituída, basicamente, da família, da família sangue mesmo, entendesse? Porque a gente tinha sobrinho da Mocinha na comissão, sobrinhas da Mocinha ou sobrinhos nos carros alegóricos e fantasias, na bateria, nas baiana, entendesse? Ela de porta-bandeira, entendesse? os passistas, então, eram horrores da família que tinha, entendeu? Então a família compunha todinhas as alas, de frente a fundo. Mas era, era uma família e família sangue, entendeu?

Apesar que agora tá mudando muito, já tá abrindo demais, abriu demais, eles então tá vindo gente de todos os lugares como, por exemplo, esse ano nós temos assim, 40% da escola era o território uruguaio, tanto de Rio Branco

quanto de Trinta e Três, de Melo, de Vergara, pessoas que vem (...), umas meninas que vem pra desfilar de colônia de Sacramento, então, agora, mas mesmo assim olha chega lá o quê que acontece as meninas vem de fora, elas vem, elas podem vir duas vezes na semana só, mas elas não vem para ir olhar o ensaio na frente, elas vem, especialmente, para dentro do Barracão pedir por favor que alguém dê alguma coisa para elas fazerem, elas pegam, elas cortam cartão, elas se rolam, elas decoram, entendeu, aquela que não tem, que não pode fazer isso pergunta: - Não qué que eu faça uma comida? uma janta? Qué ir vai e vai para cozinha, entendeu? Então não deixa de ser algo também familiar, né? A gente sente família ali, a gente sente família, então eu acho maravilhoso. Isso é maravilhoso!

Keity: Tens algumas lembranças que seja algo marcante e que incluam essas famílias Estrela e a família de sangue? Alguma história boa que dê pra gente lembrar, eu acredito que tenha várias.

Cláudio: Sabe que eu não vou te dizer o ano, porque eu não sei, eu tava falando ontem lá nos guris, mas isso foi muitos anos atrás, o Maco chegou e a escola não tinha nada, nada de dinheiro e eu peguei a escola faltando 15 dias para o carnaval, tava esperando verba e essa verba não saía, não saía e não saía. Resolvemos começar com o que tínhamos, eu não tinha madeira, não tinha nada, eu tinha uma tristeza, uma tristeza. Aí o Seu Nelson, que eu também tenho maior respeito por ele, entendesse? E sinto falta do Nelson dentro da bateria como leão de chácara na porta dos tambores, ele dizia assim, Seu Nelson: - (...) Ah Seu Cláudio precisa de alguma coisa Seu Cláudio? Eu digo: - Seu Nelson nós não temos dinheiro para comprar tecido para cabeça da bateria, o senhor vai ter que conseguir tinta ou spray. No outro dia vinha o Seu Nelson com a tinta (...) – Olha, Seu Cláudio, consegui!

Eu tava na madrugada dois episódios aconteceram. Eu tava na madrugada, louco, eu não tinha nada para as baianas, a Mocinha apenas fazendo uma saia de babados branca e vamos botar um turbante na cabeça das baianas porque

eu não tinha mais nada, não tinha da onde tirar. A minha parte de criatividade tinha se esgotado, achava eu, entendesse? Tô ali, na maior tristeza da madrugada e chega o Maco, ele me chama de mestre, né? - E aí mestre e essa cara? Que que tá acontecendo? Eu digo: - Maco, olha, tá acontecendo o seguinte, a gente não tem madeira, aquilo já faltava quatro dias para o carnaval, não temos madeira, nada e eu não tenho as horas.

O Maco tava bêbado aí ele saiu acho que uma hora depois senti os cascos de cavalo, era um cavalo arrastando as tora de eucalipto e horrores de bambu e que ele ia trazer alguém com uma motosserra para poder abrir aquelas madeiras para poder fazer alguma coisa com elas e deixou na frente. Essa madrugada teve muita coisa, aí o Jorge chegou e disse assim: - Tá, vou te tirar de dentro do barracão para tu comer alguma coisa para te distrair com alguma coisa, tá? (acende um cigarro). E aí nós andávamos de carro e eu com aquelas baiana na cabeça e digo: - O que que vou fazer com essas baiana meu Deus do céu. Nós andávamos aí pela volta digo: - Jorge, me leva no Cerro da Pólvora. O Jorge me levou no Cerro da Pólvora, o Cristo tapadinho de rosas de plástico na época, tapado, mais tapado, tapado, tapado, eu digo: - Jorge, vamos em casa e vamos pegar saco de lixo. Eu juntei todas as rosas de plástico que tu podia imaginar no Cristo, três de saco de lixo enorme.

Fui pra dentro do barracão o Cachorrão tinha conseguido tinta e um monte de caixa de spray vencido e para usar, tava maravilhosa eram dourado, botei as mulher tudo com água quente para tirar o sebo das rosa e spray, aquelas rosa tudinho de Dourado, mas é assim era uma montanha de rosa, eu fiz para cabeça das baiana um turbante tapado de rosas douradas, botei um monte de rosas douradas na roupa e fiz assim, um cesto tapado de rosas douradas caindo, as baianas ficaram maravilhosas. Enquanto as mulheres estavam lavando as rosas na madrugada, na madrugada alguém chega e diz assim: - Vocês vão ter que dar um jeito (entre lágrimas) porque o Maco vem a pé puxando duas zorras no braço no 131 nas Bretanha. É por isso que eu protejo esse nego sempre, sempre, aonde quer que ele estiver, dentro do Barracão pode tá bêbado, caindo,

falando horrores que ninguém me diz nada, ninguém diz nada para ele na minha frente, sem a minha reação, Entendesse?

Ele trouxe (...). Tiveram que ir lá, aí a Mocinha levantou telefonou para o Eduardo eu não sei quem foi que pegaram as caminhonetes e foram lá trazer as zorras que ele tirou de dentro da Granja no braço e trouxe para faixa lá das Bretanha e aí ele trazia uma, largava dava volta e puxava a outra, como é que eu vou esquecer de uma coisa dessa, jamais! E ainda ganhei o carnaval com a flor do Cristo.

Keity: Vamos arejar um pouco a cabeça, tá? Eu quero que tu recordes de mim o que tu lembrar tá, que memória tu tem de mim, sobre mim com o carnaval?

Cláudio: Eu sempre te vi desde pequena dentro da escola, mas o meu contato contigo foi a partir da rainha do carnaval do Clube 24 que a gente teve mais um contato, que aí eu te maquiava todas as noites, a gente conversava muito, entendesse? Mas antes eu te via sempre ajudando dentro da escola, tá, depois passo.

Quando passo nós ficamos amigos a partir daí né Keity, a partir daí ficamos amigos e talvez por nós termos ficado amigos eu tenho reparado mais em ti, na tua presença dentro da escola, depois porque sabe que eu sou assim, porque quando eu tô de carnavalesco eu não enxergo nada, eu não vejo nada, eu sou focado no meu trabalho, eu sou de falar pouco e quando eu falo como diz o Bráulio, né? Que eu tô sempre montado no porco quando tô dentro da escola, né? Porque não é fácil tu ser carnavalesco lidar com muita gente, né? Tu tem que ter um certo pulso firme porque senão a coisa vira, vira bagunça e no teu caso tu sempre ajudando e muito, né? Que a Keity, sempre ajudando muito, muito, muito e sempre disposta a qualquer, a fazer coisas e depois uma coisa (...) Oh, decidida aqui (...) Se é para fazer é para fazer agora tem que ser feito, que se pra pregar isso aqui vamos pregar agora, entendesse? É dessa maneira que eu te enxergo, um furacão! (Risos e gargalhadas) e um furacão necessário, né?

Keity: Tá aí tu recorda alguma cena que tinha te marcado comigo?
Cláudio: Contigo? Ai Keity, tipo o que seria, meu Deus do céu! Tô sendo sincero, não me vem nada assim na cabeça nada de extraordinário.

Keity: Nessa fase que tu me maquiou teve alguma surpresa quando tu me enxergou?
Cláudio: Ah sim, sim, sim, sim, sim, quando é, eu sempre te vi, assim, dentro da escola, desarrumadinha, aquela coisa toda, entendesse? E aí quando eu te maquiei, que eu te vi como rainha, no caso, te achei maravilhosa, maravilhosa como rainha, porque tu mudou muito, fisicamente era outra, não era aquela Keity que a gente tava acostumado a conhecer, né? Porque tu não tem, sinceramente, vou te dizer, tu não tem vaidade nenhuma, nenhuma, nenhuma, nenhuma, inclusive não foi só uma surpresa pra mim (...), com toda aquela fantasia, com todo aquele glamour por cima, entendesse? Então, aquilo me surpreendeu muito, muito, muito, muito bom, a Mocinha mesmo falava eu não sabia que Keity era tão bonita assim (risos). A Keity, essa nega branca dizia ela, né! Essa negra branca.

Então não tenho nada assim, talvez surja, talvez quando tu for embora eu lembre, mais no momento não me passa nada, porque sinceramente essa entrevista assim, me trouxe coisas assim porque eu sou uma pessoa que eu não falo, eu sou uma pessoa que se tu botar um microfone na minha frente eu engasgo e não sei nada, tá eu não sou de expressar emoções porque eu sou muito duro, eu sou muito duro, principalmente, nesse período, agora, que eu não tô dentro do barracão, mas eu tô vivendo isso entende, se então, eu me torno muito duro, muito duro, muito áspero e a muitas vezes a maioria das vezes grosseiro. Grosseiro, tá, essa minha grosseria durante época de carnaval eu acho que no fundo, no fundo, tem uma explicação, é uma defesa, é uma redom, porque nós somos frágeis, né Keity.

Keity: Considerando tudo isso que a gente conversou o tema carnaval, o carnaval em si, o carnaval de rua, escola que faz muito parte de ti e tu diz correr

no sangue, essa família que veio, de alguma forma ela foi trazida pra dentro da escola, a minha participação também vem adentrar a escola. Teria algum outro fato marcante memória, outras histórias eu sei que tem muitas histórias para contar, algo que tu ache que seja relevante, que seria interessante a gente contar, passar para outras pessoas porque a gente nota que a escola não é escola de rico como muitos costumam dizer e a essência que faz com que a gente tenha o sangue fervendo por ela?

Cláudio: Ai, em 85 quando realmente me tornei carnavalesco a Mocinha me dava a casa dela que era ali perto do Fernando Py, ali tinha uma casa ampla, né? Bom, eu passava trabalho pela falta de material, entendesse? Que não tinha material, não tinha da onde tirar e muitas vezes eu botei do meu bolso como teu pai botava também, quantos domingos eu e o Madruga. Uma vez não tinha nada para botar nos carros e nós abrimos a Joia e eu fiquei lá e veio teu pai e tua mãe na casa Joia e nós tiramos do bolso eu e o Madruga compramos rolos e rolos fechado de TNT para poder forrar aqueles carros.

Bom, aí depois a Mocinha trocou de casa, seguiu o mesmo problema porque aquela casa lá, o sobrado, o mesmo problema, eu tinha que trabalhar muito apertado ali dentro, mas a coisa ficou pior ainda quando ela foi para casa da mãezinha, porque ali eu tinha que trabalhar no pátio com uma lona preta por cima, cortando o cartão, muitas vezes a chuva, chuvaradas horrorosas entendesse e eu ali cortando o cartão fazendo tudo debaixo daquela lona, muitas vezes com fome porque não se tinha. Não tinha, mais de uma maneira ou outra e ela sempre vinha e dizia assim: - Aí, eu fiz uma sopa maravilhosa para nós todos agora. Aquilo como três horas da manhã, eu digo qualquer água quente é bem vinda e o Seu Nelson quando entro pra dentro, na cozinha, o Seu Nelson pegava e dizia: - Não é uma sopa, realmente, é uma sopa, só osso pelado com umas folha de couve, Seu Cláudio. Dizia Seu Nelson pra mim.

Olha toda dificuldade naquele pátio cortando o cartão, colando e com chuva e aí tu fazia as coisas tu armava e a casa chovia como na rua, porque tudo que eu armava na rua, decorava na rua eu botava para dentro, porque no lugar que eu

guardava quando a chuva vinha, a chuva destruía tudo tá porque a gente trabalhava com muito cartão na época e trabalhávamos com cola branca e a cola branca, molho, destruiu. A gente não tinha aquela coisa de trabalhar com cola de sapateiro ou trabalhar com a cola de isopor que é uma cola que é uma cola firme, entendesse? Então desarmava tudo, plumas tingidas que eram um terror para dia de chuva, para umidade, porque ela molhou, escorreu, ela mancha tudo que está embaixo dela. Quantas e quantas vezes aconteceu isso, desesperado com as fantasias prontas, principalmente, porta-bandeira ou outro destaque, principalmente, que corria chuva em cima e manchava tudo aí tinha que tá tirando as plumas correndo alucinadamente botando em tanque lavando, secando da maneira que fosse, entende? É tingindo pluma.

Carnavais que choviam uma semana antes e chegava o carnaval chovendo, então aquela expectativa, não, mas nós temos que fazer, porque se ficar bom o dia, a gente tem que fazer, tem que terminar, então tingindo pluma com chuva secando pluma com chuva. Eu secando as plumas em cima do fogão a gás o tempo todo né, como gastei uma vez um bujão na noite porque eu tingi a escola inteira e tinha que secar as plumas da escola inteira e elas não podem ficar molhadas, né!

E outro fato também da Mocinha, trabalhar até altas horas muitas vezes virar as noites em cima da máquina de costura junto comigo. Ali tá, às vezes dormia na máquina de costura, muitas vezes quando eu levantava a cabeça, ela tava com desenho da tesoura direitinho no rosto, cansou de acontecer isso, né? Aquela época se desfilava sábado, domingo, segunda e terça, nos 4 dias e chegar no sábado e ela se levantar da máquina de costura, tirarem ela dali tá porque muitas vezes tinha coisa que não dava para terminar e que a gente podia que ir crescendo fantasias, nunca diminuindo, então tá, não deu pra fazer aquilo, tudo bem, é pra poder tomar um banho para vir para Maria Hortência se vesti lá, porque ela tava com vestido aqui na Maria Hortência, dela chegar muitas vezes desmaiada de tirar ela do carro desmaiada, tá então vestindo e botando comida na boca dela e botando comida, comida, comida, comida, né? Para ela

poder ir e mesmo assim ela saía da casa caída quando ela chegava para formar, no Bar Central aquela mulher seguia e girava, girava, girava...

Aí teve um ano Keity, foi muito engraçado, ela dizia para mim assim: - Esse nego Veríssimo, esse nego tá bêbado, esse nego vai me derrubar, tu cuida esse nego, esse nego vai me derrubar". Eu ia falar, vai começar Verissimo, te acalma, por favor, para de fazer muita pirueta e agarrar na mão da Mocinha porque tu vai em direção a calçada e tu puxa ela, tu vai derrubar ela, numa dessas deu uma ginga pra lá, ginga para cá, eu acho que me arrebentou minha saia de armação, quase perto do palanque oficial, eu digo: - Aí, não acredito, quando eu olhei para baixo do vestido eu senti que tinha um tanto de saia e eram umas saias engomadas na época, que elas não tinham estrutura de mangueira elas eram engomadas com goma que só elas sabiam fazer, que a mãezinha fazia, aliás era uma coisa dura que nem lona, barraca, eu digo ai não acredito, não acredito, tu acredita que ela começou a fazer evolução na frente do palanque oficial e a saia saíu ela só levanto assim o lado e passou por cima da barraca aquela que ficou armada e se foi embora, com a saia meia murcha girando, girando, girando e ficou direitinho uma barraca armada na frente do palanque oficial, eu e ela, eu fiquei apavorado, né? E quase chorei, mais no mesmo tempo era uma situação tão e tão cômica que eu olhava pra ela, ela se mijava rindo com a bandeira na mão, e eu, nós rimos o tempo inteiro até terminar o desfile, né? Porque tinha ficado aquela saia de armação na frente do palanque.

Keity : Relação escola x Mocinha?

Cláudio: Ah, sempre foi desde que ela assumiu que isso aí eu não posso te falar porque eu não estava entendesse, mas eu acho que desde o momento que ela assumiu a escola de samba Estrela D'alva, (...) É porque, na realidade, até agora, por exemplo, eu falo escola de samba Estrela D'Alva é como se eu falasse Mocinha, eu não consigo separar, não consigo separar, eu acho que nunca, nunca, nunca vou conseguir separar, Estrela D'alva e Mocinha e Estrela D'alva e a bandeira vermelha e a Mocinha e a bandeira vermelha, não tem, não tem, não tem como separar, é uma só, para mim, é uma coisa só Mocinha e

Estrela D'Alva não tem, eu acho que para todas as pessoas, para os antigos da escola as pessoas que viveram o período que conviveram dentro da Estrela D'alva não consegue separar, não consegue não e só eu, não consegue.

Keity: E essa família que tu fala Estrela e a família da Dona Mocinha, ela foi a ligação?

Cláudio: Sim, sim, sim, sim, só que a Mocinha tinha muito aquela coisa de agregar sempre, sempre agregando, sempre agregando, entendesse? Tá e sem dúvida, tanto a parte da família de sangue quanto a parte da comunidade, comunidade se transformava numa grande família, ela trazia gente. Ela é muito carismática demais, demais, então não tinha quem não gostasse da Mocinha, né? E gostar é aquela coisa de respeito, né? De respeito porque eu e a Mocinha fomos, extremamente, ligados, mas assim, tu não tem ideia da ligação que a gente teve, eu e ela tá, do carinho que ela tinha por mim, tudo que eu colocasse a mão eu sentia no olho dela. Ela fica maravilhada, maravilhada com as coisas que eu fazia entendesse, então no começo do meu trabalho, eu acho que eu não fazia para a comunidade, eu acho que o meu trabalho, acho que eu fazia para ela, para ela mostrar para a comunidade, eu fazia, tudo que eu fazia, fazia para ela, qualquer coisa que eu fazia, eu já levava pra ela ver. Vem aqui ver, vem aqui ver e ela vibrava com o que eu fazia, tanto na parte como carnavalesco, como a parte no salão, tu sabes só quem cortava o cabelo dela era eu e eu que maquiava. E para festas ela ficava enlouquecida, quando pôde fazer uma escova, de cabelo liso comigo, entendesse? Ela ficava como uma semana durinha que não queria lavar os cabelos para não desmanchar, então ela era assim, eu sou muito agradecido a ela, pela amizade dela, entendeu? Pelo companheirismo, porque me faz muita falta, (emoção) não como pessoa de carnaval, mas como pessoa e faz falta demais.

Sinto falta dela, sinto falta do Seu Nelson demais, porque tinha muita gente que não gostava dele eu era completamente louco por ele, sempre foi extremamente atencioso comigo, entende? Sempre preocupado comigo, Seu Cláudio tá muito cansado, Seu Cláudio, o senhor tem que dormir e, preocupado

porque ele via a minha preocupação com a falta de material, entendesse? Via e depois na parte da bateria, gente de Deus, aquilo ali ele mentalizava, não sumia uma baqueta um talabarte, não sumia um parafuso do negócio, porque estava sempre de olho quem saia e quem entrava, ele controlava tudo, tudo, tudo, tudo, juntamente com apitador e com os mestres de bateria, ele trabalhava em conjunto ali, então eu sinto muita falta do Nelson também na parte da organização da parte do patrimônio e instrumento.

Até o ano passado eu não posso reclamar do Amaro, que o Amaro foi excelente, ele sempre foi excelente aquele guri, ele passava a tarde inteira, talvez agora um desabafo, mas eu vou ter que falar, ele passava a tarde inteira. Uma hora sabe que os tambor de couro tem que pegar sol e tem que passar sebo, não adianta tem que ter manutenção para afinação tens que ter e toda vez que tu recolher tu tem que apertá-los, se estão num lugar úmido tu tem que manter elevados porque a umidade mexe com afinação. Tá, o Amaro cuidava de tudo isso durante anos agora tá esse outro menino ai, ele não bota tambor na rua nunca, os tambor estão todos eles no piso, naquela peça úmida, aquela peça não é varrida a anos, não é varrida a anos modo de dizer, não é varrida a meses, é uma sujeira horrorosa pedaço de instrumento pra tudo que é lado tá, se chove ele não aparece para botar as lonas por cima, chove nos instrumentos quando chega de noite tu vai ver lá na frente é um horror, é dão três quatro batida e já voltam pra largar o instrumento lá dentro porque o instrumento está totalmente desafinado, então que dizer eu sinto falta do Nelson nessa parte, se o Nelson fosse vivo, isso não estaria acontecendo agora, entendeu? Porque não estava acontecendo porque o outro menino era, extremamente, competente demais, demais, demais.

Tu não tem ideia aquilo era tudo pendurado nas paredes, ontem eu fiquei horrorizado quando abri a porta, as caixas, que as caixas tem os parafuso, né? As caixas em cima dos maracanã, em cima dos surdos, os surdos de couro pressionando, tu tira uma caixa tu fica as quatro marca do parafuso, aquilo não pode acontecer, dos chocalhos em cima também dos maracanãs tu tira tá tudo marcado com os discos aquele no couro e o couro tá ali como tava esses dias.

Eles já não ensaiam há dias, né! Que pegou umidade porque choveu. Porque o couro pegou umidade dentro da peça, então ele amoleceu um pouco e ele tá marcando com aquele monte de coisa, então tudo isso aí me dói profundamente, me dói, me dói, porque se a bateria não vai bem, acaba com todo teu trabalho dentro do barracão, porque é um quesito de peso e eu dependo dela porque eu posso perder o carnaval, eu já ganhei carnaval diversas vezes perdendo em bateria, mas por décimos, meio décimo, mas eu tô com medo desse ano pelo fato da gente não ter nada em termos de afinação, ter cuidado os instrumentos, os caras dão uma batida arrebenta um couro, porque? Porque não tá afinado!

Keity: Vou te fazer só mais uma pergunta, tu falou no nome do Madruga quem é o Madruga na escola quem é essa pessoa?

Cláudio: Meu Deus, o Madruga na escola, como diz a Lorena, é aquele paizão, porque eu não enxergo Madruga como parente da escola como componente, eu enxergo Madruga, aquela pessoa que tu pode contar todo momento, tá é que a tua mãe a Sônia, às vezes dá uma travada nele porque realmente o Madruga não é um gurizinho, ele tem problemas de saúde também, mas ele não tá nem aí para problema de saúde, então tu pode contar com o Madruga para tudo, qualquer probleminha que surge tu telefona pro Madruga: - Ai Madruga pelo amor de Deus, Madruga pelo amor de Deus. Ou, muitas vezes, tu nem precisa telefona, hoje mesmo ele apareceu lá e a Lorena dizia assim para mim: - Hoje eu vou levar tudo que tem pronto para os carros já, os adereços todos que estão prontos e levar todo material, porque tem horrores de material, graças a Deus, cada rolo de material bonito, (...) digo, e eu: - Tô precisando de mais um braço direito lá (...). Quando terminou e botou o cigarro na boca entrou o Madruga e ai já querendo ir para carro, porque o forte do Madruga é carro.

O Madruga, como vou explicar, assim, como eu gosto de dentro do barracão, mexendo com a parte de adereços, né! Do brilho, o Madruga adora tá pregando, cortando, entendesse, ele adora fazer essas coisas, ele adora, realmente, ele adora fazer isso e nesse ponto é uma segurança enorme que a gente tem.

Mesmo que troque diretoria, mesmo que troque as pessoas que estão ajudando, mas tem duas pessoas que não me deixam para trás é o Catapa que é que é como se fosse esqueleto da escola, queira ou não queira ele é um esqueleto, ele arma todos os adereços, ele arma base da escola inteirinha, inteira além de ser maravilhoso na parte dele dentro da bateria, porque ele é um dos antigos, daqueles que seguram uma batida da cadência da escola e ele é um deles, além de ser extremamente competente na parte dos adereços, né? E o Madruga, um apoio dos carros abre-alas, sempre, eu não consigo ver o Madruga fora do setor dos carro e das alegorias, entendesse? Porque ele sempre foi, sempre foi, muitas vezes assim, não tinha ninguém, ninguém, ninguém, ninguém, era só o Edmundo, é outro que me faz uma falta horrorosa também, e o Edmundo: “Cláudio, por favor, eu não tenho experiência”. Quem? Edmundo, te acalma que o Madruga vai chegar é para os carros. Pros carros? Te acalma, que o Madruga vai chegar quando? E dito e feito, né! É duas e três, ele aparece da bicicletinha: E aí quando é que vai começar os carros? Como é que vão começar os carros e outra coisa, né Keity, quando eu tava naquela sofridão pra poder terminar a frente da escola pra poder terminar tudo, tudo, tudo, eu entrava em desespero porque eu não podia ir para dentro do (...), raramente eu só pude fazer os carros quando a escola, quando o atelier, o meu barracão foi junto com os carros e os carros estavam junto comigo que foi 2013. Que no meu ponto de vista 2013 foi o maior carnaval que eu fiz na minha vida, eu nunca vi minha escola tão linda que os carros alegóricos eram bonitos de frente a fundo, perfeitos! Que era aquela caravela gigante era o carro da Sonia Roncato, o carro da Silva Helena com aqueles monumentos, vinha outro carro com a Mara Carneiro cheio de beija-flores e coisas que a Mocinha vinha sentada então eu nunca fiz um carnaval tão bonito mas eu estava ali, eu tava fazendo as coisas com a escola, fazendo as coisas para as fantasias das alas e ao mesmo tempo fazendo adereço para as alegorias, eles estavam ali! Então eu tava parado aqui e colando grega, bordando alguma coisa e falando com o Madruga ali, ai aumenta ali, não levanta pra cima aqui, e o Cântico no outro carro, então foi ótimo assim que eu trabalhava ali, agora, eu trabalhando dentro do barracão e

os carros lá 1 km de mim, é impossível! Porque eu não posso sair de barracão, eu não posso soltar o que eu tô fazendo pra ir lá quando chega duas semanas cada minuto para o carnavalesco é uma preciosidade entendesse? Então é isso. (Um suspiro profundo).

Keity: Respira então, muito obrigada foram histórias ricas, vai render bastante frutos, obrigado por te emocionar, a emoção faz parte da gente e só quem ama o carnaval se emociona, só quem ama a Mocinha sente essa emoção que a gente sente, né? Porque ela é uma Âncora da gente, eu tô muito feliz com a tua entrevista, realizada, eu sabia que ia ter muita coisa boa e que ia render bastante.
Muito obrigada!

Anexo 8- Entrevista com Luiz Carlos

Entrevista na íntegra com Luiz Carlos
Tempo de duração: 29 min. e 55 seg.
Data: 09/02/2018
Horários: 18h
Keity: E pra gente começar essa conversa, essa contação de histórias, eu queria que tu te apresentasse para mim saber quem tu é, seu nome, sua idade?
Luiz: Bom, a idade 73, vou fazer agora dia dos namorados no mês de junho, meu nome é Luiz Carlos Marques, mais conhecido dentro da escola como frigideira, que mais que tu me perguntou?

Keity: Uma apresentação básica teu nome, tua idade, casado?
Luiz: Não, sou viúvo

Keity: Então é isso.

Keity: Eu queria que tu me contasse, me falasse um pouco, assim, sobre a tua relação com o carnaval e com a escola da onde surgiu tudo isso?
Luiz: Isso aí surgiu com os 13, 14 ou 15 anos, a primeira vez surgiu o tal nome Estrela D'alva, depois não saí mais, então a gente fez esse bloco saindo sem querer em 63 e saiu participou do carnaval e em 64 a gente resolveu registrar o nome Estrela D'alva, nesse período, assim, eu tinha nessa fundação, eu devia ter uns 17 anos, mais ou menos, para 18, já tava quase no (...) período da Revolução de 64 que a gente fundou em 18 de Março.

Keity: E tu lembra como foi a sua fundação? Como vocês (...) tu trouxe uma foto que tu disse sobre a parceria?
Luiz: Embaixo de uma parreira na casa do seu Augusto Borges dos Santos, o mais velho da turma, o coroa da turma, tinha o finado meu pai, mas ele não participou dessa reunião e outras pessoas que agora, no momento, não lembro. Os filhos dele, que o primeiro filho dele mora em Porto Alegre, esse filho foi o primeiro presidente, a filha dele que tem uma foto aí, ela é falecida, foi a primeira madrinha, a Vera Lúcia, e depois aí fizemos essa reunião embaixo de uma parreira entre a turma e fomos registrar. O primeiro presidente foi o filho desse coroa que eu falei, o Seu Augusto, o primeiro presidente foi o Carlos, Carlos Borges.

Keity: Me conta, assim, como que surge essa vontade de montarem uma escola, uma agremiação?
Luiz: Eu acho que a vontade foi dos jovens da época, ali. Os coroas tudo gostava de carnaval, então a gente resolveu (...). Adorava de ver escola de

samba, então eu digo, a então vamos sair, então vamos ver como é que vai ser, o quê que vocês acham da gente fundar a escola já que a gente não pode sair com ela, em 63, saímos o bloco intitulado “Saímos Sem Querer”, o nome tá dizendo tudo, né? Saímos Sem Querer porque a gente não tinha condições de botar escola na rua, aí resolvemos, fundo da ela para dar seguimento.

Keity: Essa tua relação, Como se dá com a escola Estrela D’alva? Essa relação é uma relação que surgiu em 64 onde vocês fundaram e como é que ela vem a partir daí, de lá para cá como acontece, como tu te sente aqui dentro fazendo parte?

Luiz: É são 54 anos, né! Vai fazer agora 54 anos, em março, só posso me sentir bem, né! Espero que o dia que tentarem me fazer uma homenagem a mim, que faça quando eu tiver vivo depois de morto não adianta porque eu não vou ver mesmo e já fizeram várias para várias pessoas, mais só que depois de falecido a pessoa não vai ver mesmo, não vai participar de nada.

Eu tive afastado uns anos, que a gente fundou outra escola, assim tivemos um mal entendimento lá, que não deixaram os fundadores entrar no baile que nesse baile, este coroa que eu tô falando, o seu Augusto, era o dono da Chácara onde fizeram o baile e aí proibiram os fundador de entrar, mas quem mandou? A foi fulano lá dentro, não sei o que, aí a gente se desgostou daquilo, aí a gente fundou a bandeira branca, nos anos 70, 71 em diante, não me lembro muito bem a data. Certo, eaí continuamos, saímos três anos e também não vingou a bandeira branca, ai eu me afastei um pouco do carnaval, os anos 76 eu fui pra Rio Grande trabalhar, então foi daí que eu me afastei na sociedade, me licenciei de clube que era sócio, aí passei uns anos.

A minha mulher eu conheci ela, justamente no ano 68, foi a primeira vez que a escola saiu um luxo, todo mundo se admirou, todo mundo de cetim, naquela época só existia aquela calça preta, ou aquela calça branca e uma blusinha que as escola saiam antes, então eles fizeram isso aí, né? E nesses anos que eu fui trabalhar eu parei, depois fui para Porto Alegre também trabalhei com vigilante, fui transferido. Depois voltei para trabalhar no Banco do Brasil, aí todo esse

período que passou eu só assisti os carnavais, eu não saía, só assistia, foi a época da Mocinha.

A Mocinha foi uma pessoa, bah! Impagável para escola, nunca deixou escola cair, ela pode se chamar que a finada da Mocinha, pode dizer dela é o seguinte, que ela, como que eu vou te explicar, é uma co-fundadora que a Mocinha, na realidade, ela não participou dessa fundação em 64, ela entrou nos anos 70, foi quando eu fui o primeiro mestre-sala dela e por isso que a Mocinha é querida e admirada por isso, né! Ela nunca deixou essa escola cair.

Tá, eu assisti os carnavais participava com meus netos, como a minha família, voltei uns anos depois, em 2008, e aí o Airton diz: - Como é que é vamos sair, fazer aquela nossa dupla na frente? É que nos tinha três destaques naquela época que saia com três destaque na escola com instrumento, né?

Keity: Assim, Mocinha é um nome poderoso na escola?
Luiz: Um nome poderoso na escola.

Keity: É um nome forte?
Luiz: Bota forte nisso, aquela dava o sangue pela escola.

Keity: O que representa esse nome Mocinha?
Luiz: Maria Cesarina Cardoso, eu não esqueci nunca o nome dela, nunca esqueci

Keity: O que representa essa mulher? Essa mulher.
Luiz: Essa mulher, bem dizer, um baluarte dentro da escola, ela só não fez chover quando dentro da escola, tá. Ela amava essa escola.

Keity: E assim essa escola vem?
Luiz: Ah já vou te dizer uma coisa, na fundação, me fugiu isso aí, a fundação (...) ela foi o primeiro registro que sumiu esse registro, o primeiro registro é Academia do Samba Estrela D'alva, não sei tu vê tem o nosso amigo Maco, o

irmão da Mocinha, já que nós tamo falando na Mocinha que, até hoje ele fala, a minha Academia Estrela D’alva que foi fundada, assim, a primeira fundação, a Mocinha que para efeitos (...) como é que eu vou te dizer, de ser ressarcida, ser ajudada, ela teve que botar como sociedade aí trocou para coisas que a Mocinha fez porque o primeiro registro foi Academia do Samba Estrela D’alva, aí ela fez isso para ter ajuda de custo e trabalhando com uma escola beneficente para ter ajuda, tinha até me fugido isso, aí a primeira fundação foi Academia do Samba, não sociedade, assim.

Keity: A família Estrela D'alva, eu vejo ela como uma grande família eu faço parte dessa grande família, mas desse meu andar dos meus 36 anos aqui a Mocinha é um grande ícone, para mim que elencou e trouxe duas famílias para cá, a família Machado e a família Madruga. O que que o senhor tem para me dizer dessa junção de famílias?
Luiz: Olha para te falar a verdade eu conheci já, claro, da parte Machado aí foi a primeira família que eu conheci, no caso a Mocinha que foi minha parceira de primeiro mestre-sala dela, a Mocinha, o Marco, o Derli, o Neco e o Vandeco, essa turma toda deve ter me fugido algum visse, e já o Seu Madruga eu vim conhecer uns anos atrás, por sinal, que pessoa né? É outro que ele quase não aparece as vistas das pessoas, mas ele colabora e ajuda muito pela Sociedade Recreativa Estrela D’alva.

Keity: Essas famílias?
Luíz: É teu pai é uma pessoa excelente, bah! Eu adoro Seu Madruga, sabe onde eu conheci eles, nos ensaios que tinha na coronel, eu não lembro o ano, sei que era um garajão que tinha, lá na Coronel onde tem uns eucaliptos assim é quase perto da onde eu moro porque eu moro na Pindorama, parece que era o Seu Tranquilino que sedia um garajão que tinha ali, foi ali que eu conheci a Sônia e o Seu Madruga, isso já foi uns anos bem pra cá, né? Foi quando retornei para escola em 2008 por aí.

Keity: Então vamos puxar pelos Machado que o senhor já conhece a mais tempo, essa família que chegou, ela veio trazida pela Mocinha e hoje, nos dias atuais, o senhor acha que essa família continua firme e forte que essa família ainda consegue se manter fazendo parte dessa escola?
Luíz: Claro, para bastar tá aí o Maco, tá aí o Neco, o único que está afastado foi Vandeco e o Derli, foi tudo da escola, o Derli era pequeno, foi passista, o Maco foi passista, o Maco foi puxador de samba-enredo. O Derli passou a participar da bateria depois que ele cresceu um pouco, deixou de ser passista e depois se tornou mestre de bateria e o Maco, como já frisei, foi passista também, o Neco foi passista, depois o Marco teve um período que foi puxador de samba e depois ficou na bateria, daí não saiu mais. Então essa família gosta da escola, o único que é meio afastado, que eu vejo afastado, era o Vandeco, era remunerado pelo Aguenta, então ele saía todos os anos, ele saia de mestre-sala apesar de lhe dizer que era Estrela D'alva de coração, desde pequeno, é o que eu lembro da parte do Vandeco.

Keity: Então o senhor tocou no ponto que me chamou atenção, que é a remuneração, a Estrela ao seu ver desde que ela foi fundada até os tempos atuais, essa população, essas pessoas que vem para cá, que fazem parte do nosso barracão, estão aqui presentes, muitos são por amor ou só pelo financeiro?
Luìz: Não, por amor. Se eu vou te dizer assim, para frisar bem, é 98% coração, 2% eu sei que é remunerada porque tem gente que precisa também, tu não vai não né, mas as pessoas precisam então, por isso tem esse 2%, mas a maioria que tiver aí dentro é de coração.

Keity: Esse amor vem de berço ou é cultivado?
Luìz: Eu acho que a escola cultivou isso aí com passar dos anos. Foi cultivando, cultivando, cultivando e as pessoas tem adoração, chegam a se brigar até para sair e não é só gente de Jaguarão que vem, vem gente em peso do Uruguai e pessoas que às vezes nem são (...). Vem gente que vem de Montevidéu, tu vê

que a Estrela soube cativar essas pessoas e cultivou, isso aí fora, os nossos daqui e tem um monte de pessoa para nomear Paulo Eduardo Marques, a gente se chama de parente porque temos o mesmo sobrenome, né? O finado cordeiro, pai da Fernanda que foi a segunda madrinha, pessoas que já partiram (...), esse pessoal que vem do Uruguai tem uma senhora chamada Alice que ela sai na ala de baiana, ela vem todos os anos de Montevidéu, ela mora em Montevidéu, para desfilar na escola ainda traz uma irmã. Quer dizer, a Estrela cativou as pessoas e com isso começou a trazer.

Keity: Com isso aí Estrela se tornou uma grande família?
Luìz: Bah! E bota família nisso, o pessoal daqui, por exemplo, assim, no caso a Lorena é a carnavalesca, ela desde pequena sempre adorou a escola, participou muitos anos nesse período, eu não saia, foi quando eu tive afastado, a Lorena, a Vanessa que dava aulas de passos de samba aqui dentro da escola são pessoas (...) a Cris, a mulher do presidente e o próprio presidente é doente e a Estrela é incrível, as pessoas que tem aqui dentro. É lindo de ver.

Keity: Pode-se dizer que a Estrela é um pouco de cada um, é minha, é tua, é nossa?
Luìz: É nossa, é de nós todos! A Estrela é isso, tem uma parte agora me fugiu, fora a saudade que dá daqueles que já partiram, era lindo de se ver, tem muita gente bacana que saiu e que não está mais entre nós, eu ainda tou aguentando, eu e o Airton Barbosa. Barbosa também não aparece aqui, não sei o que houve, tem esse que foi o primeiro presidente que mora em Porto Alegre, capitão do gato, que ele era sargento na época, também ajudou na fundação, é filho deste senhor, o Seu Augusto, onde nós fundamos debaixo da parreira, são tudo gente que fundaram (...). Finado Dinei, do Banco do Brasil, eu me esqueci que foi nosso segundo o presidente, após o Carlos. Já ia me esquecendo uma coisa muito importante eu fui o secretário do finado de Dinei Siqueira Silva, ele era funcionário aqui do Banco do Brasil e era doente.

Keity: A pessoa que mais tempo se manteve como presente da escola?
Luìz: Puxa eu acho que quem repetiu várias vezes foi o finado Dinei, o Paulo Eduardo, assim, esporadicamente, mais um ano, dois, quanto muito, depois passava dois, três e aí assumia a presidência. O Paulo Eduardo também teve uns quantos anos assim esporadicamente, né? Passava dois anos aí ele saiu fora, aí vinha de novo e eu acho que o que mais foi presidente do período da fundação pra cá foi o Dinei se não me engano, também não vou ser preciso nisso aí, saí faz tantos anos.

Keity: Me diga outra coisa, a gente vem falando do carnaval, que a estrela é uma escola e eu entendo ela como do povo, para o povo, né! Que ela abraça todos e nesse abraço se junta tanta gente, tem muitas histórias, né? Então eu queria, assim, que você me acordasse de algumas, umas duas ou três que tu recordar, assim, que te marcou, que deixasse registrado para esse meu trabalho, que fosse algo marcante, você já me contou da fundação embaixo da parreira. O que mais?
Luìz: Foi a perda de um rapaz em pleno carnaval e nós passamos em silêncio na Avenida, isso me marcou, assassinaram ele em pleno carnaval, nós desfilamos só com o tambor dele em silêncio, o povo chorava isso aqui, isso ficou marcado para mim para o resto da vida, foi forte finado Kiko Francisco Mendes. Até, por sinal, eu sou Mendes, a gente se chamava de parente, que pessoa bacana ele.
Era uma pessoa que, bah! Até hoje a gente lembra isso aí e fica pensando que as coisas, aí fora os amigos a gente perdeu os amigos bons, mas esse aí marco, esse marco, foi um assassinato em pleno carnaval, foi horrível isso. Não dá para esquecer, é difícil…

Keity: E no longo desses anos se tem muito trabalho para se botar escola na rua, teve uma pausa no início para nos tempos atuais agora isso continua sendo puxado trabalhoso colocar a escola na rua?
Luìz: Não é fácil, é difícil.

Keity: Um ponto marcante de superação que vocês conseguiram botar escola na rua?
Luìz: Um ponto marcante? Da minha época ou do período dos outros?

Keity: Da tua época, que sempre tem alguma coisa que marcou muita a gente, o que fica pode passar o tempo que passar a gente não esquece.
Luìz: Uma coisa que marcou pra mim também que a escola não era vermelha e branca.

Keity: Uma coisa interessante, me conta?
Luìz: Eu não me lembro se era azul e branca ou verde e branca, naquela época não existia a manchete o cruzeiro, então a gente escolheu a fantasia, a nossa primeira fantasia estilo com jabô e aí procuramos o tecido, branco tinha a vontade em Jaguarão e agora o que a gente faz? Ia nas lojas só tem vermelho, então vamos botar vermelho e branco, fazer o que? Eu não sei se era azul e branco ou verde e branco, isso não recordo bem, eu só sei que não era vermelho e branco, isso aí também é uma coisa que marcou, entendesse? As vezes o cara pergunta mas a escola sempre foi vermelho e branco eu disse quando nós fundamos não. A gente saía de camiseta e calça depois que passamos a ser coloridos, em 68, que ai a gente saiu tricampeão 68, 69 e 70, em 71 perdemos pro Aguenta. Então a fantasia não tinha cor que nós desejava para a escola e a gente resolveu botar o vermelho, aí ficou vermelho e branco e agregamos o dourado. Em toda escola quando não é prata é dourado, não vê o Aguenta, o Aguenta é azul e branco, mas tem prata, nós é o dourado.

Keity: Boas histórias a gente sempre acha que a escola nasceu vermelha e branca...
Luìz: Não, não, não, para bastar que tá aí a foto em 65, 64, 65, tá aí a foto eu tava no exército na época (...)

Keity: A Mocinha foi porta-bandeira a partir de que década, de que ano?
Luìz: Foi a partir dos anos 70, foi quando ela surgiu na escola.

Keity: E aqui tem uma foto com Veríssimo
Luìz: O Veríssimo, Veríssimo, meu parceiro.

Keity: Quem é Veríssimo?
Luìz: Bom, o Veríssimo eu não sei como (...) eu só sei que eu vi ele envolvido junto com a Mocinha e aquele negócio todo e a gente se conheceu naquelas noites de Boemia, sabe como é que é, o parceiro desfilava dentro da escola a gente se conheceu e ficou amigo e teve essa grande amizade até hoje é uma das pessoas que eu até hoje lamento de ter perdido. Às vezes eu vejo os desfiles, aí do que o nosso atual presidente tem dos carnavais passados, onde surgiu ele, bah! Chega (...) a gente fica pensando, pô! O que é a vida? Mas tem que seguir em frente, senão não dá para se segurar só na saudade, tem que deixar de vez em quando tem que deixar a saudade parar um pouquinho e relembrar mais adiante.

Keity: O meu trabalho ele fala sobre as memórias, saudade e faz parte das memórias.
Luìz: É de vez em quando a gente não pode deixar a saudade escapar mas vez em quando vem, aparece, né! O nosso ex-presidente faleceu bem jovem com cinquenta e poucos anos, o Edmundo, uma pessoa da família Cordeiro e a família Cordeiro ajudou a escola desde aquele período ainda mais que o Cordeiro era colorado, vermelho e branco e a filha dele foi a segunda madrinha, a Fernanda, tá aí esse amor daí passou dele pros filhos, passou pra Fernanda, passou pro Edmundo até o Rogério que trabalha na caixa também se não me engano ele faz parte desse prédio aqui (...). E aí eles nos cederam isso aqui ao menos é o que eu ouvi o comentário não tem precisado disso ai, mas é da família Cordeiro também.

Keity: Então Seu Luiz Carlos era isso queria ouvir um pouco das histórias lá de trás, foi muito interessante descobrir que a escola surge embaixo de uma parreira, foi muito interessante.
Luiz: Era numa casa, mais em baixo da parreira.

Keity: Interessante saber que a nossa escola não era vermelho e branco quando foi fundada então são...
Luiz: Eu não tô lembrado, eu não lembro disso aí, eu não vou te dizer qual é a cor tinha e naquela época era na base de todo mundo ajudando uns aos outros a gente recolhia doações nas lojas e nós ia com o livrinho de ouro pedir, na época do Livro de Ouro 2 cruzeiro, 3 Cruzeiro.

Keity: É a terceira pessoa que me fala no Livro de Ouro até hoje esse Livro de Ouro permanece?
Luìz: Não sei, eu não sei, sei que uns anos atrás quando o presidente Luciano da CEEE que ele foi presidente em 2013/2014 que até por sinal sai o campeão 50 anos da Mocinha, os 50 anos da escola em homenagem pra Mocinha e o Veríssimo, fugiu de novo (...) sobre o Livro de Ouro eles criaram tipo de um livro que cada fim de ano os componentes ajudar, quem pudesse com vinte reais, por ano, não sei, acho que isso aí não vingou mais acho que não cobraram mais (...).

Keity: Muito obrigada!

ANEXO Nº 9 -NARRATIVA DO ESPETÁCULO MOB'S

Essa história começa em meados de 1980, quando eu ainda era uma criança, onde nem sequer imaginava que na minha vida éramos construtores da nossa própria história, quando tudo parecia tão comum e que não parecia ser tão encantador.
Com o passar do tempo aquela vida simples foi se tornando um grande espetáculo...

Não um espetáculo montado por artistas, não um espetáculo planejado, mas um espetáculo real, construído com muita simplicidade, união e amor. O espetáculo MOB'S vem mostrar para vocês casos e acasos de uma família brasileira Desde seu princípio até os dias atuais.

Conforme o tempo foi passando tivemos muitas perdas e muitas conquistas e com isso fomos nós unindo cada um com seu tempero especial, cada um com seu brilho essencial, como o tempero de uma comida cada um contribui com o seu sabor e desta forma vamos montando o que temos de melhor...

E assim nossa essência vai se dando, acarretando em alegria, sorrisos, bebidas, canto, dança, amigos, família e principalmente com muito samba...

O principal tempero da nossa é a alegria e a fé.

Nessa história nem todos personagens não são tão populares, alguns não tiveram muito tempo por aqui, mas cada um e de grande importância para a construção desta história. Passado o tempo, vamos conhecendo e aprendendo os prazeres da vida...Entre eles estão os carnavais Onde as crianças tinham o seu espaço, na nossa cultura criança precisava se divertir no seu tempo e na sua hora**.** Nos bailes infantis as brincadeiras eram livres assim como os confetes e serpentinas. Além das mais diversas e alegres fantasias, haviam nas ruas os assustadores mascarados com suas máscaras de fronhas e as maravilhosas bonecas e bonecos que abrilhantaram as noites de folia do carnaval de rua...O popular bloco do negrão representava um marco na minha infância e encantava aquele singelo momento de alegria e diversão.

O ato mais importante até o presente momento da minha formação enquanto sujeito. Neste momento me torno representante da sociedade a qual minha família faz parte, a qual meu pai é presidente, tal sociedade que representa o povo negro no meu município que traz a cultura popular na sua história. Eu me torno soberana Rainha do clube 24 de agosto Tenho o prazer de carregar e representar uma sociedade que me representa e tenho a possibilidade de mostrar meu samba no pé e levar meu sorriso no rosto

Tendo no carnaval a representatividade do que é ter tudo que me honra junto e num mesmo tempo

Contudo essa história não começa e nem termina aqui...

Esse amor pelo samba vem da nossa raiz, a escola Estrela Dalva, escola de samba que tem mais de 50 anos de história, história que nossa família tem real contribuição na sua construção...Mesmo com muita dificuldade tivemos uma personagem principal que fez ela estar na avenida mesmo sem ter quem concorrer, da família saiam os compositores, cantores, mestres de bateria, componentes desde o mais simples instrumentalista até o casal nota dez de mestre sala e Porta bandeira.

Mas se hoje tenho este amor pelo carnaval, tenho gosto pela música, tenho dedicação pela dança, não é por acaso...Pois toda história tem um princípio, os ensinamentos da minha construção familiar foram muitos...

E não é por acaso que hoje estamos aqui…

A velha guarda representa não só uma ala de escola de samba, mas sim demonstra que esta tem uma história

Para concluir gostaria de apresentar o que o meus histórico social e familiar me transformou. ..

ANEXO 10- AVALIAÇÃO DO ESPETÁCULO MOB'S "NA AVENIDA DA VIDA".

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS CENTRO DE ARTES

CURSO DE DANÇA LICENCIATURA

AVALIAÇÃO DE TRABALHOS DA DISCPLINA
DE MONTAGEM DE ESPETÁCULO II- 2018-1

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome do(a) acadêmico(a): Keity Machado Lemke
- Título do Espetáculo: MOB'S "Na avenida da Vida"
- Nome do(a) Orientador(a): Carmen Anita Hoffmann
- Nome dos avaliadores: Catia Fernandes de Carvalho e Thiago Jesus da Silva Amorim

PARECER

Situando... conforme as palavras da diretora

"Este espetáculo vem contar uma história que tem início em meados de 1980, quando eu ainda era uma criança, onde nem sequer imaginava que na vida éramos construtores da nossa própria história, quando tudo parecia tão comum e que não parecia tão encantador. Porém com passar do tempo aquela vida simples foi se tornando um grande espetáculo... Não um espetáculo montado por artistas, não um espetáculo planejado, mas um espetáculo real, construído com muita simplicidade, união e amor. O espetáculo MOB's vem mostrar para vocês casos e acasos de uma família brasileira desde seu princípio até os dias atuais....

No modo como foi planejada e construída a recepção do espetáculo, fica demarcado o convite a entrar na atmosfera da festa do Carnaval. Nos deparamos com um cenário colorido e um repertório de marchinhas envolventes. E ainda, soma-se a esse convite, uma idéia prévia acionada pela frase que circulou na divulgação das redes sociais “Família MOB’S vai te encantar com um show de alegria”. Convite feito, começa então o espetáculo-festa da Keity, da sua família, da sua história carnavalesca.

Forma-se uma roda de samba criando o clima de festa. Em cima de uma mesa uma toalha vermelha com espadas de São Jorge e sua representação em uma estátua. Entra a banda ao som de “Vou acender velas para São Jorge...” Aos poucos os personagens vão adentrando o palco com seus modos singulares de sambar e acompanhando o ritmo de samba com palmas. Um pedido de resistência “Não deixe o samba morrer”. E o desejo de valorização da cultura negra, desejo potente de felicidade e liberdade “Um sorriso negro, um abraço negro traz felicidade...” Se arma na cena o clima da festa, da cultura popular, da roda de samba, do encontro no quintal.

O “corpo em festa” esse é o estado cênico que perpassa todas as cenas do espetáculo. E essa intenção presente nos movimentos de cada personagem que ali se apresenta é contagiante e vibrante. Das crianças aos mais velhos, nas suas mais diferentes corporeidades, o sentido do brincar o carnaval aparece em seu modo múltiplo. Porque carnaval é multiplicidade! Os diferentes corpos que ocupam o palco transbordam as histórias desses sujeitos, suas experiências enquanto sujeitos carnavalescos. Ou seja, trazem à tona as marcas desse cenário cultural, suas Identidades, laços de pertencimento.

E nesse panorama de festa, o corpo rouba a cena, ele é a vitrine que comunica uma gramática gestual própria desse contexto. De uma maneira muito diversa, são criados modos próprios de se comportar e de se mostrar durante o carnaval. [1] As formas de se vestir, o repertório de movimentos, a gestualidade, os códigos, ganham visibilidade através do corpo. Corpo esse que é educado a partir de diferentes práticas pedagógicas e práticas sociais num contexto cultural

específico. O corpo é produção que se dá no território do carnaval, ele é construído a partir de uma gama de conhecimentos que constituem as experiências singulares dos sujeitos. Cada sujeito carnavalesco que entra em cena nos conta, dançando, a sua história.

Pertinência do tema:

No carnaval de rua os negros e as negras conquistam visibilidade estética, pelo sentimento de pertença e pela beleza da festa. São produtores do carnaval e são produzidos/ marcados pelo carnaval.

A forte presença da figura da Dona Mocinha na memória da família para além disso, na memória do Carnaval de Jaguarão, representando resistência. Pois, ela teve um papel de luta pela manutenção do carnaval de rua, atuando junto à Escola Estrela D'Alva e demarcando protagonismo de mulher negra.

-Trazer esse tema para academia

NOTA DOS AVALIADORES (MÉDIA)=

Sociedade Beneficente Recreativa Estrela D'Alva e banda Dama da Noite

Produção: organização do espaço, recepção do público, garantia das necessidades do espetáculo

Coerência entre concepção coreográfica e os elementos da composição cênica: iluminação, design de luz, trilha sonora, cenografia, elementos cênicos, figurino, maquiagem

Coerência entre concepção coreográfica e tipo de movimento

Padrões de movimento

Gêneros de dança e o tema

O desenvolvimento da linguagem corporal

Preparação cênica-corporal do elenco adequada para a proposta e de acordo com o contexto do trabalho

Tempo cênico- duração, ritmo das cenas, costuras, elos de ligação entre uma cena e outra (foram narrados textos), ritmo da obra.

Estratégias coreográficas- adequação do tema- estímulos da composição

Carnaval é considerado uma das festas populares mais animadas e representativas do mundo. “Rito sem dono...é de todos cada qual brinca como pode” Carnaval é múltiplo! É do povo! Celebra-se de múltiplas formas os mais variados temas.

“Corpo- meio potente de linguagem, pois carrega consigo a possibilidade constante de produzir sentidos a partir de sua condição de símbolo, sendo ao mesmo tempo, produto e produtor de uma gama de significados, os quais só podem ser apreendidos contextualmente no seu ambiente de ocorrência” (Thiago)

---

[1] Segundo Thiago Amorim Jesus (2013), estes aspectos auxiliam na compreensão do ethos corporal carnavalesco, que está associado a algumas marcas simbólicas produzidas pelo comportamento dos sujeitos durante o desfile de rua. Todavia, tais signos da linguagem corporal empregada não delimitam uma gramática gestual

fechada, uma vez que a produção de novos signos se dá permanentemente dentro de tal contexto.